



**Universidade do Estado da Bahia**  
**Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local**  
**Mestrado em História**

**Soanne Cristino Almeida dos Santos**

**Nacionalismo de esquerda: Frente de Mobilização Popular de Una  
(1963-1965)**

**Santo Antônio de Jesus**

**Agosto/2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Soanne Cristino Almeida dos Santos**

**Nacionalismo de esquerda: Frente de Mobilização Popular de Una  
(1963-1965)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia.**

**Orientador: Dr. Carlos Zacarias Figueirôa de Sena Júnior**

**Santo Antônio de Jesus/Ba**

**2010**

**Nacionalismo de esquerda: Frente de Mobilização Popular de Una  
(1963-1965)**

**Defesa em: 30 de agosto de 2010**

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Carlos Zacarias Figueirôa de Sena Júnior (Orientador)**

---

**Prof. PHD. Jorge Ferreira (UFF)**

---

**Prof. Dr. Paulo Santos Silva (UNEB)**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS**

**Agosto/2010**

---

**S237 Santos, Soanne Cristino Almeida dos.**

**Nacionalismo de Esquerda: Frente de Mobilização Popular em Una (1963 – 1965). / Soanne Cristino Almeida dos Santos -2010.**

**120 f.: il.**

**Orientador: Prof. Dr. Carlos Zacarias F. Sena Jr.**

**Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2010.**

**1. UNA – Bahia. 2. Política econômica. I. Sena Jr., Carlos Zacarias F. II. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em História Regional e Local. CDD: 338.98142**

---

**Elaboração: Biblioteca Campus V/ UNEB  
Bibliotecária: Juliana Braga – CRB-5/1396.**

**A Deus, pela oportunidade concedida.**

**Aos meus pais, Américo Cristino e  
Solange Almeida.**

**Aos meus irmãos, Jabson e Joelson  
Cristino.**

**À Consuelo e Ane, presenças constantes.**

## **Agradecimentos**

A Deus: toda honra, toda glória e todo o louvor.

Tornar real o sonho de escrever esta dissertação foi um esforço constante de diversas pessoas; desta forma, sinto a necessidade de citar o nome delas um a um, e peço, desde já, desculpas por algum lapso de memória.

Ao meu estimado orientador, Carlos Zacarias F. de Sena Júnior, sou grata pela sua seriedade e compromisso, pelas correções, paciência e disponibilidade; porque, mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida, dedicou tempo nas leituras deste trabalho. Sinto a necessidade de dizer que fui muito feliz na escolha de tê-lo como orientador.

Agradeço imensamente a todos que participaram das minhas bancas de qualificação e defesa. Ao professor Dr. Jorge Ferreira, tenho o coração agradecido pela compreensão e pela leitura dedicada ao meu texto. Obrigada por deslocar-se do Rio de Janeiro até aqui para trazer sua tão imprescindível contribuição. Sei que a recompensa viria na escrita de um bom trabalho, espero tê-lo recompensado.

Agradeço ao professor Paulo Santos Silva por fazer leitura atenta do meu texto, por estar sempre disponível, e por suas considerações, que em muito me ajudaram a tornar esta dissertação melhor. Obrigada pelo carinho!

Sou grata imensamente a Consuelo e Ane, profissionais competentes que muito bem representam o nosso Mestrado em História. Obrigada pelo carinho e compromisso de vocês.

Devo agradecer de forma não somente obrigatória, como também merecedora, à Fundação de Amparo a Pesquisadores da Bahia-FAPESB, que concedeu uma bolsa de auxílio durante o tempo em que necessitei para realizar esta pesquisa. E à Prefeitura Municipal de Una, por ter me concedido licença para que pudesse me dedicar de forma integral a este trabalho, espero ter-lhes dado o retorno merecido.

Agradeço ainda, em especial, à Kátia Vinhático Pontes, eterna professora e amiga. Faltam-me palavras para agradecer o seu ato de amor e fidelidade. Acompanhou-me da elaboração do projeto de pesquisa até a conclusão desta dissertação. Relembro-me, com lágrimas nos olhos, todos os seus conselhos, suas críticas e além de tudo sua mão amiga. Muito obrigada!

Em agradecimento muito especial, asseguro-lhes que só foi possível viajar diversas vezes a Santo Antônio de Jesus, assim como ao Rio de Janeiro, Camacan, Canavieiras, Salvador e algumas outras cidades em busca de fontes e de reconhecimento acadêmico, por poder contar com o acompanhamento e o encorajamento constantes dos meus pais, protagonistas da minha história.

Eles desenvolveram muito bem, além do papel de pais, também o de pesquisadores. Para o meu pai, todos os livros publicados na região me interessariam, nas palavras dele, eu tinha a obrigação de ler. Muitas vezes ao ouvir o meu telefone tocar, já podia adivinhar: painho encontrou mais um depoente! Viajamos juntos na busca de fontes e informações. Eles me fizeram gostar, cada vez mais, do meu objeto de pesquisa; se estavam trabalhando comigo, então, é porque valia a pena. Escrevi todo este trabalho muito animada e sem cansaço! Acabaram por carregar o peso da responsabilidade em parceria comigo. Portanto, dedico a eles meus maiores esforços.

A todos que durante a caminhada de minha vida estiveram apoiando e me dando um abraço forte de encorajamento. Ao meu Pastor Edvaldo Santiago, sou grata por despertar em mim o gosto adquirido pela leitura. A Déa, minha prima-irmã, sou agradecida pelo estímulo. Aos meus irmãos Jabson e Joelson, obrigada por acreditarem na irmã de vocês, espero de fato ser vossos orgulho. A Mateus Caliman, pelas palavras de estímulo.

A minha família materna e paterna, nas pessoas de minha tia Kekeu e tia Ozana, minhas amigas de infância Thayane, Ryvanessa, Marcia, Nandaly, Daniele, Ninha e Carlinha e aos que encontrei pelo caminho: Leo, Rosana, Du, Cintia e Mila (miguxas), França, Alan, Caroline Lima, Wanderson e Klebinho. Vocês fizeram meus dias muito mais felizes, todos têm um cantinho reservado em meu coração. Em especial quero agradecer à Camila Avelino, pela companhia durante estes dois anos de mestrado, foi muito bom ter compartilhado com ela todas as minhas angústias e incertezas durante este trabalho e representou, muitas vezes, uma família para mim, obrigada por sua demonstração de amor!

Aos depoentes: Natan Mendes, Adnaldo Santos, José Carlos Dias, Lino Fontes, Luís Neto, Wallace Perrucho, Hermano Penalva, Adnaldo Cláudio, Adayrton Leite e Victor Paes de Barros Leonardi, obrigada por ter me recebido em suas casas muitas vezes em horários indevidos; obrigada pelos depoimentos e pela confiança em compartilhar comigo um pouco de suas memórias.

Agradeço também aos funcionários de todos os arquivos e bibliotecas por onde passei: Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Arquivo Público de Itabuna, Arquivo Público de Una, Arquivo Público de Canavieiras e a Lene, Acidália e Natan Mendes por ter me recebido com cordialidade na Câmara do município de Una. E ao Centro de Documentação e Memória Regional, nas pessoas de Janete Ruiz de Macêdo, André Ribeiro e João Cordeiro.

A todos os integrantes do grupo de pesquisa conflito-Bahia na UESC: Erastho Felício, , Philippe Murilo, Priscila da Glória, Danilo Ornelas e mais uma vez a Kátia Vinhático, coordenadora do grupo. Obrigado por ter discutido e dado contribuições a todos os capítulos desta dissertação.

**Eu tinha vinte anos de idade e muita  
esperança no Brasil. E confiava no  
progresso. Hoje progresso é coisa  
démodé.**

**Uma Sina,**

**Pra sempre marcada**

**Cicatriz**

**Memória de mim mesmo**

**Quando a confiança era total**

**Victor Paes de Barros Leonardi- *Território do escritor***

## **Lista de tabelas e ilustrações**

<b>Figura 1: Recorte de jornal sobre a Terceira Frente em Canavieiras.....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 2: Manifesto de Solidariedade do Povo de Itabuna ao Bravo Povo Cubano.....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 3: Recorte de jornal sobre a presença de Sartre na região cacaeira.....</b>	<b>51</b>
<b>Tabela I- Taxa de crescimento anual referente a produção de cacau na Bahia.....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 4: Mapa da Região cacaeira da Bahia em 1980. ....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 5: Propaganda do Banco da Bahia na Capital da Borracha.....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 6: Telegramas enviados por políticos nacionais à FMP de Una. ....</b>	<b>70</b>
<b>Figura 7: Recorte de Jornal sobre curso técnico para formação de seringueiros ..</b>	<b>74</b>

## **Lista de abreviaturas utilizadas**

- AEL/Unicamp- Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas
- AP- Ação Popular
- APML- Ação Popular Marxista-Leninista
- APU- Arquivo Público de Una
- ASI- Assessoria de Segurança e Informação
- CPDOC- Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas
- CMU- Câmara Municipal de Una
- FLN- Frente de Libertação Nacional
- FMP- Frente de Mobilização Popular
- FPN- Frente Parlamentar Nacionalista
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PC do B- Partido Comunista do Brasil
- PCB- Partido Comunista Brasileiro
- PDC- Partido Democrata Cristão
- PSD- Partido Social Democrata
- ORM-POLOP- Organização Revolucionária Marxista-Política Operária
- UDN - União Democrática Nacional
- MTR- Movimento Trabalhista Renovador

## SUMÁRIO

<b>Lista de tabelas e ilustrações .....</b>	<b>9</b>
<b>Lista de abreviaturas utilizadas.....</b>	<b>10</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>12</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo I: O nacionalismo como projeto.....</b>	<b>31</b>
1.1-Em defesa das reformas de base .....	31
1.2- O cenário político de defesa e luta pelas reformas de base na Bahia e em Una .....	37
1.3- As influências nacionalistas no interior da Bahia .....	48
<b>Capítulo II: Um novo arranjo político: as demandas emancipacionistas e as atividades da FMP de Una. ....</b>	<b>54</b>
2.1-Mudanças políticas: a busca por autonomia .....	54
2.2- Localização geográfica: a dificuldade da chegada de informações. ....	56
2.3- Os membros da FMP .....	63
2.4- A FMP de Una: composição e funcionamento.....	75
<b>Capítulo III. A política pós- golpe civil-militar de 1964: A sucessão de Libberalino.....</b>	<b>79</b>
3.1- A recepção do Golpe Civil-militar de 1964 em Una e na região .....	79
3.2- Afastamento de Libberalino Barbosa: tentativa de impeachment ou golpe? .....	86
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>98</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>100</b>
<b>6. Anexos .....</b>	<b>107</b>

## Resumo

Este trabalho tem como foco de análise a trajetória da Frente de Mobilização Popular – FMP - no município de Una, cidade do interior da Bahia. O objetivo aqui é analisar as táticas e as estratégias que a FMP utilizou para se organizar com um projeto nacionalista e divulgar seus ideais em prol das reformas de base, num lugar de política restritiva, e onde as margens de autonomia pareciam não existir. Pretende-se também, perceber como o discurso anticomunista, antes e após o golpe-civil militar de 1964, colaborou para redefinir quadros políticos no interior da Bahia, assim como criou as circunstâncias para cassações de mandatos, prisões, torturas e perseguições de políticos e militantes, além da desarticulação de grupos como a FMP. Para a consecução deste trabalho, utilizamos de depoimentos orais, atas da Câmara de vereadores, jornais da região e tomamos como base a Carta de Princípios da FMP, os discursos do programa de autofalantes da Voz da Frente e o periódico *O Democrata*, divulgador das idéias da FMP.

**Palavras-Chave:** Frente de Mobilização Popular; Una; Reformas de base; Nacionalismo de esquerda.

## **ABSTRACT**

This work focuses on analysis of the trajectory of the Popular Front for Mobilization - FMP at Una, a town in the interior of Bahia. The goal here is to analyze the tactics and strategies that the PMF used to organize with a nationalist project and disseminate its ideals in favor of basic reforms, in place of restrictive policy, and where the margins of autonomy did not appear to exist. The aim is also to see how the anticommunist discourse before and after the civil-military coup of 1964, helped to redefine the policy frameworks in Bahia, and created the circumstances for all recalls off mandates, arrests, torture and persecution of political activists and beyond the disarticulation of groups such as PFM. To achieve this work, use of oral testimony, minutes of the Board of aldermen, newspapers in the region and have taken based on the Charter of Principles of the FMP, the speeches of the program of speakers from the voice of the Democratic Front and the journal, publisher of ideas of the PMF.

**Keywords:** Popular Front for Mobilization; Una; basic reforms, natinalism of the left.

## Introdução

Cidades enfrentam dilemas que presidem escolhas políticas. O que preservar? O que destruir? O que lembrar? O que esquecer?<sup>1</sup>

Sandra Jatahy Pesavento

A necessidade de pensar a experiência da Frente de Mobilização Popular de Una nasceu a partir da análise de fontes que me inquietavam a perceber a presença de atores subalternos no processo de construção da história do município. Nas fontes encontradas no Arquivo Público Municipal de Una (APMU), há apenas documentos que se referem ao período de domínio político da família de Manuel Almeida, grande detentor de terras no município durante décadas. Os documentos, em sua maioria, eram registros de terras, nomeações de juizes de paz para os distritos, etc.. No arquivo, pudemos obter muitas informações sobre a zona rural da cidade, onde o poder da família Almeida parecia imensurável, tanto política, como economicamente, do início do século XX até o início dos anos de 1960.

No entanto, não somente nos documentos do arquivo, como também na memória de grande parte dos moradores da cidade, Manuel Almeida parece ser o protagonista da história do município. Rememorar as relações sociais em Una, durante os anos anteriores a 1950, com uma população de cerca de 10.000 habitantes, onde 80% moravam nos distritos e trabalhavam no meio agrícola, é lembrar as festas no casarão de Manuel Almeida, o trabalho em suas fazendas e o comércio em sua empresa *Polycultora*, a única autorizada a comercializar produtos agrícolas no município, já que havia grande produção de seringa, cacau, coco e dendê para exportação.

O cartão de apresentação para as pessoas que visitavam a cidade de Una não era o centro da cidade, mas o meio rural, que funciona como um padrão de referência identitária até os dias que correm. Moradores e visitantes dificilmente lembram os espaços onde não havia a interferência hegemônica de Manuel Almeida, sendo que as

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana. Nuevo mundo. Mundos nuevos*. Debates, 2007.

lembranças em torno do auge da produção agrícola em suas fazendas ganham um caráter central em suas memórias, como relata o ex-prefeito Carlo Antônio Cincurá: “Una não tinha condição de sobreviver sozinha. Toda riqueza tava lá em Arataca, Pratas e Anuri (distritos de Una), que era o cacau. Toda potencialidade tava lá. Em Una tava tudo começando na sede”.<sup>2</sup>

A partir da década de 1960, as pessoas começam a atribuir novos significados a outros espaços e a construir um imaginário sobre a sede do município. As relações começam a se transformar, o centro ganha um sentido positivo, e há uma forte migração do campo para o centro da cidade, em função da chegada de novos atrativos, tais como, o Banco da Bahia, o Fórum, Instituições estaduais e federais. No entanto, a família Almeida não deixou de mostrar neste espaço também os seus símbolos de poder.

A construção do casarão dos Almeida, no ponto mais alto da sede do município, representava o desejo de continuar mantendo o poder não somente na área rural, mas também no espaço que viria a urbanizar-se. O casarão tinha muitas janelas e um observatório, que servia para olhar as pessoas que se aproximavam ao longe. A arquitetura da casa era um símbolo do poderio econômico da família, já que era uma das únicas construídas com bloco e material de boa qualidade, além de estar situada no alto. Os transeuntes percebiam a presença do poder, o qual produzia um sentido para os habitantes, era um poder simbólico cumprindo uma função política, ou seja, era mais um instrumento de legitimação do poder da família Almeida.

A partir do momento em que a cidade foi recebendo trabalhadores migrantes e o comércio se diversificou e ampliou no início da década de 1960, o centro da cidade passa a chamar cada vez mais a atenção das pessoas. Algumas residências são erguidas, também com blocos; casas comerciais e residenciais começam a ser construídas com dois pavimentos, tornando-se tão altas quanto o casarão dos Almeida. A população que trabalhava no campo, então, volta seus olhares para as novidades que traziam o centro da cidade.

---

<sup>2</sup>ANDRADE, Carlos Antônio Cincurá. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 23 de maio de 2007. O depoente foi o último prefeito eleito (1959-1962) pertencente à família Almeida. E relata aqui o quanto a área rural era importante.

Não existia uma paróquia, mas padres passaram a vir mais constantemente à sede do município. As mercearias eram cada vez maiores e com maior diversidade de produtos. Viajantes e tropeiros passavam com frequência de barcos ou a cavalos para os municípios vizinhos. O comércio passou a ganhar novo ritmo e a feira de produtos agrícolas cresceu. Este deslocamento social do campo para a cidade revelou uma mudança de eixo econômico e social no município e dentro deste contexto, percebe-se que a forma e a estrutura da cidade não podem ser vistas separadas de seu conteúdo; portanto, estas novas dimensões do espaço revelam mudanças de comportamentos, de práticas e, sobretudo, nas relações sociais.

O casarão, apesar de carregar um peso simbólico, passou a ser uma obra marginalizada e já não chama mais atenção como outrora. Assim, a partir da década de 1960, percebe-se, através de diversos aspectos, um afinamento do tão concentrado poder político exercido por Manuel Almeida, pois outros elementos sociais passaram a criar tensões dentro do município que escapavam ao controle de sua política.

O centro da cidade ganhou um novo sentido, não mais significando falta de fartura, passa agora a ser o lugar principal para ver mais de perto e de forma bem acentuada as lutas político-sociais. Trago aqui a organização da Frente de Mobilização Popular (FMP) de Una e seus anseios como principal expressão do enfraquecimento político da família Almeida, ao demonstrar que os objetivos deste grupo sinalizavam uma tendência política de luta pelas reformas de base, um ideário que vinha ganhando os movimentos sociais no Brasil inteiro, além das propostas de reformas externas e também punha na pauta mudanças internas, o que colaborou para desestabilizar a corrente política tradicional. Veja-se o recorte de *O democrata*, jornal que expressou os ideais da FMP e primeiro jornal impresso de Una, sob a direção de Victor Paes de Barros Leonardi, em 1963.

Realizemos a democracia, entregando o governo aos que trabalham e produzem. Ergamos uma justiça autônoma e independente. Promovamos a educação intensiva da massa popular, generalizando o culto pelo direito e teremos assim operado a verdadeira e legítima reconstrução político-social do Brasil. Dêem ao camponês, ao assalariado rural, ao operário os direitos que eles tem e estarão sanadas estas diferenças.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Jornal *O democrata* de 06 de julho de 1963. N°4

A nota demonstra o anseio para que fossem realizadas as reformas de base no Brasil durante o período compreendido entre 1961-1964, momento em que tais reformas foram uma das metas do governo João Goulart, o que atraiu para o presidente uma gama enorme de bandeiras defendidas por nacionalistas de diversos matizes, que em comum propunham a soberania do povo brasileiro, encetando as diretrizes compartilhadas no campo do nacional estatismo. Não obstante, as forças alinhadas ao espectro das direitas, ao defender as idéias do projeto internacionalista-liberal, opunham-se diretamente ao reformismo das esquerdas.<sup>4</sup> Parecia existir apenas dois projetos políticos para o Brasil naquele momento: ou o da direita ou o da esquerda.

O ajustamento das diversas forças de um lado ao outro do espectro político, acarretou uma crescente polarização ideológica da sociedade, criando obstáculos para o jogo democrático dentro do Congresso e mobilizando a população, seja nos grandes centros urbanos, bem como nas cidades do interior do Brasil.

O recorte do jornal *O democrata*, citado acima, veículo de informação da Frente de Mobilização Popular de Una, vem demonstrando as opções ideológicas do grupo que se organizou em torno de princípios diversos e até mesmo contraditórios naquele município, expressando assim, a diversidade político-ideológica que se vivia naquele momento. A palavra de ordem “realizemos a democracia” carrega consigo a identificação de um governo que expressava vontade da maioria, aparecendo também conciliada a preservação do regime representativo, a manutenção das liberdades civis e da autonomia sindical, proposta próxima a do grupo dos liberais. Ao mesmo tempo em que desejam esta democracia entregue “aos que trabalham e produzem”, ao “operariado”, à “massa”, ao “camponês”; outrossim, para a FMP deveria haver harmonia de interesses mesmo em meio a luta de classes, poderia haver, sim, partido político, mas também haveria movimento social. Havia assim uma construção híbrida com propostas de cunho nacionalista voltadas por objetivos socialistas.

Percebe-se isto também a partir dos pontos a serem discutidos na Carta de Princípios da FMP, através dos seguintes pares antinômicos: comércio livre x não dominação

---

<sup>4</sup>BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: editora UNESP, 2001. Para o autor, os valores e as propostas do liberalismo, visto como fonte de desigualdade, e nas condições que são e foram as nossas, é como fonte e força de conservação da ordem tradicional.

econômica, reforma agrária x igreja, publicidade padronizada x livre iniciativa econômica.

As idéias expressas pela FMP de Una servem como modelo para nos referimos à pluralidade de projetos nacionalistas de esquerda organizados por diversos grupos no Brasil naquele momento. Apesar da FMP de Una ter apenas se autointitulado nacionalista, ao analisar a carta de princípios da organização, acreditamos que podemos considerá-la como nacionalista de esquerda, levando-se em consideração o sentido de nação e nacionalismo proposto por Eric Hobsbawm, e segundo a definição de esquerda cunhada por Marcelo Ridenti “para designar forças políticas críticas da ordem capitalista, identificadas com a luta dos trabalhadores pela transformação social”.<sup>5</sup>

(...) nações são fenômenos duais construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidos sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns. Essa visão de baixo, isto é, a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas de movimentos nacionalistas, mas sim pelas pessoas comuns, que são objeto de sua ação e propaganda.<sup>6</sup>

O termo nacionalismo vem sofrendo mudanças de significados ao longo dos anos, e apesar de ter sido cunhado no século XIX para tomar a forma de ascensão daqueles movimentos de direita, a partir do início do século XX ele não mais se concebe separado do tema social ou oposto a ele.<sup>7</sup>

Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado, o nacionalismo ao longo do período que se estende de 1930 a 1964, pode ser considerado uma das características mais significativas de uma conjuntura histórica, e, portanto, um de seus substratos. Na década

---

<sup>5</sup> RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo Brasileiro: Artistas da revolução - do CPC a era da TV*. Rio de Janeiro: editora Record, 2000, p.17.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008, p.19. Hobsbawm também vai demonstrar o quanto o nacionalismo vem se aproximando das esquerdas, afirmando que: “Após o início da segunda guerra mundial, o nacionalismo adquiriu uma forte associação com as esquerdas durante o período antifascista, associação em que foi reforçada subsequentemente pela luta imperialista nos países coloniais, pois as lutas coloniais estavam vinculadas as esquerdas internacionais de várias maneiras. Desde que Lênin descobrira que a libertação dos povos coloniais oprimidos era um argumento potencialmente importante para a revolução mundial, os revolucionários comunistas fizeram o que podiam em favor das lutas de libertação colonial, que de todo modo, os atraia para afirmações de que qualquer coisa que atrapalhasse o imperialismo metropolitano deveria ser bem-vinda aos trabalhadores”. p.19.

<sup>7</sup> Ibidem, p.152

de 1930, no Brasil, o projeto nacionalista vinculou-se ao governo intervencionista de Getúlio Vargas e foi difundido nas ações do poder executivo, mas foi a partir da Constituição de 1946 que se percebe um programa nacionalista apropriado por expressivas organizações civis e por parlamentares. O sentido de República, neste momento, parecia ampliar-se e a política deixa de ser vista apenas como privilégio das elites, passando a ser reivindicada por um número crescente de movimentos sociais em busca de reformas.<sup>8</sup>

\*\*\*

Diante de uma diversidade de opções políticas ideológicas, e de vários projetos reformistas, uma grave crise política abateu-se sobre o governo de João Goulart, que não conseguia se sustentar com uma base partidária viável para realizar as reformas dentro do Congresso, sofrendo oposição sistemática dos setores conservadores e direitistas, ao mesmo tempo em que sentia a pressão popular e a insatisfação dos grupos de esquerda no seu governo.

No início dos anos 1960, intensas agitações sociais sacudiram todo o país, envolvendo operários, camponeses, estudantes, a suboficialidade das Forças Armadas e diversos setores nacionalistas, na defesa de reformas sociais, econômicas e políticas, que se traduziram nas “Reformas de Base” durante o governo João Goulart. As forças populares cresciam nas ruas e ganhavam projeção no cenário político brasileiro, assinalando um dos mais importantes períodos na trajetória das lutas sociais no Brasil. Na conquista de direitos sociais, acompanhava-se a luta por direitos políticos, uma vez que o sistema eleitoral vigente excluía os analfabetos, negava o direito de representatividade para os militares e mantinha ilegal a legenda do Partido Comunista

---

<sup>8</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: Ferreira, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)*. Ed 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v.2, p.367. Segundo a autora, o ápice da campanha nacionalista, no segundo Governo Vargas, aconteceu em 1953, quando foi criada a Petrobrás e lançado com grande divulgação o documento intitulado, “Frente Nacionalista Brasileira”. O documento defendia a indústria nacional, o monopólio estatal do petróleo, a criação da Eletrobrás, o estabelecimento de indústrias de base, política externa independente, reforma agrária, reforma do ensino, ampliação do mercado interno, aperfeiçoamento do regime democrático e apoio a indústria cinematográfica nacional.

Brasileiro (PCB). Assim, o governo enfrentava o grande desafio de aliar desenvolvimento econômico com políticas sociais reformistas que se projetavam na ampliação das bases democráticas.

Para os políticos da direita, no Comício da Central de 13 de Março, parecia que o Presidente João Goulart tinha optado pelas esquerdas, depois de um período em que tentou manter uma *política de compromissos*, e isso significou que as forças populares iriam pressionar diretamente o Congresso a favor das reformas. O desfecho desse ato, como se sabe, foi a queda do presidente João Goulart, com um golpe articulado pela direita civil e militar. Algo inevitável para a maior parte das interpretações sobre o Golpe de 1964. Entretanto, vale destacar que os projetos da esquerda naquele momento eram diversos e a posição dita ofensiva deles é válida somente para parte das esquerdas. Ou seja, havia grupos tal como a Frente Progressista de apoio as reformas de base-FPARBA cujo líder era San Tiago Dantas que não compactuavam com o “radicalismo”, optando pela realização das reformas de forma lenta e gradual como solução para o impasse gerado pela crise política. É este, a nosso ver, o posicionamento de parte dos grupos de esquerda e do próprio presidente João Goulart, que ao contar com a mobilização das massas, pretendiam pressionar o Congresso para realizar as reformas dentro das regras do jogo democrático pelo qual estava vivendo o Brasil.<sup>9</sup>

Por tais razões, analisar o projeto nacionalista da FMP de Una nos ajuda a compreender melhor a miríade de interpretações dadas ao projeto da esquerda nacionalista no Brasil.<sup>10</sup> Faz-se necessário observar a peculiaridade com que foi formada a Frente de Mobilização Popular de Una. Atenta às suas especificidades, ressaltamos que não há qualquer intenção em ajustar a experiência local àquelas que se desenvolveram nos grandes centros urbanos do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. Não obstante, seria impossível dissociá-la do processo em que estava envolvida, caso contrário, perderia seu significado, mas não ficaremos condicionados a modelos externos, perpetuando o

---

<sup>9</sup> Os diversos grupos que naquele momento compõem a esquerda são: O Partido Comunista do Brasil-PC do B, a Ação Popular-AP, a Organização Revolucionária Marxista- Política Operária - ORM-POLOP, setores das ligas camponesas, Comitê Geral dos Trabalhadores – CGT, setores subalternos das forças armadas, além de outras organizações menores.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. J. Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito, realidade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008, p.18. O autor diz que entende “como nação qualquer corpo de pessoas suficientemente grande, cujos membros consideram-se como membros de uma nação (...) o aparecimento de um grupo de porta-vozes de uma idéia nacional não é insignificante, mas a palavra “nação” é atualmente usada de forma tão ampla e imprecisa que o vocabulário do nacionalismo pode significar, hoje, muito pouco.

erro de muitos estudos em torno da história regional, quando os trabalhos que pretendem escrever a história dos trabalhadores em nível local, após breves considerações teóricas, limitam-se a descobrir no estudo os equivalentes à história dos trabalhadores de São Paulo e do Rio de Janeiro.<sup>11</sup>

Esta pesquisa produziu gratas surpresas, já que foi encontrado um número considerável de fontes que nos capacitam a discutir as relações políticas de um processo histórico que, apesar de tão recente, ainda nos parece tão estranho, pelo desconhecimento que temos desse período, do qual tantas pessoas que o vivenciaram ainda se encontram vivas. O fato de conhecer vários depoentes com distintas lembranças e memórias nos dá a viva impressão de penetrar em um labirinto.

A formação e a trajetória da FMP e as relações que se desenvolveram no cotidiano de Una, após o debate sobre reformas sociais, me convidaram, a cada visita que fazia, ao arquivo municipal ou às casas de ex-integrantes da FMP, a buscar desvendar um pouco daquela história que sinalizava em um período tão curto quanto foi o da existência da Frente, o desenrolar de um “espírito de resistência” ao sistema político local dominante.

Perceber que a história do município de Una vem sendo escrita ainda restrita às coleções de fatos políticos, voltados para enaltecer o poder de grupos que controlaram politicamente o município, instigou-me a percorrer os meandros desta história, repleta de sujeitos excluídos, subalternizados e impôs os desafios de produzir a história a partir de pontos de vista diversos dos “vistos de cima”.<sup>12</sup> Enfim, buscaremos conhecer o fazer e o agir dos indivíduos e os espaços onde camponeses e cidadãos de condições econômicas variadas atuaram.

Entendemos que a elite política, aquela responsável por realizar a “grande política”, a qual tomaremos aqui como referência principal, a família Almeida e correligionários, providenciou deixar marcas, através de imagens fotografadas que hoje se encontram no Museu de Una, assim produziu também um discurso de progresso impregnado no imaginário de grande parte da população Unense. A imagem guardada pelas pessoas que viveram o auge político desta família insinua que a história da cidade tem apenas

---

<sup>11</sup> PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: Araújo, Angela M. C.(org.) *Trabalho, Cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997, p.85-103.

<sup>12</sup> SHARPE, Jim. “A história vista de baixo”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: ed. UNESP, 1992.

um protagonista, o que impede que outros homens sejam vistos como importantes sujeitos históricos no processo de organização da cidade.

Neste contexto, percebemos que a eleição da memória de um determinado espaço se constrói por grupos sociais. Os indivíduos lembram, mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável, e também o que será lembrado.<sup>13</sup> Em Una, as lembranças em torno da pessoa de Manuel Almeida, como o pioneiro nas atividades da seringueira e como principal agente propulsor de desenvolvimento do município, estão presentes na história oficial e no imaginário de grande parte da população. As posses de terras adquiridas por herança, compradas e ganhas do Governo do Estado para o desenvolvimento da cultura da seringueira, conferiram a Manoel Almeida um poder econômico e, além de tudo, político no município.

Então, a relação estreita entre memória e história do tempo presente, por meio das fontes orais, das memórias de sujeitos da história, produz evidências sobre processos históricos, possibilitando o desenvolvimento de interpretações alternativas às oficiais. Também constitui espaço privilegiado para a compreensão da dupla relação indivíduo e contexto histórico, uma vez que o indivíduo, por transitar em diferentes círculos da vida social, tem a sua identidade formada entre diferentes configurações de valores e lugares vivenciados em sua trajetória.

A análise da trajetória de um grupo organizado, neste caso a FMP, torna-se um importante meio de compreensão da cultura política e de parte considerável dos valores, normas e crenças que compõe uma determinada tradição política, porque envolve a percepção da realidade social através dos olhares dos seus interlocutores diretos.

Mais do que isto, ressalta-se a necessidade de compreendermos a cultura política por meio das experiências cotidianas compartilhadas por grupos diversos e seus pares, seja nas reminiscências de suas memórias, ou nos diversos lugares de memória.

Desta forma, o estudo da formação e atuação da Frente de Mobilização Popular é observatório singular para ensejar discussões em torno da importância de se pensar os sujeitos excluídos, muitas vezes pela historiografia, como foi o caso desta organização

---

<sup>13</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed, Centauro, 2004.

com tendência de esquerda, que teve imagens positivas para a população de Una em alguns momentos, e em outros uma imagem negativa.

Neste sentido, as entrevistas com os ex-componentes da FMP de Una foram essenciais para se tentar perceber os anseios daquele grupo, naquele momento. Entrevistamos seis dos membros da FMP, a saber: Victor Paes de Barros Leonardi, o qual se encontra com 67 anos de idade, aposentado pela Universidade de Brasília como professor universitário da área de história, hoje se dedicando a atividade de escritor no Rio de Janeiro. Lino Fontes, morador da cidade de Una, o qual exercia a profissão de seringueiro em 1963, e professor da escola João XXIII, organizada pela FMP. Adayrton Costa Leite, funcionário da receita da Prefeitura Municipal de Una no período, hoje se encontra com 65 anos. Themir Batista foi outro entrevistado, residindo em Salvador, atualmente com 70 anos de idade, o qual exerceu a profissão de advogado na cidade; José Carlos da Silva, residente na cidade de Ilhéus, exercendo a profissão de advogado. Luis Neto, escritor de uma coluna no jornal o Democrata, na época tinha 18 anos, sendo preso em 1967 em Goiânia por atividades subversivas. Sobre os demais integrantes da FMP, ou faleceram, ou não foram encontrados. As entrevistas foram importantes para elucidar questões relativas às táticas utilizadas dia-a-dia pelo grupo, nos permitindo ter acesso a informações como esta expressa por Lino Fontes:

A população de Una ouvia atenta Brizola falar na rádio, estava todo mundo às oito horas ligado na rádio dele, parado nas esquinas, falava para todo o Brasil. Os ricos não gostavam de Brizola. A gente ficava indignado, porque aqui em Una o pessoal dos Almeida também eram assim, queriam mandar em tudo o tempo todo. Mais naquela época a gente não tava mais disposto a aceitar isso, não é?<sup>14</sup>

As conversas formais e informais foram importantes para perceber a maneira como eles pensavam a sociedade e a cultura política no momento da década de 1960.

Como já foi dito, a presente dissertação tem como objeto de análise a experiência da FMP de Una inserida em um contexto de expansão dos movimentos sociais e busca pelas reformas de base no Brasil entre os anos de 1963-1965. Naquela conjuntura

---

<sup>14</sup> FONTES, Lino da Silva. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 30/05/2007.

histórica, muitas transformações culturais e políticas ocorridas no mundo inteiro marcaram profundamente a prática das esquerdas. O recorte histórico para o qual apontamos configura-se, em nível internacional, como um dos momentos mais “revolucionários” do século XX, enquanto que, em nível nacional agregamos àquele intenso processo o mais agudo acirramento da correlação de forças na história republicana brasileira. Mundialmente, vivíamos a tensão da Guerra Fria e os ecos da Revolução Cubana, que como perceberemos, teve ressonância no interior da Bahia.

A historiografia tem estudado pouco sobre a organização de “pequenos” grupos de esquerda na Bahia. Ao conhecer as fontes sobre a FMP de Una, percebemos que ela não foi a única que atuou na Bahia no período anterior a 1964. Apesar das poucas fontes encontradas sobre outras cidades, sabe-se que houve organizações diversas de caráter nacionalista e de esquerda em algumas cidades, a exemplo de Cruz das Almas.<sup>15</sup>

Os estudos sobre a FMP de Una, organização política de caráter nacionalista e seus desdobramentos no município, vem pensar a atuação destes movimentos no campo da esquerda, principalmente na Bahia, já que em alguns momentos certa visão historiográfica nos faz pensar que na “*Bahia: lugar de atraso social*” e estado de “*segunda ordem*” estas organizações não existiram.<sup>16</sup>

Por muito tempo a academia rejeitou análises que dessem enfoque a atuação da esquerda organizada na Bahia. A partir de 1980 com a expansão dos programas de pós-graduação pelo Brasil e a ampliação e inflexão dos modelos interpretativos, temos assistido ao surgimento de novas reflexões e reinterpretações sobre a atuação das organizações de esquerda no Brasil. Os grupos e movimentos de esquerda que outrora pareciam estar atuando apenas nas grandes capitais e centros urbanos, recentemente, têm sido analisados nas pesquisas também no interior do Brasil, tendo como protagonistas não apenas a classe média, mas os subalternos, camponeses, trabalhadores e intelectuais engajados com os anseios dos grupos em situação de subalternidade.

Com o experimento desta mudança de matriz teórica, principalmente a partir dos anos 1980, uma série de comportamentos políticos e individuais tem sido politizados

---

<sup>15</sup> Oliveira, Heber José Fernandes. *A Frente Nacionalista em Cruz das Almas*. Comunicação apresentada no XXIII ciclo de Estudos Históricos. Universidade Estadual de Santa Cruz-2009

<sup>16</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e representação: o legislativo da Bahia na segunda república, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992, p.57

introduzindo novos atores como participantes da política. De acordo com Rémond “Esta transformação teórica e metodológica da historiografia em nível internacional, pode ser identificada com a renovação da história política e sua articulação com a história cultural”, esta “virada cultural possibilitou introduzir novas categorias, tal como a de negociação e cultura política”.<sup>17</sup>

O estudo da FMP se insere a partir da proposta destes novos estudos que afastam a possibilidade de generalizações apressadas e formalizações dos processos sociais, destacando de cada processo suas peculiaridades, devendo ser compreendidos “por dentro”, por meio de idéias e ações daqueles que se encontram diretamente envolvidos nos meandros da história, não permitindo, assim, verdades pré-estabelecidas. Esta é uma recusa teórica que inclusive permite pensar a relação entre *dominadores* e *dominados* de forma diferente.

Desta forma, poderemos pensar que os dominantes não anulam os dominados e não há controle absoluto de umas pessoas sobre outras. Em uma nova perspectiva teórica o poder passa também a fazer parte das relações entre os dominados.<sup>18</sup> A micro-história enquanto metodologia tem colaborado com a observação dos acontecimentos históricos em uma escala menor, o que possibilita o conhecimento das particularidades de uma diversidade de lugares e histórias<sup>19</sup>. A opção teórica de combinar análises macro e micro-históricas privilegia a ação dos atores subalternos. Isto permite pensar que toda ação social é produto de permanentes negociações diante do sistema normativo. As fontes, tal como a depoimentos, processos crimes, correspondências, relatórios oficiais, textos literários, tornam-se estratégicas para se ter acesso a trajetórias de trabalhadores,

---

<sup>17</sup> RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.472.

<sup>18</sup> Sobre a nova relação historiográfica entre história e poder, ver: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio Janeiro: Campus, 1997.

<sup>19</sup> Sobre a micro-história ver: LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 143-275. O autor traz ao público acadêmico brasileiro uma reconstituição historiográfica da micro-história a partir do conjunto de debates que tiveram lugar na Itália, do pós-guerra à década de 1970. Faz isto através da trajetória de intelectuais de três dos mais influentes protagonistas das discussões em torno da micro-história, quais sejam, Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. Veja-se também: LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-história*. In: BURKE, P. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

e de sujeitos marginalizados pela história tradicional, trazendo assim um maior número de pesquisa em torno destes sujeitos.<sup>20</sup>

Assim esta reviravolta teórica e metodológica colaborou para o desenvolvimento de pesquisas sobre a organização de grupos de esquerda na Bahia, confirmando ter sido a Bahia um dos estados de maior militância dos grupos de esquerda antes e depois do golpe civil-militar de 1964<sup>21</sup>.

A Bahia, estado do nordeste, estigmatizado como pobre e politicamente pouco importante desde a década de 1930, por ser composto de uma economia fortemente agrícola e ter mais da metade da população no interior dos municípios trabalhando na agricultura e agropecuária, além de se caracterizar por fatores como baixo nível de renda e escolaridade e a presença forte, desde o século XIX, de chefes locais com poder de mando e desmandos sobre a população do interior. Tal percepção fez com que predominasse uma interpretação histórica de omissão de uma esquerda organizada por setores da classe baixa no estado.<sup>22</sup>

Trago aqui a experiência da Frente de Mobilização Popular em Una como um acontecimento extraordinário, diante dos poucos estudos de outros processos

---

<sup>20</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Questão social e Historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, n°34, Jul-Dez, 2004

<sup>21</sup> Sobre a esquerda na Bahia, ver os trabalhos de: SERRA, Sonia. *O Momento: história de um jornal militante*. Salvador: Dissertação de Mestrado FFCH/UFBA, 1987. VAZQUEZ, Petilda Serva. *Intervalo democrático e sindicalismo. Bahia – 1942/1947*. Salvador: Dissertação de Mestrado FFCH/UFBA, 1986. DIAS, José Alves. “*Poder Local e Repressão na Conjuntura do Golpe Civil Militar de 1964*”. In: AGUIAR, Edinalva Padre (Org.). *Política: O Poder em Disputa – Vitória da Conquista e Região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999. Trago aqui alguns títulos de trabalhos que contemplam os projetos de esquerda na Bahia. DIAS, José Alves. *A subversão da ordem: manifestações de rebeldia contra o regime militar na Bahia 1964-1968*. Dissertação de mestrado, Salvador, UFBA, 2001. BRITO, Maurício. *Capítulos de uma história do movimento estudantil da UFBA*. 2003.133f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. SANTOS, Andréa Cristiana. “*Memórias da Resistência: perfil biográfico dos desaparecidos políticos baianos na Guerrilha do Araguaia*”. 2001.145 f. Dissertação. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. SANTANA, Cristiane Soares. *Maoísmo na Bahia (1967-1970)*. 2009.135 f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. SILVA, Albione Souza. *O caráter Socialista da gestão de Euclides Neto no município de Ipiáú (1963-1967)*. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003. FERREIRA, Muniz. *O golpe de 1964 na Bahia*. Clio: Revista de Pesquisa Histórica. Vol.1. N°22. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2004.p.85-101. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. *Os Impasses da Estratégia: Os Comunistas e os dilemas da União Nacional na Revolução (im)possível (1936-1948)*. Recife, doutorado em História (UFPE), 2007. LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936)*. 2007.135 f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

<sup>22</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e representação: o legislativo da Bahia na segunda república, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.

semelhantes em todo o Brasil, onde os atores sociais que a compuseram faziam parte de diversos setores sociais e detinham diferentes níveis de renda, mas que, no entanto se uniram em prol de um projeto de sociedade, formando uma organização que foi de encontro à política local conservadora, que predominava no município naquele momento.

Há muitos anos atribuía-se a história o papel de reconstruir *verdadeiramente* o passado dos homens, mas a evolução dos estudos em torno da ciência histórica tem revelado uma “impossibilidade” da apreensão do real, e a necessidade de apontar sempre semelhanças ou uma aproximação com o real.

Esta oportunidade de se aproximar cada vez mais dos fatos foi possível graças ao estudo de um número cada vez maior e mais diverso de fontes para a história. Os especialistas na área não se restringem mais ao uso apenas de documentos escritos, conforme era a tônica da historiografia oficial tradicional. Uma renovação teórico-metodológica abriu novas perspectivas para este campo, a variedade de temas sobre história tem se ampliado aos pesquisadores.

A partir de escritos oficiais pertencentes ao governo, como aconteciam no século XIX, era possível somente ter acesso a história de pequenas elites, a ampliação do número de fontes permitiu enxergar agora também os *subalternos*.<sup>23</sup> Este tipo de estudo requer abordagens diferentes, que permitem enxergar nas fontes estes sujeitos. Novos domínios historiográficos irão dar suporte para uma aproximação com territórios antes inexplorados. Os estudos em torno da história cultural, de uma nova história política, e da antropologia histórica, chamam a atenção para a necessidade da pluralidade de temas históricos que podem e devem ser analisados.

A pesquisa sobre este tema encontra empecilhos na coleta de fontes. A política de documentação do Arquivo Municipal de Una (AMU) e o Arquivo da Câmara de Una (ACU) reforçam a imagem de um único agente responsável pelo desenvolvimento da cidade, através da proteção dos arquivos que retratam a vida dos familiares e correligionários da família Almeida, menosprezando outros tipos de documentos, por

---

<sup>23</sup> DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. SP: Ensaio, Campinas: EDUNICAMP, 1992.

exemplo, os que mostravam o florescimento de um poder político paralelo e contrário à ideologia até então dominante.

Sobre o que se tem escrito a respeito do município, somos levados a pensar que havia em Una, uma aquiescência social em relação aos tradicionais mandatários da cidade, com pessoas amorfas e trabalhadores passivos, os quais não iam nunca de encontro aos mandos de Manoel Almeida.

As fontes que me possibilitaram este estudo foram encontradas em sua maioria em casa de particulares. Victor Paes de Barros Leonardi guarda um arquivo sobre a organização em Una. Foi em sua casa, no Rio de Janeiro, onde encontrei a Carta de Princípios da Frente de Mobilização Popular de Una e o periódico *O democrata*, do qual ele era presidente. Estava em mãos apenas dos exemplares que iam do número 1 ao 5. Segundo o depoente, que não tem certeza sobre os motivos pelos quais não têm todos os exemplares, “os outros dois jornais ganharam tons tão agressivos que talvez depois do golpe de 1964 houvesse o medo de guardá-los”, arrisca hipótese razoável.

Saliento que poucas foram as fontes encontradas sobre algumas das atividades empreendidas pela FMP de Una. Sobre o programa *A voz da Frente* no serviço de auto-falantes, utilizamos os discursos impressos no jornal *O Democrata*, e as outras informações foram dadas pelos depoentes. Sobre a Escola João XXIII não foi encontrado o material didático utilizado e nem foram encontradas as atas que serviam de registro durante as reuniões da FMP. Alguns depoentes insinuam que o material foi queimado, após o golpe civil-militar de 1964.

A falta de fontes sobre estes processos torna ainda mais difícil as pesquisas sobre os trabalhadores e suas organizações. Os documentos que encontramos conforme disse anteriormente refere-se somente às atividades dos trabalhadores enquanto classe amorfa.

Ângela de Castro Gomes, ao valorizar o estudo sobre os trabalhadores, seus motins e insurgências, traz análise sobre o tema do “populismo”, categoria que ela rejeita, pois a considera como tendo exercido grande influência sobre essa história que enxerga as massas como amorfas. A autora, ao invés de utilizar a categoria populismo para identificar o processo de reconhecimento de alguns direitos dos trabalhadores no período que vai de 1930 a 1964, propõe outra categoria, a de “pacto trabalhista”, para

entender a relação entre estado e classe trabalhadora, num processo que, segundo ela, tem início na Primeira República.<sup>24</sup>

Dentro desta ótica, Ângela Castro recusa a idéia de uma classe trabalhadora passiva sem uma “verdadeira consciência”. Segundo ela, a abordagem deste período utilizando a categoria populismo traz a classe trabalhadora como amorfa, sempre submissa e enganada pela classe dominante.<sup>25</sup>

Portanto, escrever uma história que revele a importância de outros sujeitos como responsáveis pelo “desenvolvimento” da cidade é ensaiar uma reorganização e reclassificação da memória dos cidadãos Unenses. Mas, há necessidade de narrar a história *a contrapelo*, onde atores sociais de diversas classes e setores da sociedade possam apresentar-se como construtores da história de sua própria cidade<sup>26</sup>.

A possibilidade que a história vem abrindo ao descortinar novos objetos para análises historiográficas, tal como o estudo de fontes antes inexploradas, nos permite escrever a experiência da Frente de Mobilização Popular de Una, não construindo uma imagem eterna do passado sobre ela, como dentro de uma teoria do progresso; mas construindo, sobretudo, uma narrativa de acontecimentos que servirá de referência para pensar a

---

<sup>24</sup> A idéia de uma prática populista durante este período é trabalhada por: WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.28. Segundo este autor, o populismo “É um fenômeno político de massas, típico das “regiões atingidas pela intensificação do processo de urbanização”, pautado por uma relação específica entre os indivíduos e o poder político; esse poder é exercido através de um líder carismático tutelador, “em contato direto com os indivíduos reunidos na massa”. A coletânea organizada por FERREIRA, Jorge. *O Populismo e sua História. Debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, traz considerações sobre as diversas análises em torno da categoria de populismo, dos pontos positivos e negativos.

<sup>25</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Questão social e Historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, n°34, Jul-Dez, 2004. Sua rejeição a categoria de populismo pode ser mais bem entendida no livro: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. E assim como o populismo, Negro entende que a categoria paternalismo inibiu o reconhecimento da recorrência do conflito entre classes. Segundo o autor, o paternalismo inspira o populismo, e aí se renova e se prolonga. Nesse sentido, modernidade, cidadania e democracia continuariam fenômenos estranhos aos brasileiros, sempre atados, de alguma forma, ao apadrinhamento e ao mandonismo. NEGRO, Antônio Luigi. *Paternalismo, Populismo e História Social*. Cadernos AEL, V.11, n.20/21, 2004. Quem traz também uma análise sobre o conceito de paternalismo é THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. No capítulo “Patrícios e Plebeus”, Thompson aprofunda o conceito de paternalismo, afirmando que o termo nada mais serve do que para abarcar fenômenos díspares entre si, no tempo e no espaço. No lugar de servir para construir comparações, paralelos ou contrastes, apenas rotula. Seu uso, por causa disso, tem sido de uma equivocada amplitude. Depois, sua própria perspectiva — estabelecida a partir de cima — não comporta uma relação, mas implica o oposto: sugerindo manipulação. A história, em resumo é decidida no nível superior, de onde parte a clarividência, a habilidade, o pensamento e a manipulação, mal importando o que vem de baixo.

<sup>26</sup> BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas III*- São Paulo: Brasiliense, 1989.

atuação de diversos setores da sociedade na construção do município de Una. Procuramos inserir o estudo do exercício do poder da família Almeida dentro do questionamento dessa dinâmica de continuidades e discontinuidades, tradição e mudança. Dentro do próprio governo que havia sido organizado por Almeida, a partir do início da década de 1960, em Una, com a chegada de instituições públicas como O Banco da Bahia, as Coletorias Estaduais e Federais, a Estação Experimental Lemos Maia e a criação do Fórum de Una, em 1958, chegaram profissionais capacitados para trabalhar nestas instituições e, diferentemente da população local, trouxeram consigo novas idéias e perspectivas de vida o que conseqüentemente contribuiu, e muito, para uma evolução no quadro econômico e das inter-relações sociais, era um novo pensar.

Afastando-se das posições conservadoras e reacionárias de grupos que faziam a grande política e se constituindo em um grupo de esquerda, se distanciando de *estruturas de sentimento* presentes no contexto do governo, a FMP passou a congregiar segmentos da esquerda no Brasil, bem como intelectuais, que ajudam a construir uma nova *estrutura de sentimento*, com vistas a produzir transformações sociais e romper com a lógica dominante da política conservadora. Utilizamo-nos aqui do conceito de *estrutura de sentimento* cunhado por Raymond Williams, para quem

[...] “sentimento” é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de “visão de mundo” ou “ideologia”. Não que tenhamos apenas de ultrapassar crenças mantidas de maneira formal e sistemática, embora tenhamos sempre de levá-las em conta, mas que estamos interessados em significados e, valores tal como são vividos e sentidos ativamente, e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis<sup>27</sup>.

Desta forma, pensaremos a partir da experiência da FMP de Una os limites da obediência as regras da política tradicional.

---

<sup>27</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979. p.174.

# Capítulo I: O nacionalismo como projeto

## 1.1-Em defesa das reformas de base

Em Una, cidade do interior da Bahia, o discurso proferido em 25 de junho de 1963, no serviço de auto-falantes, traz à tona o teor das discussões que estavam sendo travada pelos integrantes da Frente de Mobilização Popular (FMP) da cidade, organização criada em 07 de junho de 1963, a partir da FMP nacional, a qual tinha como principal objetivo a luta pelas reformas de base.<sup>28</sup>

No terreno fértil da consciência dos brasileiros de Una, lançaremos as sementes dos ideais nacionalistas que germinarão e iluminarão o caminho que nos conduzirá a um Brasil melhor. Faremos desta terra uma seara de amor, progresso, onde as sementes da justiça social germinarão livremente, e crescendo já árvore forte abrigará, sob sua frondosa copa, estes filhos que por ela lutaram.

As discussões de propostas de cunho nacionalista estavam presentes na pauta diária de rádios, jornais e revistas de todo o Brasil. Os projetos nacionalistas estavam sendo defendidos veementemente através dos movimentos sociais, frentes parlamentares e populares. O nacionalismo, neste momento, configura-se enquanto um projeto de nação que surgiu, principalmente, a partir do final dos anos 50 e que teve na Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), composta por Deputados e Senadores no Congresso, um dos principais meios de divulgação do ideário pró-reformas de base. Neste período, diversos projetos em defesa da reforma agrária, da reforma administrativa, educacional, fiscal, tributária e urbana, entre outros, começaram a tramitar pelo Congresso, e isto constituiu o *substrato* de um tempo, defendido por grande parte dos brasileiros, que enxergavam no ideal nacionalista fator inequívoco de desenvolvimento econômico e social.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Pronunciamento presente no jornal *O DEMOCRATA* de 06 de Julho de 1963. Sua circulação teve início no município de Una, em 10 de maio de 1963.

<sup>29</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. “Nacionalismo como projeto de nação”. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)*. Ed 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v.2. p.360. Para HOBBSBAM, Eric J. *A era do capital-1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p.136, não devemos ignorar a substancial diferença entre velhos e novos nacionalismos, os primeiros incluídos as nações “históricas” que ainda não possuíam seu próprio Estado, que pediam o fim da dominação estrangeira, mas também as que haviam

A partir de meados dos anos 1950, várias propostas em prol das reformas de cunho nacionalista foram pensadas por diversos grupos. As Ligas Camponesas surgidas no nordeste foram a grande expressão da organização dos movimentos no Brasil pró-reformas<sup>30</sup>. No governo de João Goulart (1961-1964), esta tendência demonstrou mais força. Herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas, Goulart assumiu posição a favor das reformas timidamente até o fim do governo parlamentarista, o qual foi implementado no Brasil em 7 de Setembro de 1961, após a renúncia de Jânio Quadros.

Para compreender o impasse político no governo João Goulart, deve-se lançar mão da crise institucional que se seguiu nas relações entre política e sociedade desde 1945. Ainda existia um desafio, como conciliar o ideal democrático com as tensões sociais resultantes do hiato entre a rápida modificação social do seu passado e as enormes tarefas do desenvolvimento que ainda faltavam ser cumpridas.

Desta forma, exigia-se das lideranças partidárias uma aproximação com as classes trabalhadoras e Getúlio Vargas fez isso de várias formas, inclusive apoiando um partido que agregava a massa popular, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), enquanto o Partido Social Democrático (PSD) era voltado para as camadas dirigentes tradicionais. João Goulart, eleito Deputado Estadual pelo PTB, em 1945, começa a assumir posições a favor das classes populares; assim como no segundo mandato de Getúlio Vargas, na qualidade de Ministro do trabalho se compromete com reformas sociais, o que marcou sua carreira enquanto político até o fim de seu governo, em 1964.

João Goulart assume a presidência como líder do bloco nacional-reformista. Segundo Dreifuss,

[...] o termo bloco nacional-reformista designa a “frouxa” composição das forças políticas representadas no círculo ao redor de João Goulart e que favoreceria as diretrizes políticas da industrialização nacionalista fortemente apoiada pelo Estado, a reforma agrária com distribuição de terra, a nacionalização dos recursos naturais, medidas para o bem-estar social, uma política externa neutralista ou alinhada ao Terceiro Mundo, um forte controle das corporações multinacionais e até mesmo a desapropriação em muitos casos.<sup>31</sup>

---

longo tempo a possuíam, na maioria das nações especialmente as emergentes na Europa do século XIX, o movimento nacional tendia a tornar-se político depois da fase sentimental e folclórica. A idéia nacionalista inicial consistia na defesa do seu adjetivo pátrio. Por exemplo, os imigrantes ingleses ao chegarem aos Estados Unidos e relutarem em se tornar americanos, eram tidos e sentidos como nacionalistas.

<sup>30</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 2000.

<sup>31</sup> DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p.47.

Getúlio Vargas se compromete com o nacionalismo no seu segundo mandato, numa conjuntura em que o antagonismo entre capitalismo e socialismo da guerra fria era evidente. Qualquer medida nacionalista nesse momento histórico era caracterizada como comunista. João Goulart como herdeiro da carta-testamento de Getúlio Vargas, herdou também a aversão de seus rivais políticos, especialmente a UDN, “que foi considerado o partido mais conservador e de direita que existiu entre 1945 e 1964”.<sup>32</sup>

Por isto Goulart, para manter-se no poder optou por uma política de compromissos. A composição do primeiro ministério presidencialista de Goulart revelaria de forma muito expressiva as ambigüidades, as limitações e o estilo conciliador que predominariam durante todo o governo. No ministério encontravam-se políticos conservadores do PSD, petebistas "fisiológicos" e "nacionalistas" e militares dos setores "duros". O ministério era, assim, a expressão dos difíceis compromissos assumidos por Goulart para tomar posse: conciliar nacionalistas radicais e setores conservadores, além de reformistas, anti-reformistas e simpatizantes do socialismo.

Procurando não desagradar nem a direita, nem a esquerda, Goulart propôs um programa de reformas de base que, de alguma forma, atendia aos interesses dos dois extremos. Os grupos conservadores achavam a proposta radical demais em alguns quesitos, tal como a pauta da reforma agrária; enquanto os grupos de esquerda consideravam o programa tímido e a favor dos interesses conservadores.

Assim, Goulart perdia prestígio político tanto entre os conservadores, como entre a esquerda. Sofrendo a pressão interna dos dois lados, deveria decidir-se a favor de um ou de outro programa, mas adiava sua decisão, insistindo numa *política de compromissos*, de maneira que o plano trienal foi considerado a melhor expressão desta sua posição. Entretanto, Leonel Brizola dizia que o plano somente serviria para manter o *status quo* da direita reacionária, e como Goulart não recebeu o apoio de parte das esquerdas, o plano não deu certo.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. UDN e o Udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro, 1945-1965. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

<sup>33</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas a crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993, p.193. Ao referir-se ao Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, de autoria de Celso Furtado, ministro extraordinário para o Planejamento, a autora argumenta que “apesar de reconhecer a importância do sucesso do plano, Goulart sempre relutou em lhe

Duas propostas para realizar as chamadas reformas de base se destacaram no Brasil neste momento. A de Leonel Brizola, que defendia a realização imediata das reformas pelo presidente João Goulart, em 1963 e a proposta de San Tiago Dantas, líder da Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base (FPARBA), uma frente de centro-esquerda, que tinha como principal objetivo fazer um acordo mínimo de reformas e deter o movimento da direita.<sup>34</sup> A direita, por sua vez, angustiava-se diante do cenário propício para a realização das reformas sociais, as quais se realizadas atingiriam os interesses privados, principalmente para aqueles que eram detentores de terras.

San Tiago Dantas qualificou a FPARBA, organizada no fim de 1963, como “esquerda positiva”, enquanto a Frente de Mobilização Popular que tinha como principal representante Leonel Brizola, foi taxada por Dantas como radical e negativa, por ansiar pelas reformas de base de forma imediata. Argelina Figueiredo defende que democracia e reformas eram percebidas como objetivos políticos conflitantes durante o início da década de 1960, atribuindo a esta falta de combinação o desfecho do golpe civil-militar de 1964.<sup>35</sup>

Percebe-se que eram diversos os objetivos dos grupos de esquerda organizados na FMP, para alguns grupos aquele era o momento de se realizar apenas as reformas que estavam

---

emprestar apoio integral. E essa relutância minou de forma irremediável suas possibilidades de sucesso”. O plano buscava uma estabilização, para depois fazer as reformas. Previa uma reforma agrária que agradasse tanto a esquerda quanto a direita, além da retomada de um índice de crescimento econômico em torno de 7% ao ano, e a redução da taxa de inflação, que em 1962 chegara a 52%, para 10% em 1965. A execução do plano para a autora garantiria uma situação de equilíbrio entre as forças políticas.

<sup>34</sup> San Tiago Dantas trabalhou entre 1945 e 1946 no Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial. Foi assessor pessoal de Vargas durante seu segundo governo (1951-1954). Retornou à vida política em 1955, ingressando no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em outubro de 1958 elegeu-se deputado federal por Minas Gerais. Em 1961 foi escolhido para a pasta das relações exteriores. Deixou o ministério em junho, para poder disputar um novo mandato na câmara. Ainda em junho, Tancredo Neves renunciou. Para substituí-lo, Goulart encaminhou ao Congresso o nome de San Tiago Dantas, que era apoiado pelos setores nacionalistas e de esquerda do parlamento e pelos sindicatos. Contudo, as forças conservadoras, vetaram sua indicação. Em outubro de 1962, foi reeleito deputado federal. Em janeiro de 1963 assumiu a pasta da fazenda, e diante das dificuldades encontradas na aplicação do plano trienal, em junho o presidente mudou mais uma vez seu ministério. Celso Furtado deixou a pasta do planejamento, e San Tiago Dantas deixou a pasta da Secretaria da Fazenda. A pedido do presidente, Dantas começou a articular as correntes políticas próximas do governo com o objetivo de evitar a sua derrubada. Em janeiro de 1964, concluiu a elaboração de um programa mínimo voltado para a formação de um governo de frente única, que incluiria desde o PSD até o Partido Comunista Brasileiro. Entretanto, o programa desta frente não se mostrava nacional-revolucionário, tal como era a proposta da FMP. Goulart parecia conciliar com os grupos contrários as reformas de base. San Tiago Dantas faleceu no Rio de Janeiro em seis de setembro de 1964. Fonte: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/san\\_tiago\\_dantas](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/san_tiago_dantas) Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

<sup>35</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas á crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

em pauta; no entanto, para outros grupos tais reformas seriam o início da revolução no Brasil.<sup>36</sup>

Brizola é considerado o representante deste “radicalismo” na esquerda brasileira neste período. Ao criar a FMP, Brizola extinguiu a Frente de Libertação Nacional, que havia formado em 1962, juntamente com Mauro Borges, governador de Goiás. Muitos foram os parlamentares que integraram a FMP. Ruy Mauro Marini chega a qualificar esse Congresso como “parlamento das esquerdas” e Daniel Aarão Reis de “mini-parlamento alternativo” construído pelas forças populares alternativas.<sup>37</sup> A FMP nacional teve uma expansão em todo o Brasil, não se resumindo ao Congresso e isso fez com que Brizola e a esquerda organizada em torno da Frente ganhasse cada vez mais força e influência.

As propostas formuladas pela FMP nacional ganharam projeção não apenas nas grandes capitais, como também no interior do Brasil. Brizola, através da rádio Mayrik Veiga, porta-voz das idéias da FMP, convoca a união das forças através da formação de grupos em todo lugar do Brasil, para lutar pelas Reformas de Base.

A força de suas idéias pode ser percebida através das propostas formuladas pela FMP de Una. Os ideais dela estavam sintonizados com as propostas da Frente de Mobilização Popular nacional, a qual congregava organizações de esquerda que tinham como principal meta articular os grupos em defesa das Reformas de Base para o país. Segundo Jorge Ferreira, em nível nacional, a Frente congregou a União Nacional dos Estudantes (UNE); os operários urbanos com o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), o Pacto de Unidade e Ação (PUA) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC); os subalternos das Forças Armadas, como sargentos, marinheiros e fuzileiros navais por meio de suas associações; setores mais radicais das Ligas Camponesas; os grupos da esquerda revolucionária como a Ação Popular (AP), a

---

<sup>36</sup> Ver: SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder*. Vol.1. Os protagonistas. São Paulo, Global, 1979, p.66. Ao se referir a situação revolucionária de 1961-1964 o autor escreve: “Em uma posição absolutamente oportunista as forças populares em vez de prepararem-se para a conquista do poder, ficaram esperando que alguns generais progressistas fizessem a revolução”. O escritor afirma que um dos mitos mais difundidos no Brasil foi o relativo ao espírito democrático e progressista das Forças Armadas.

<sup>37</sup> A expressão “parlamento das esquerdas” encontra-se citada em DELGADO, Lucília de Almeida Neves. PTB. *Do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989, p. 236 e a definição de da FMP como parlamento alternativo está In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.) *Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964) As esquerdas no Brasil*. V.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 35.

Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP), o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) (POR-T) e os setores mais a esquerda do interior do PCB; bem como políticos do Grupo Compacto do PTB e da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), além dos nacional-revolucionários brizolistas.<sup>38</sup>

Porém, a Frente de Una diferiu da FMP nacional em alguns aspectos. A começar pela composição. Os integrantes não pertenciam a partidos de forma definitiva, nem a movimentos sociais organizados. Eram homens que além de atender para os problemas nacionais, buscavam mudanças políticas, sociais e econômicas no próprio município. Congregar componentes em torno da FMP era um meio de despertar nas pessoas o anseio para a busca de soluções dos problemas internos, como o analfabetismo, a falta de representação política dos subalternos e a centralização da renda em mãos de poucos.<sup>39</sup>

Ao criar sua lógica interna e diferentemente da FMP nacional, a FMP de Una buscou uma *política de compromissos* no município, ação esta inaceitável entre as esquerdas agrupadas na FMP em nível nacional, por este e outros motivos não clamavam em voz uníssona. A peculiaridade da política de tipo conservadora em Una, fez com que os integrantes da FMP utilizassem a tática de negociar as reformas e mudanças para o município entre pessoas conhecidas e não entre partidos políticos. Poucos foram adeptos da Frente, mas muitos concordavam com seus ideais, de maneira que eram sempre tecidas múltiplas e inusitadas alianças entre os integrantes da FMP e o poder local de caráter tradicional.<sup>40</sup>

A FMP não se autodefiniu, inicialmente, como força política de esquerda. Apesar do caráter reformista e até certo ponto radical de suas propostas e como as definições sobre

---

<sup>38</sup> FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: A Frente de Mobilização Popular. *Revista Brasileira de História*. Dossiê: Brasil, do ensaio ao golpe, 1954-1964. São Paulo: Associação Nacional de História, ANPUH, n.47, 2004, p.181-212

<sup>39</sup> Trago o conceito de subalterno aqui, segundo a concepção de GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 5. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Caderno nº25, P.131-145. Ao analisar a literatura histórica escrita sobre Davide Lazzareti (líder de um movimento subversivo-popular na Itália), Gramsci percebe que quando a elite social escreve sobre os elementos dos grupos subalternos eles têm sempre algo bárbaro ou patológico, estando sempre em posição de inferioridade. Ao invés de estudar um acontecimento coletivo, ele isola o protagonista e parte sempre de motivos não comprovados, para justificar suas ações. P.131- A descrição da literatura encontrada sobre Lazzareti coloca-o como um ser mítico, de espírito aventureiro, fazendo análises impressionistas literárias e não político-cultural. P.133. A história dos grupos sociais subalternos tem sido desagregada e episódica e suas organizações sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes. p.135.

<sup>40</sup> O uso da tática é a arte dos fracos, p.101 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

o seu reformismo poderiam “assustar” parte da população, a FMP era cautelosa quanto às posições que tomava, pois havia uma cultura política de tipo conservadora que involuntariamente criava resistência tanto a um novo arranjo político, quanto à luta por mudanças estruturais.

Percebemos na matéria veiculada pelo jornal *O Democrata*, como os militantes da FMP pensavam o “rompimento da ordem” no Brasil.

As afirmações sinistras de Carlos Lacerda de uma próxima “agostada” não serão desta vez, o sinal do mau agouro contra as instituições democráticas, todos os órgãos de vanguarda no país acham-se alertas para agir e reprimir qualquer investida contra a ordem vigente. Seja da direita, seja da esquerda, qualquer alteração dos quadros dirigentes, ou reformulação do regime, com o desprezo dos processos estabelecidos na constituição, será irremediavelmente esmagado a ferro e fogo, Estamos irmanados para que não haja alteração da ordem pública<sup>41</sup>.

Alterar a “ordem pública” poderia significar, para alguns moradores, romper com uma política conservadora atuante em Una durante décadas, que apesar da política de caráter centralizador e autoritário, mesmo assim, trouxe benefícios para o município. Considerando-se toda a situação, a Frente não fazia referência à esquerda brasileira, nem se via como tal. Definiam-se apenas como organização de homens “progressistas” e nacionalistas, que não desejavam o rompimento, mas apenas reformas de ordem democrática tanto para o Brasil, como para Una.

## **1.2- O cenário político de defesa e luta pelas reformas de base na Bahia e em Una**

Outro aspecto peculiar da FMP de Una em relação à FMP nacional a se considerar é o lugar de formação do grupo. Em Una, ela se organiza num ambiente político e social que teve desde sua origem a política monopolizada por apenas um grupo: a família Almeida e correligionários, onde a população não tinha a oportunidade de escolher seu candidato, já que era somente uma legenda que participava das eleições, não havendo

---

<sup>41</sup> O CORVO agoureiro. *O democrata*. 6 de Julho de 1963.

candidatos alternativos para serem votados. Apenas houve mudança neste quadro nas eleições de 1962, quando dois candidatos disputam o executivo, apoiados por forças políticas diferentes.

O município com população de 18.009 habitantes em 1963, sendo o grande contingente morador da zona rural, trabalhando em sua maioria nas terras pertencentes à família Almeida, responsável por realizar durante anos a “grande política”, estas pessoas encontraram-se muitas vezes sem opção nas eleições, por causa das alianças organizadas por este grupo.<sup>42</sup>

Entre 1919-1963, a cidade teve como principal representante político Manuel Almeida, mais conhecido como “coronel Almeida”, que ao herdar a fortuna e a influência de João David Fuchs, seu sogro, e primeiro intendente da Vila de Cachoeirinha (atual Una) conseguiu se eleger para o cargo de prefeito em três mandatos, porém manteve conservada sua influência através de familiares e correligionários até 1962.<sup>43</sup>

A história da cidade se confunde muitas vezes com a biografia deste chefe político que manteve influência desde a década de 1910 até a o início dos anos 1960. Com codinome de “coronel Almeida”, tudo parecia girar em torno de sua família.<sup>44</sup> Rosilane Maciel descreve assim este senhor de terras:

---

<sup>42</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas-IBGE. Mostra também que destes 18.009, estavam divididos entre 2.545 moradores urbanos e 15.464 na zona rural. E no total o município tinha 3.648 domicílios.

<sup>43</sup> Consultar no anexo a lista de intendentes e prefeitos, e seus respectivos parentescos. Manoel Pereira de Almeida chegou a Una em 1905, engenheiro vindo de Salvador, herdou o prestígio político e econômico do sogro David Fuchs, suíço detentor de terras na região. Casou-se com Alice Fuchs e mais tarde com a irmã desta, Adalice Fuchs. Foi intendente e prefeito em Una entre os anos de 1924 á 1939 exercendo influência política no município até meados dos anos 1960, onde até o presente é conhecido como coronel Almeida. Ver sobre ele em: SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em história, 45f. SANTANA, Antônio Raimundo. *A influência da colônia japonesa em Una*. Ilhéus: UESC, 2000. TCC em História, 150 f. e RUSCIOLELLI, Alexandre. *Os belgas na cidade de Una*. Ilhéus: UESC, 2002. TCC em História, 130 f. Obs: A relação de prefeitos e intendentes foi montada a partir de documentos da Câmara Municipal de Una, e as relações de parentesco foram montadas a partir da árvore genealógica da família e de entrevistas com familiares. A documentação está anexada em: Santos, Soanne Cristino Almeida. *Una: poder político municipal de 1939-1965*. Ilhéus: UESC, 2007. Monografia em História, 60 f.

<sup>44</sup> Ser chamado de coronel neste período era como elogio, significava respeito a uma pessoa de poder político e econômico. CARVALHO, José Murilo de A. *As metamorfoses do coronel*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 6 de maio de 2001. Neste texto, Carvalho trata de como desde a colônia o perfil e os papéis dos coronéis tem modificado com o tempo. No início o coronel era o homem bom, o patriarca, o senhor de terras. Durante a regência no Brasil, o coronel era aquele que fazia parte da Guarda Nacional, os oficiais eram nomeados pelo ministro da Justiça sob recomendação dos presidentes das províncias. A

Coube a Manuel Pereira de Almeida a honra de desbravador, lutando duramente pela nossa emancipação política e levando a agricultura pelo interior do município, doando terras não somente para a área da cidade, como também para que se instalasse aqui a estação Lemos Maia. [...] Com seu poderio econômico e prestígio político empreendeu através da manipulação popular, a construção de um próspero município.<sup>45</sup>

Como em Una não havia partidos políticos consolidados, percebe-se que a presença da União Democrática Nacional (UDN), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do Partido Socialista Brasileiro (PSB), se dava apenas para organizar o processo eleitoral, pois os agrupamentos políticos se conformavam mesmo em torno de pessoas e não de partidos, como se pode perceber pela organização política ao redor da figura de Manuel Almeida.

As propostas políticas encampadas pelos partidos em nível nacional eram o que menos importava no plano local, já que elas apenas serviam para legitimar o processo. Observa-se isto nas eleições de 1962, quando Manuel Almeida era presidente da UDN e Armil Almeida, presidente do PTB. Dois partidos que tinham posições divergentes no plano nacional, em Una encontravam-se coligados em torno de Manuel Almeida, para que se mantivessem as eleições conforme o grupo da grande política desejava. O fato de controlar os partidos no município, conferiu o pleno comando da política à família

---

hierarquia aqui era da renda e poder. Com a república surgiu o “coronelismo” segundo explica LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: alfa-ômega, 1976. O autor afirma que a urbanização, a industrialização, a libertação do eleitorado rural, e o aperfeiçoamento da justiça eleitoral iriam enterrar coronéis e o coronelismo. No entanto, temos o estudo de caso de SOUSA, João Morais de *Coronelismo em Malta: Práticas Utilizadas para o Controle do Poder Local - 1953-1992*. Dissertação de mestrado em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Onde o autor traz a reflexão sobre a prática do coronelismo em Malta ainda depois de meados do século XX, e também Governo Estadual e Federal aceitaram a continuação da autonomia local do coronel, uma vez que as atividades agrárias ainda representavam o suporte básico da economia nacional. Carvalho, diz que “os coronéis não desapareceram e, alguns da velha estirpe ainda sobreviveram ao Estado Novo. E surgiu o novo coronel, metamorfose do antigo, que vive da sobrevivência de traços, práticas e valores remanescentes dos velhos tempos. Os coronéis recentes para ele mantêm a arrogância e a prepotência no trato com os adversários, a inadaptação as regras da convivência democrática e a incapacidade de distinguir o público do privado.

<sup>45</sup>SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em história, 45f. P.28 e 43. A postura autoritária de Manuel Almeida é percebida no livro de FONTES, Oleone Coelho. *As aparições do demo (contos)*. Salvador: CIMAPE, 1969. No conto “a ressurreição de Epaminondas Jupará”, o autor conta a história de um homem que foi considerado criminoso, vigiado e perseguido com uma cabeça a prêmio na região. Refugiou-se em várias cidades na região, Itabuna, Ilhéus, Camacan e Uruçuca, no entanto apenas em Una ele foi capturado. “... Numa daquelas velhas fugas perdeu a orelha para o facão do capanga do coronel. Jupará resolveu ir a Una e lá a um coronel, homem de punho, desbravador carrasco famoso. À noite em que Jupará decidiu andar por aquelas terras, a coisa foi diferente; bem diferente”.

Almeida por muito tempo. Para a maioria dos membros do PTB em Una, a base doutrinária da ideologia parecia pouco importar; na maior parte dos casos, era sob a forma de uma cultura política difusa que a ideologia se impunha aos seus membros.<sup>46</sup>

Assim como em Una, nas eleições para o estado da Bahia não foi diferente. Lomanto Júnior (governador eleito para o período de 1963-1967) organizou uma campanha onde agrupou também a UDN e o PTB, principais adversários na política nacional. Em Una, os representantes destes partidos viviam num clima de cumplicidade. Para Muniz Ferreira “esta aliança a nível nacional era inconciliável”, já que a UDN expressava os interesses dos proprietários de terras e da indústria aliada ao capital estrangeiro, e pela origem social dos seus membros não havia, igualmente, uma especial identificação do partido com os setores médios, pois tinha como representantes no Congresso muitos proprietários de terras. Já o PTB, tinha um posicionamento político com tendência a buscar reformas sociais, o que não foi o caso dos projetos deste grupo para o município de Una. Um dos aspectos teria sido o fato de manter-se em aliança com a UDN e estar sob a influência de um chefe da grande política local.

Este jogo partidário de agregar partidos com bases ideológicas supostamente diferentes garantia a vitória nas eleições, era o que importava. A família Almeida conseguiu eleger todos os prefeitos, até pelo menos 1962, quando são surpreendidos pela chegada de um novo partido, o Partido Democrata Cristão (PDC), que, ao não manter alianças com os grupos tradicionais da cidade, criou oportunidades para um novo arranjo político municipal, o que terminaria por permitir a eleição de novos candidatos.

O PDC teve como presidente Libberalino Barbosa Souto, que é considerado por Rosilane Maciel, como “o divisor de águas na política de Una.”<sup>47</sup> Libberalino Barbosa era escrivão do Cartório de Registro Civil no distrito de Arataca e em 1959 foi vereador pela UDN. Durante seu mandato no legislativo, angariou apoio suficiente para se eleger prefeito de 1963-1967.

Diante deste novo contexto, percebe-se que os espaços de poder começam a se dividir. Manuel Almeida, principal representante da política empreendida no município durante as décadas passadas, passava a maior parte de seu tempo em viagens a Salvador, para

---

<sup>46</sup> FERREIRA, Muniz. O golpe de estado de 1964 na Bahia. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica* n° 22, Recife: editora Universitária da UFPE, 2004.p.85.

<sup>47</sup> SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida...*p.35

tratar de sua saúde, pois octogenário já se encontrava em estado debilitado. Seus filhos Armil e Acyr Almeida, além dos correligionários, legaram sua influência política, mas não conseguiram a hegemonia de antes, logo não conseguiram eleger um sucessor.

O PTB e a UDN, partidos que pertenciam ao grupo dos Almeida, surpreendidos com uma eleição onde haveria disputa entre concorrentes de fato, discordaram em relação ao nome do candidato a prefeito, e “isto causou discórdia e divisão no grupo”, mesmo assim resolveram lançar-se na candidatura de Antônio Andrade, um grande detentor de terras no município. O distrito de Arataca, que tinha o segundo maior percentual de eleitores, “já tinha declarado seu apoio a Libberalino Souto, e percebia-se que mesmo na sede da cidade era o nome mais comentado”, pois representava para a população o fim do monopólio político da família Almeida.<sup>48</sup>

Uma das medidas tomadas por ele logo quando assumiu a prefeitura, foi derrubar um componente simbólico da presença de Manuel Almeida na cidade: o pé de tamarindo, que havia sido plantado por Manuel Almeida, era afinal seu lugar principal de descanso. Fato que é lembrado pelos moradores da cidade.

Quando derrubaram o pé de tamarindo de Dr. Almeida, ih! Ai foi que ele percebeu que perdia o controle da cidade. Libberalino mandou derrubar para construir a ponte que liga Una a Canavieiras, ela ficava bem na cabeceira, podiam ter deixado lá, mais ai!. Neste dia eu vi o coronel se ajoelhar, levantar a calça e as mangas da camisa, levantar as mãos pro céu e chorar como criança.<sup>49</sup>

O comportamento político de atores como Libberalino Souto leva-nos a investigar a possibilidade de diversos usos do passado, através de representações que demonstram uma lógica do cotidiano, das memórias, vivências e sensibilidades próprias empreendidas por grupos ou indivíduos num determinado espaço. O pé de tamarindo naquele momento representava uma memória política que devia ser apagada, pois novos símbolos de poder seriam criados, sob a égide de um novo grupo. No lugar da árvore foi construída uma obra, a cabeceira da ponte, representando algo de novo e moderno.

---

<sup>48</sup> As frases que estão entre aspas correspondem ao discurso de Carlos Antônio Cincurá de Andrade, último prefeito eleito (1959-1962) com o apoio hegemônico da família Almeida e seus correligionários.

<sup>49</sup> SOUSA, Natan Mendes. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 05 de maio de 2007.

Contudo, em que pese o significado político da presença do novo personagem, percebe-se que suas propostas tinham o mesmo conteúdo das do seu adversário Antônio Andrade, fazendeiro apoiado pelo PTB e UDN. Existia uma relação de compadrio entre os partidos, que não obstante, em todo caso, representavam a oportunidade de mudanças, pois sugeria uma política com relações diferenciadas.

Libberalino foi eleito pelo PDC, assumindo a prefeitura em 07 de abril de 1963, tendo apoios bastante heterogêneos, como o de fazendeiros, trabalhadores e funcionários do Banco da Bahia, Coletoria Estadual, Correios etc. Libberalino conseguiu agrupar pessoas recém-chegadas a Una, as quais detinham influência em razão de suas funções, pois fizeram parte de sua campanha e mais tarde integraram a Frente de Mobilização Popular.

O prefeito eleito não se manifestava a favor ou contra as reformas de base, mas para muitos foi considerado “um homem de visão mais progressista”, que antes de se tornar chefe do executivo defendeu projetos na Câmara que indicariam este espírito, tal como, o projeto de lei onde solicitava a construção da rodovia Una-Canavieiras, e que afirmava que ela “compensava todo e qualquer sacrifício financeiro pelo município”, pois as estradas eram verdadeiras “trilhas de índio”.<sup>50</sup>

Depois de eleito, Libberalino apresenta também outros projetos que animam os defensores das reformas de base de Una, como por exemplo, aprovar políticas de incentivo ao pequeno agricultor a comprar suas terras, concedendo isenção de imposto para proprietários de até 50 hectares. E ao desapropriar cinquenta e seis lotes de terras no distrito de pedras, a fim de beneficiar pessoas “comprovadamente pobres”.<sup>51</sup>

Depois de 1964, estas atitudes do prefeito irão sofrer algumas represálias por parte de políticos da oposição na Câmara. Em dezembro de 1964, Carlos Dias, vereador pela UDN, acusa o prefeito municipal de “corrupção no loteamento do Arraial de Pedras”, e solicita a documentação de que as terras foram doadas a pobres. João Queiroz presidente na Câmara pelo PDC, responde a acusação da seguinte forma:

Esta é a tática que quer ver este país no marasmo, que vive criando estas questões quando se quer dar condições ao homem do

---

<sup>50</sup> Projeto de nº28 de 1960, aprovado em 26 de janeiro de 1960.

<sup>51</sup> O projeto citado é de nº16, de 18 de novembro de 1963, e a lei citada é de nº 2 de 20 de maio de 1963.

campo, tirando-o da escuridão dando-lhe luz para que não seja ludibriado pelos inimigos do progresso. Por isso é que Carlos Dias acha que dividir as terras, dar condições ao homem do campo, como estamos dando é ser corruptos e ladrões. Quero deixar patente nesta casa que as terras do patrimônio municipal foram divididas em 56 lotes, todos eles ocupados por pessoas comprovadamente pobres<sup>52</sup>.

Na Bahia, outras medidas com este caráter foram realizadas também no interior, como foi o caso do município de Ipiaú, onde o prefeito Euclides Neto (1963-1967) desapropriou uma propriedade rural de aproximadamente 158 ha, para partilhar entre famílias de trabalhadores rurais desempregados. Posteriormente, esta área rural seria batizada pelos próprios moradores com o nome de “Fazenda do Povo”. Com esta iniciativa, entre outras, o prefeito Euclides Neto seria acusado de comunista, passando a responder um IPM (Inquérito Policial Militar) instaurado por uma Junta Militar, em 1964.<sup>53</sup>

Estas iniciativas no interior estavam respaldadas diante de uma política estadual implantada por Lomanto Júnior, o qual desapropriou fazendas do município de Candeias para a instalação de um núcleo colonial, o Landulfo Alves. Lomanto, durante sua gestão, teve um bom relacionamento com o grupo político que apoiava João Goulart, presidente que em alguns momentos defendeu a implantação das reformas de base de forma “gradual” no Brasil.

Lomanto Júnior declarou simpatia pela reforma agrária, e pelas reformas de base em seus discursos. No entanto, seu grupo político acusava o candidato da oposição de comunista e diziam que “forças estranhas” tomariam posse da Bahia caso Waldir Pires fosse eleito. Dantas Neto diz que “Lomanto era um populista bem comportado”.<sup>54</sup> O seu programa político foi moderado e com pontos como revisão da política e da legislação de terras. O lema da campanha de Lomanto era ‘O interior avança para o governo’, e

---

<sup>52</sup> Ata da Câmara Municipal de Una de 18 de dezembro de 1964, p.7

<sup>53</sup> SILVA, Albione Souza. *O caráter Socialista da gestão de Euclides Neto no município de Ipiaú (1963-1967)*. Ilhéus, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003. Euclides Neto é escritor de 14 livros de poesias e romances. Em alguns deles a questão central é a exploração sofrida pelos trabalhadores da zona rural. Cf. TEIXEIRA NETO, Euclides José. *64: Um Prefeito a Revolução e os Jumentos*. Salvador: Fator, 1983. TEIXEIRA NETO, Euclides José *Trilhas da Reforma Agrária*. 3ed. Littera: São Paulo, 1999. TEIXEIRA NETO, Euclides José. *Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores*. Ilhéus: Editus, 2001.

<sup>54</sup> DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, Autocracia e Carisma. A política de Antonio Carlos Magalhães na Modernização da Bahia (1954-1974)*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006, p. 176.

“neste caminho comete toda sorte de heresias contra ligações históricas entre redutos de tradição coronelísticos”.<sup>55</sup>

Para o governador era necessário buscar a “paz baiana”, ou seja, os grupos progressistas e os herdeiros do grupo “autonomista” baiano deveriam buscar a pacificação, já que os problemas baianos estavam acima dos interesses partidários.<sup>56</sup> O que Lomanto queria destacar era a necessidade de manter “as bênçãos de Jango, a mística getulista do PTB com a união do populismo agregada à velha *Bahia com ‘H’* e as vozes do sertão” e para isto era necessário conter os ânimos dos grupos “progressistas revolucionários”.<sup>57</sup>

Pode-se perceber isto no discurso que fez para a União dos Estudantes da Bahia (UEB), declarando-se na “contramão de interesses de seus apoios interioranos, a favor das reformas de base e uma reforma agrária, o mais cedo possível”, por estas e outras afirmações “progressistas”, Lomanto Júnior tem no seu primeiro mandato um desentendimento crescente com o campo udenista.<sup>58</sup>

Muniz Ferreira assegura que durante os doze meses que antecederam o golpe de 1964, Lomanto Júnior funcionou como um “algodão entre os cristais”, amortecendo os atritos entre a UDN e o PTB.<sup>59</sup> Fez isto por causa das alianças estabelecidas para sua eleição, pois além de ter tido o apoio da UDN e do PTB, recebeu também o apoio de Juracy Magalhães, político que é conhecido no seio das forças conservadoras da Bahia. Já Waldir Pires, candidato do PSD teve aliados eleitorais como o PCB e o PDC. O PTB que apóia Lomanto neste momento é mais conservador, e já o PSD apresenta uma tendência mais à esquerda, porém a alusão da estreita relação de Lomanto com os anseios do povo dava a ele o apoio dos setores populares e daqueles que mesmo não o vendo como os defensores das reformas de base no Brasil, também não o viam como adversário. O jingle da Campanha de Lomanto dizia o seguinte:

Lomanto esperança do povo, é gente nossa, é sangue novo; Lomanto é a renovação, veio do alto sertão; municipalista filho de agricultor, ele é amigo do pobre irmão do trabalhador.

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 164.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 163

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.183.

<sup>59</sup> FERREIRA, Muniz. *O golpe de 1964 na Bahia...* P.87

Tanto Waldir Pires quanto Lomanto Júnior foram referências progressistas em seus respectivos grupos políticos. No entanto, futuros membros da FMP de Una apoiaram Lomanto mesmo tendo como candidato Waldir Pires, que neste momento era apoiado pelo PDC, partido ao qual Libberalino Souto era filiado. Waldir foi o candidato representante das forças reformistas na Bahia, entretanto as forças de esquerda no Brasil optaram por apoiar Lomanto por tê-lo como progressista, conforme assegura o jornal *O Democrata*:

O povo de Una junta as suas esperanças ao povo da Bahia, e como este, confia e está certo da vitória que nosso estado conseguirá dirigida por Lomanto Jr., e com este coordena as suas forças no caminho que nos levará ao desenvolvimento e ao progresso.<sup>60</sup>

Este apoio vem confirmar, mais uma vez, a idéia de que as composições políticas se davam em torno de pessoas e não de partidos. Esta tentativa nos ajuda a perceber um cenário propício para o debate e o início de atividades relativas à implantação das reformas de base na Bahia e em Una.

As práticas cotidianas de negociação política aconteciam entre integrantes dos partidos que pareciam “rivais”. Percebemos isto claramente através de algumas das atividades implantadas no município pela FMP, tais como: - a construção da escola João XXIII, onde se realizavam aulas noturnas, cujo principal objetivo era alfabetizar adultos; - a *voz da frente*, serviço de auto-falante no qual eram lidos os protestos da FMP; - o jornal *O democrata*, primeiro instrumento criado para informar a população sobre as idéias da FMP; - e o incentivo à organização dos Sindicatos de Trabalhadores da Construção Civil e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no ano de 1963. Nosso desafio é entender como o discurso em torno das reformas de base foi “apropriado” por diversos atores sociais que vivenciaram esta experiência política no cotidiano de uma política tradicional e restritiva, onde as margens de autonomia pareciam quase não existir. A partir das atividades da FMP de Una e sua pressão exercida sobre o governo local, podemos afirmar que houve continuidade, mas não deixou de haver transformações no cenário político e econômico municipal.

---

<sup>60</sup> Jornal *O democrata* de 10 de maio de 1963.p.1.

Apesar da *tendência de esquerda* explícita nas propostas da organização, alguns políticos conservadores, mas não reacionários do grupo tradicional, negociaram e colaboraram com as atividades da FMP.<sup>61</sup> Um exemplo disto foi a contribuição de Themir Batista, advogado da Prefeitura Municipal de Una (PMU), que colaborou juridicamente na implantação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

A articulação da FMP nacional se deu principalmente na capital do Rio de Janeiro, onde residia o maior número de parlamentares e existia grande quantidade de periódicos, além de sediar o principal meio de comunicação da FMP, a Rádio Mayrink Veiga, a qual tinha como líder Leonel Brizola.<sup>62</sup>

Brizola, político filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, foi considerado o líder desta organização. Governador do Rio Grande do Sul em 1958, foi eleito Deputado Federal pelo antigo estado da Guanabara em 1962. Ao entender como tímida a atuação da bancada trabalhista na Câmara Federal, Brizola decidiu constituir a Frente de Mobilização Popular com os deputados e correntes de esquerda, pois já havia adquirido credibilidade entre as esquerdas, através da liderança da “cadeia da legalidade”.

Ao convocar os brasileiros a defender a constituição em 1961, buscando garantir a posse de João Goulart, quando da renúncia de Jânio Quadros, Brizola convocou o país, por meio de dezenas de emissoras de rádios, a resistir ao golpe. Entrincheirando-se no palácio Piratini e mobilizando a brigada militar dividindo, inclusive, as Forças Armadas, já que o III exército sediado no sul aderiu à proposta de Brizola, o que garantiu a posse do vice-presidente. Brizola representando, então, os anseios das

---

<sup>61</sup> SILVA, Antônio Ozai. *História das tendências no Brasil (origens, cisões e propostas)*. 2º ed. São Paulo: Dag Gráfica e editorial, S/D. Para Silva, quando certo número de pessoas se agrupam em torno de uma ideologia comum, com propostas e princípios comuns que norteiam a sua intervenção na luta dos trabalhadores, essas pessoas constituem uma tendência. Ou seja, tendências são quaisquer agrupamentos de pessoas que defendem o mesmo pensamento político esquerda com o mesmo sentido que o utilizou GORENDER, Jacob em *Combate nas Trevas*. SP: Ática, 1998. E RIDENTI, Marcelo na obra, *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 17 “para designar forças políticas críticas da ordem capitalista estabelecida, identificadas com as lutas de trabalhadores pela transformação social”.

<sup>62</sup> NASCIMENTO, Márcio. *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*. Rio de Janeiro: Litteris, 2002. A Rádio Mayrink Veiga, que nasceu na década de 1930, localizada na agitada Praça Mauá, foi a campeã de audiência por muitos anos. Do outro lado da rua localizava-se a Rádio Tupi, emissora que pertencia ao grupo dos Diários Associados e iniciou suas atividades como a segunda mais potente emissora da América do Sul. Na década de 1930, na América Latina ascenderam ao poder políticos personalistas que conseguiram conquistar as camadas médias e o operariado com um discurso carismático, que atendia, em parte, às reivindicações trabalhistas e dava voz aos sindicatos, continuou com a mesma tendência após a década de 1960.

esquerdas em 1963, utilizava a rádio Mayrink Veiga para suas palestras semanais em nome da FMP.<sup>63</sup>

Através desta rádio, da qual Brizola era sócio, o líder nacionalista conclamava: “onde se encontrasse um brasileiro consciente, um nacionalista, um patriota: nos bairros, nas cidades, nas fábricas, escritórios ou campos, o povo deveria se organizar”. Fazia discursos inflamados incitando a sociedade a se organizar e exigir as reformas de base para o país. A esta rádio somaram-se outras estações e assim seus discursos puderam ser ouvidos tanto nas capitais, como no interior dos estados.

Na cidade de Una, os discursos pronunciados por Brizola reverberaram, tanto que em junho de 1963 formou-se a Frente de Mobilização Popular de Una, tomando como incentivos as palavras do ex-governador gaúcho e a necessidade de mudanças internas no município. Brizola convidava os ouvintes para colaborarem na criação de uma rádio de integração nacional, que refletiria a “opinião e aspirações do povo”. Pregava que a imprensa deveria ser livre, sem sofrer influências do imperialismo capitalista, dizendo que levaria informações e cultura ao homem da rua, organizando desta forma, resistência ao imperialismo.

O fato é que Brizola se utilizou de diversos meios de comunicação para falar ao povo. Em fevereiro de 1964, surgiu *O panfleto: o jornal do homem da rua*. Segundo Elenice Skatorzi, Brizola, no período de instabilidade política buscou na imprensa escrita e falada a oportunidade de se manifestar sobre as questões políticas e econômicas, tanto de cunho nacional como internacional, no intuito de informar aos brasileiros sobre a situação de 1963 e 1964, bem como reafirmar o brizolismo e selar sua ligação com o varguismo. O jornal apresenta-se como a “ovelha negra” jornalística pelo perfil que iria assumir durante sua existência e também pela independência financeira que pretendia ter, para, assim, poder ser independente na divulgação da matéria.<sup>64</sup>

Diversas pessoas que participaram e militaram na FMP, depois da experiência com a esquerda, tornaram-se intelectuais profissionais, a exemplo de Paulo Schilling, então secretário da FMP, em fevereiro de 1964 e colaborador do jornal, que circulou em quase

---

<sup>63</sup> Bandeira, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1979.

<sup>64</sup> SZATKOSKI, Elenice. *O Jornal o Panfleto e a construção do Brizolismo*. Porto Alegre: Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do RioGrande do Sul, 2008, p.42.

todo o Brasil.<sup>65</sup> A tática de utilizar os meios de comunicação colaborara também na organização do “Grupo dos 11” ou “Comandos Nacionalistas”. Criado em fins de novembro, por iniciativa de Leonel Brizola, a proposta é que fosse formado por duas, três, ou quatro pessoas que em comum acordo convidariam outras pessoas até formarem o grupo de onze companheiros. Sobre os tais ‘grupos Brizola’ dizia que havia necessidade de organização, mesmo sabendo que a população, estudantes, camponeses, intelectuais, e até militares estavam se organizando em Sindicatos. Os brasileiros necessitavam de organização política e orientada, era o que pensava o líder nacionalista.<sup>66</sup>

A tática de utilizar diversos meios de comunicação tornou a FMP conhecida de quase todo o Brasil. A rádio podia ser ouvida por analfabetos, através do programa “Rede do esclarecimento” e os jornais e panfletos levariam informações aos escolarizados. Desta forma, a diversidade de organizações, inclusive a FMP, agregou e permitiu que grupos surgissem, tanto nas cidades como no campo.

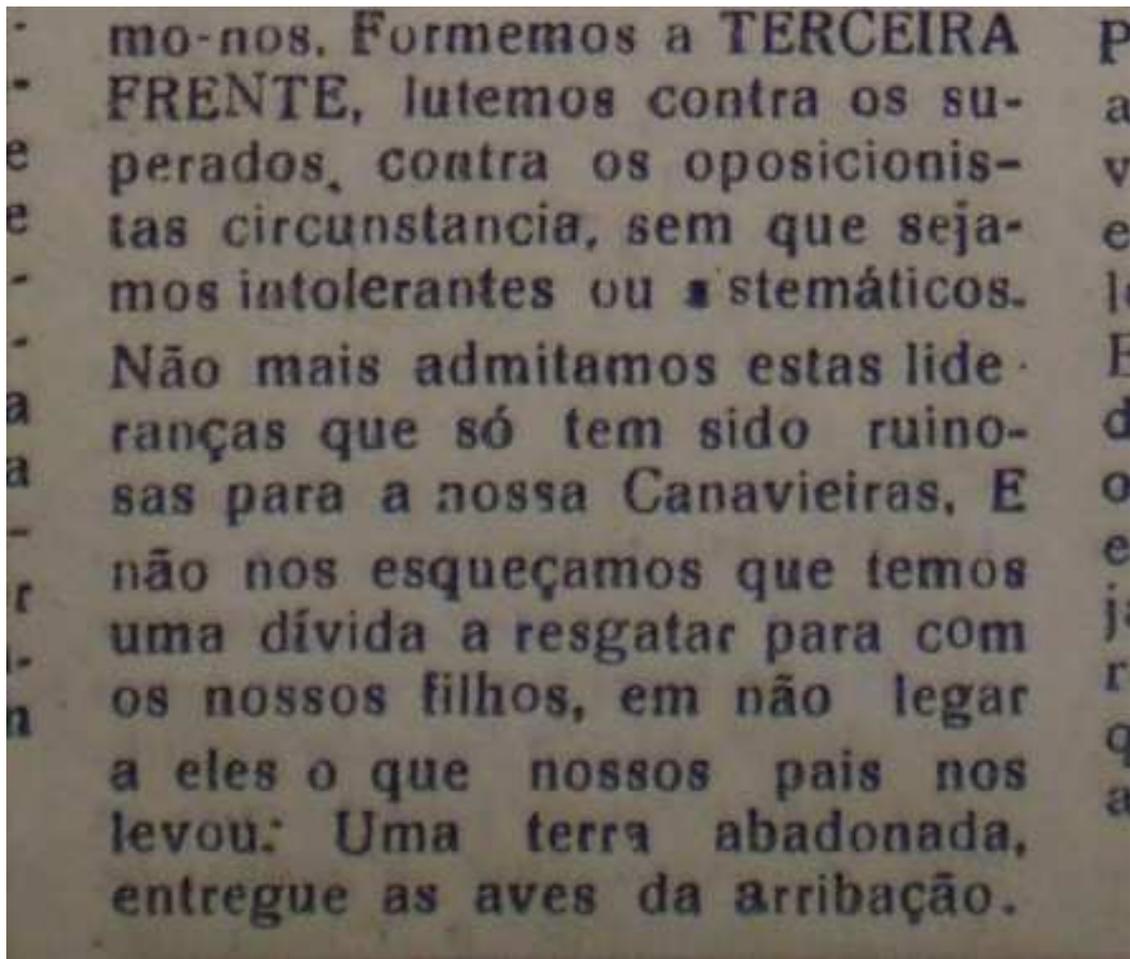
### **1.3- As influências nacionalistas no interior da Bahia**

Por diversas vezes no Brasil, foram formadas frentes, principalmente entre os anos de 1950 e 1960, a maior parte delas com conteúdo de cunho nacionalista. No âmbito nacional, tem-se o exemplo da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), cujo presidente em 1958 era Sérgio Magalhães, deputado, que mais tarde comporia a FMP nacional; da Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base de San Tiago Dantas em 1963, além da Frente de Mobilização Popular, que compunham o quadro das frentes nacionalistas que atuavam no país. Quanto à FMP, há indícios de que esta existiu não somente em Una, mas também no município de Canavieiras, localizado no Sul baiano, e, possivelmente em outras localidades.

---

<sup>65</sup> Schilling é autor do livro. SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder*. Vol.1. Os protagonistas. São Paulo, Global, 1979.

<sup>66</sup> FERREIRA, Jorge. A estratégia do Confronto: A Frente de Mobilização Popular. *Revista Brasileira de História*, Dossiê: Brasil, do ensaio ao golpe, 1954-1964. São Paulo: Associação Nacional de História, ANPHU, n.47, 2004, p.113.



**Figura 1:** Recorte de jornal sobre a Terceira Frente em Canavieiras  
**Fonte:** Jornal *A voz do Rio Pardo* da 1ª quinzena de outubro de 1960

A iniciativa de aglutinar forças e unir partidos e grupos em torno de um objetivo comum ao formar *frentes*, foi uma tática discutida no III e VII Congresso da Internacional Comunista na década de 1920 e 1930. Surgida inicialmente pela identificação do refluxo do ciclo revolucionário iniciado na Rússia em 1917, a tática frentista serviu, principalmente, para organizar as forças contra o avanço do fascismo e do imperialismo no mundo.<sup>67</sup>

O cenário internacional dos anos 1950-1960 foi caracterizado pela descolonização, com a vitória das lutas de libertação nacional, sobretudo, na Ásia e na África. Contexto em que se destaca a Revolução Cubana de 1959. O impacto desta revolução no Brasil

<sup>67</sup> KAREPOVS, Dainis. MARQUES NETO, José Castilho. *Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas*. In: RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS, Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007. P.112

somou-se ao espírito de um tempo histórico caracterizado pela ascensão dos movimentos de libertação nacional, nos países do chamado Terceiro Mundo, enquanto que no Brasil as discussões sobre industrialização, nacionalismo e ascensão de movimentos populares deram o tom do período.<sup>68</sup> Podemos perceber a influência do acontecimento cubano no interior da Bahia, através do jornal local *A Voz do Rio Pardo*, produzido no município de Canavieiras.



**Figura 2:** Manifesto de Solidariedade do Povo de Itabuna ao Bravo Povo Cubano  
**Fonte:** Jornal *A voz do Rio Pardo* da 1ª quinzena de outubro de 1960

<sup>68</sup> BARÃO, Carlos Alberto. *A influência da revolução Cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60*. In: MORAES, João Quartim. AARÃO REIS, Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007. P.233.

Não somente a formação de Frentes nos demonstra o desejo de mudança da população desta região, como também o “manifesto de solidariedade do povo de Itabuna ao bravo povo cubano”. Assim, percebemos o quanto o interior do Brasil durante o momento anterior ao golpe-civil militar de 1964 manifestou seus anseios políticos e se organizou na defesa dos ideais nacionalistas.<sup>69</sup>

O fato do jornal de Canavieiras publicar um manifesto produzido em Itabuna, significa afinidade ideológica dos diretores do jornal com a notícia. O diretor era o advogado Mario S. Costa e o redator chefe, J. Pinheiro Tolentino e esboçava o seguinte slogan: “Órgão independente político e noticioso”.

A presença de Jean Paul Sartre em Ilhéus é um dos aspectos que devemos também dar relevância ao notar a importância das organizações dos grupos com tendência de esquerda no interior.



**Figura 3:** Recorte de jornal sobre a presença de Sartre na região cacauceira  
**Fonte:** Jornal *A voz do Rio Pardo* da 2ª quinzena de agosto de 1960.

<sup>69</sup> PAPA do existencialismo na região cacauceira. *Jornal a Voz do Rio Pardo*. 1ª quinzena de outubro de 1960, p.3.

A visita ao Brasil foi decidida pelo casal, logo após voltarem de Havana. Chegam ao Rio de Janeiro para promover a solidariedade internacional necessária para sustentar a revolução cubana e a guerra de libertação da Argélia. Certamente a intelectualidade brasileira, tão próxima do que se passava em Paris, acompanhava, através de *Les Temps Modernes*, as posições anticolonialistas do filósofo<sup>70</sup>. A sua peregrinação à China, a Cuba e ao Brasil tinha claramente um caráter militante. "O colonialismo é um sistema que nos infecta com seu racismo", escrevera Sartre, em 1956. A sua militância vai além das palavras: durante sua estada no Brasil, Sartre passará a responder a um processo criminal em Paris, junto com outros 121 intelectuais que assumiram abertamente a cooperação com a Frente Nacional de Libertação da Argélia, portanto a presença de intelectuais como Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no país, entre agosto e setembro de 1960, demonstra o quanto as esquerdas no Brasil estavam se fortalecendo.<sup>71</sup>

Todavia, o sucesso de Sartre no Brasil se deveu às suas conferências sobre o colonialismo e a necessidade histórica das lutas de independência dos povos do Terceiro Mundo. Jornalistas e escritores lançaram em livro as reportagens de Sartre no Brasil, o título da obra foi "Furacão sobre Cuba", lançada em setembro de 1960, com sucesso absoluto de vendas.

Na apresentação do livro, os responsáveis pela Editora do Autor exaltam "a cultura de filósofo e a força de um escritor a serviço da liberdade dos povos e da dignidade humana". No prefácio à edição brasileira, Sartre recorda:

Em toda a parte, no Brasil, na Bahia, no Rio de Janeiro, em Araraquara (SP), encontrei uma juventude arrebatada. A primeira pergunta era sempre: 'E Cuba? Acabei compreendendo que falar aos brasileiros sobre a ilha rebelde cubana era falar deles próprios. [...] Um dia, apesar de todas as divergências e interesses, a

---

<sup>70</sup> A revista *Les temps modernes* é uma revista literária e filosófica fundada por Jean Paul Sartre em 1945. Antes de sua vinda ao Brasil, o casal já conhecia um pouco dos trabalhadores da região do cacau através da obra Amado, Jorge. "Cacao". *Les Temps Modernes*, nº 104/105, juin-août 1954. Em outubro de 1967, Sartre dedica um número especial de sua revista ao Brasil, relatando os fracassos e pequenas vitórias dos dissidentes do modelo implantado em 1964 pelos militares e conservadores. Naquele ano escreveram para *Temps Modernes* intelectuais reconhecidos como Otto Maria Carpeaux sobre literatura brasileira; Jean-Claude Bernardet sobre o cinema novo; Antonio Callado sobre as Ligas Camponesas; Celso Furtado ("Da oligarquia ao Estado militar"); Florestan Fernandes ("Relações entre as raças"); Francisco Weffort sobre o populismo; J. Leite Lopes sobre ciência e sociedade; Hélio Jaguaribe, sobre estabilidade social e o colono-fascismo.

<sup>71</sup> Jornal *A Voz do Rio Pardo*. Canavieiras- Agosto de 1960. Nº8.

América Latina se unirá na liberdade readquirida. Cuba sabe disso, os brasileiros sabem, todo o mundo sabe.

No jornal de Canavieiras, a ênfase a vinda de Sartre à Bahia foi motivada pela figura do casal enquanto literatos, já no jornal *A tarde*, Sartre teve sua imagem vinculada aos seus projetos de libertação nacional e a ao comunismo.

Apresentado ao público de quinhentas pessoas, Sartre se recusou a fazer a Conferência na casa da França, uma louvável atitude de independência, repetindo o tema que fizera no recife, fez a apologia da literatura popular em oposição a literatura burguesa, que considerou de solidão e de melancolia. Essa literatura floresce na França porque o homem é um escritor sempre comprometido com o curso de humanidades, que lhe dá um certificado de burguesia comprometido com (que é o caso de Sartre). Sugere que se criasse aqui um ambiente para literatura popular, devendo-se mesmo começar pelo problema da alfabetização. A literatura deve refletir o seu meio. Interpelado por apenas quatro pessoas, disse que existencialismo é uma ideologia de circunstância, mas que é envolvida pela grande campânula do marxismo. Confessou: Sou marxista e distingo entre o nacionalismo de Kipling imperialista e o nacionalismo popular anti-burguês.<sup>72</sup>

Anos depois, em cinco de março de 1963, o periódico *A tarde* publica outra nota sobre Sartre e sua relação com o comunismo.

... notícias católicas brasileiras informam que o fim de recrutar líderes intelectuais para a chefia do comunismo latino-americano. Moscou, Pequim e Belgrado, agindo em comum acordo, tem enviado ao Brasil elementos do PC italiano com experimentos em propaganda e organização. Ao mesmo tem programado uma liga de escritores da América latina a ser organizada sob os auspícios de Sartre.<sup>73</sup>

A tese central deste tópico foi a de que nos anos de 1950 e 1960 o interior da Bahia recebeu influências diversas que colaborou para o desenvolvimento de organizações com propostas de cunho nacionalista, tal como as expressas pela FMP de Una.

---

<sup>72</sup> SARTRE na reitoria disse que existencialismo é marxismo. *A Tarde*. 18 de Junho de 1960. O Jornal *A tarde* foi fundado em 1912 por Simões Filho, e é um dos periódicos mais lidos no Estado da Bahia.

<sup>73</sup> SARTRE a serviço do comunismo. *A Tarde*. 5 de Março de 1963.

## Capítulo II

### Um novo arranjo político: as demandas emancipacionistas e as atividades da FMP de Una.

#### 2.1-Mudanças políticas: a busca por autonomia

O município de Una tinha como distritos Xapuri (atual-Arataca), Pedras, Rio Branco, Outeiro, Tupan, Pratas, Comandatuba e Itatingui. Os povoados mais populosos e maiores produtores de cacau eram Itatingui e Arataca. O desmembramento de qualquer uma daquelas partes do município, a sua transformação ou elevação à categoria que representasse mais autonomia para o distrito ou povoado era sentida como se fosse uma ameaça econômica e política para Una.

No dia oito de novembro de 1959, enquanto estavam reunidos vereadores e populares na 5ª seção ordinária na Câmara Municipal de Una, foi lida uma carta que teria sido enviada pelo Deputado federal Hélio Ramos.<sup>74</sup> Na missiva o deputado solicitava que Itatingui fosse transformada em distrito, anexando Arataca.<sup>75</sup> Esta solicitação assustou alguns vereadores e lideranças políticas de Una. Nunca se tinha ouvido falar em busca por emancipação distrital no município. Os debates na Câmara em torno do assunto demonstram o clima no recinto neste dia, pois alguns diziam que “o movimento é contraproducente”, enquanto outros afirmavam que o “caso Itatingui seja transformada em distrito ela pode começar a exportar a mercadoria pela BR 101”. O fato de

---

<sup>74</sup> Hélio Vitor Ramos foi suplente de deputado estadual pelo Partido Republicano (PR) entre 1951 e 1955. Assumiu o mandato por diversos períodos, mas somente efetivou-se em 28 de dezembro de 1953. Reeleito deputado estadual pelo PR para exercer a legislatura entre 1955-1959, foi conduzido ao Congresso deputado federal também pelo PR para o período de 1959 à 1963, após ter sido integrante da Frente Parlamentar Nacionalista em 1956. Posteriormente ingressou no Partido Social Democrático (PSD) sendo mais uma vez eleito deputado federal para o mandato de 1963 à 1967. Cassado em 1º de abril de 1964 pelo Ato Institucional nº 1, Hélio Ramos foi anistiado em 1979. Fonte: Assembléia Legislativa da Bahia. Biografias. Acesso em: 20/11/2009. <http://www.al.ba.gov.br/v2/biografia.cfm?varCodigo=465>.

<sup>75</sup> A elevação de um lugar da condição povoado para distrito garante uma independência relativa. O distrito geralmente tem um centro de negócios uma vida econômica autônoma e assume características de cidade de fato, mas não de direito. Além disto, o Distrito é estagio inicial para formação de um município. Transformar em distrito significa reconhecer um eleitorado, “com propostas políticas” e uma educação pública. Cf. José Hermano Almeida. Município e distrito: um estudo teórico. *Campo-território: revista de geografia agrária*, v.3, n. 6, p. 125-142, ago. 2008.

vereadores buscarem deputados para interferirem em assuntos do município, que não tinham ligação com a “grande política”, foi considerado de “extrema audácia”. Até, então, tais decisões eram tomadas pelo prefeito e não por solicitação, via Câmara Municipal.<sup>76</sup>

Projetos como estes tramitaram na Câmara dando visibilidade política a quem o propusesse. Neste momento, percebemos o destaque de lideranças que até então não apareciam na cena pública. Nota-se que a partir das eleições de 1954, 50% dos eleitos foram de Arataca e Itatingui, o que demonstra a pujança econômica com que vinha alcançando aquela região. Em todo caso, Itatingui tornava-se uma força política e sendo elevada à categoria de distrito, o que lhe garantiria uma relativa autonomia, a elite política de Una poderia perder uma de suas principais fontes de renda e, por extensão, a capacidade de influenciar os destinos políticos do novo distrito.

A região oeste do município, que faz fronteira com as cidades de Camacan e Itabuna, foi, durante anos, a maior produtora de cacau do município. O distrito de Arataca era o destaque. Sua tentativa de emancipação em 1961 fez com que algumas pessoas que se mantinham na cidade com a renda de Arataca temessem o projeto. Foi durante o governo de Carlos Cincurá (1959-1962) que Arataca tentou emancipar-se pela primeira vez. Denotando que a força política do distrito crescia, políticos como João Paternochi, comerciante, e Libberalino Barbosa Souto, escrivão do cartório de Arataca, foram ganhando prestígio e entrando em conflito com forças tradicionais da cidade.

No início da década de 1960, moradores de Arataca enviam à Câmara um projeto onde solicitam a emancipação política do distrito, justificando que Arataca “[...] agora seria capaz de sobreviver sem a cidade de Una”. O Executivo, através de seus aliados na Câmara Municipal, não permitiu a tramitação do projeto e realizou um plebiscito para consultar a população sobre a transformação de Arataca em município. O resultado do plebiscito foi contra a emancipação de Arataca. Percebe-se neste acontecimento a influência que a família Almeida ainda exercia na cidade. O prefeito Carlos Antônio Cincurá, aliado político e genro de Manuel Almeida, considera o episódio nos seguintes termos:

---

<sup>76</sup> Ata da câmara de Una de oito de novembro de 1959. Livro de Número 5. Assunto: Transformação do povoado de Itatingui para condição de distrito com anexação de Arataca.

Eu perdi aquela eleição por um fator, eu achava que Una ainda não tinha condição de sobreviver só. Houve um plebiscito e nós ganhamos e Arataca não emancipou. Como Una não tinha condição de sobreviver só, eu fui contra a emancipação de Arataca. Eu fui contra, e Arataca não emancipou da primeira vez.

Eu combati a emancipação justamente porque eu achava que naquele tempo, Una não tinha condição. Toda riqueza tava lá em Arataca era cacau, Pratas e Anuri. Toda potencialidade tava lá. Una tava tudo começando, construindo como não tinha condição de sobrevivência, nós conseguimos evitar. E por isso o reflexo veio, não permitimos a emancipação, mas, perdemos a eleição.

Era, a região que tinha mais eleitor, mas, não era nem o poder. Em Una tinha poucos eleitores, tinha mais candidatos. O problema todo era poder financeiro. Naquele tempo não havia essas verbas. Hoje em dia você, tem o município que vive de verbas federais. Dia dez, vinte, e trinta, chega dinheiro. Mas naquele tempo, o município, vivia dos próprios recursos. Então eu senti que se Una se desmembrasse cá em cima, Una não sobrevivia. E isso provocou certa... , deu margem a certa... É tanto que na eleição seguinte os dois candidatos foram de Arataca. Porque, eu senti que com isso Arataca sublevou um pouco, não é?<sup>77</sup>

A busca por autonomia pelo povoado de Itatingui e do distrito de Arataca, a interferência de novas autoridades políticas, como o Deputado federal Hélio Ramos, e a presença de membros da comunidade na Câmara de Vereadores, traduz um pouco o clima de mudanças políticas pela qual vinha passando o município, onde novas vozes eram ouvidas e novas redes de relações eram tecidas, já que a busca por autonomia contrariava a política tradicional.

## **2.2- Localização geográfica: a dificuldade da chegada de informações.**

O município de Una, definido histórica, política e geograficamente a partir da produção econômica, faz parte da região cacauceira, chegando a ser em alguns momentos do século XX, o segundo maior produtor de cacau da Bahia, como se pode perceber pelo quadro abaixo:

---

<sup>77</sup> Arataca deixou de pertencer a Una, pela lei nº 4.442, de 09 de maio de 1985. Carlos Antônio Cincurá de Andrade. Entrevista concedida para realização desta pesquisa em 22/05/2007. O depoente considera que perdeu a eleição de 1962, pois o candidato que apoiara foi Antonio Andrade, enquanto que o vencedor foi Libberalino Barbosa Souto, o qual rompera com a família Almeida.

Municípios	Taxa de crescimento anual em (%) referente a produção de cacau.			
Período	1940-1950	1950-1960	1960-1970	1970-1980
Camacan	8,72	3,38	1,56	5,83
Itabuna	3,40	4,54	3,95	2,94
Pau-Brasil	9,08	5,19	2,85	2,04
Una	2,03	4,72	2,17	5,36

**Tabela I-** Taxa de crescimento anual referente a produção de cacau na Bahia

**Fonte:** Silva, Sylvio C.B. de Mello, et al. O subsistema urbano regional de Ilhéus-Itabuna. 1987 p.124.

No entanto, não é o cacau que aparece como produto de maior importância no terreno econômico, pois o município recebe ao longo dos anos destaque em jornais por sua grande capacidade no cultivo e exportação da seringa. Segundo matéria do *Diário da Tarde* de 10 de fevereiro de 1943, “Una, a capital da seringa teve sua borracha examinada pelo presidente do Conselho de Economia Nacional que a classificou como uma das melhores que existem no mundo”.<sup>78</sup>

A fama de “capital da seringa” se alastrava e o município recebia cada vez mais pessoas advindas de outras regiões e novas instituições. A partir dos jornais, passamos a perceber novos proprietários de terras e assim novos empregadores. Manoel Pereira de Almeida, fazendeiro e uma das principais lideranças políticas da região, passa a perder espaço econômico e também político. O Estado vendia a preços baixos terras ainda devolutas, quando não as doava, na tentativa de aumentar e favorecer a produção de seringa e incentivar empresários a montar fábricas. Com efeito, após o governo estadual ter doado terras a empresários foram criadas as fábricas *DUNLOOP* e *Pneus Gerais*, que empregaram muitos trabalhadores, colaborando para o aumento da população e da rotatividade econômica de Una. A partir desse momento, diversas pessoas começaram a chegar estimuladas pela oferta de emprego no campo e na produção de pneus.

<sup>78</sup> “UNA, a capital da seringa”. *Diário da Tarde*. 10 de fevereiro de 1943, P.3.

Com o início de atividades fabris, fez-se necessário um maior controle por parte do Estado quanto à arrecadação municipal. Da mesma forma, a chegada de instituições que representavam a presença e fiscalização do Governo federal e estadual na cidade modificou desde a maneira como as pessoas se tratavam, até o tom e o conteúdo das discussões políticas, o que, segundo Victor Leonardi, deu a cidade um ar de modernidade.<sup>79</sup> Manuel Almeida já não era mais o “doutor” daquelas terras, pois o Poder Judiciário instalado ali em 1958, com o início das atividades no fórum, trazia outros “doutores”, os quais detinham poderes legais de julgar e prender quem quer que fosse, inclusive os “coronéis”. Os juízes de paz, que eram nomeados pelo prefeito nos distritos, tiveram seus poderes reduzidos e passaram a ficar sob tutela do Governo do Estado, a partir de 1958. Também a ida e vinda de pessoas se intensificava, gerando, assim, a necessidade de melhoramento nas estradas que ligavam a região do cacau, inclusive as que se limitavam com Una, (Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Camacan e Buerarema).

---

<sup>79</sup> LEONARDI, Victor Paes de Barros. . Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 08 de dezembro de 2008.



**Figura 4:** Mapa da Região cacaueira da Bahia em 1980.

**Fonte:** Diniz, José Alexandre Felizola e duarte, Aluizio capdeville. A região Cacaueira da Bahia-Serie Estudos Regionais. Recife, SUDENE, 1983.p.31

Como as estradas que ligavam as cidades da região do cacau eram ruins, utilizava-se o Porto do município de Una, localizado no distrito de Pedras, como via de transporte para exportar os produtos da região. As dificuldades das pessoas em transitar entre um município e outro, por causa da má qualidade das estradas, impedia também a chegada

de informações, notícias e pessoas, de maneira que o tema da interligação regional do município a outras cidades passa a ocupar a pauta do Legislativo.<sup>80</sup>

Para facilitar o transporte de mercadorias na região, foi construída a ponte que liga Una à Canavieiras, em 1960. Em 1962 teve início o asfaltamento da estrada e a construção da ponte ligando Ilhéus- Olivença-Una, colaborando assim para o trânsito freqüente de produtos e pessoas. Antonio Fernando G. de Freitas discute a importância que as transformações nas estradas tiveram para a construção de novas identidades e de uma nova regionalidade.

[...] Não se pode esquecer que estas transformações do interior baiano estavam também relacionadas ao fim do trabalho escravo e a industrialização crescente do sul e sudeste brasileiros, elementos de forte repercussão em todo o país. A nação, até então acostumada a um conjunto de relações particulares, regionais, com o estrangeiro, começava a construir, a intensificar as relações internas, propriamente nacionais, o que influirá no aparecimento de uma nova regionalidade nacional, decorrente das novas relações sociais, de outra dimensão no processo de produção de mercadorias ou mesmo das novas funções reservadas ao estado. Ao promover melhorias no sistema de transporte e comunicações, o estado intervinha, ao fazer a ponte entre sociedade nacional e regional. Neste processo fica evidente, por um lado a intervenção direta do estado e, por outro, a participação de interesses privados, moldando, acelerando ou criando novos processos.<sup>81</sup>

O melhoramento dos meios de transporte colaborou para que se criasse e mantivesse uma agência de Correios e telégrafos em Una, facilitando sobremaneira a circulação, o envio e recebimento de jornais e informações. Também foram propiciadas as condições para a instalação de instituições diversas, tanto da esfera pública quanto privada. Além da Coletoria Federal e Estadual instalada a partir de 1960, responsáveis pela arrecadação de tributos e impostos (que antes eram arrecadados pelos funcionários da prefeitura) em 1961, foi inaugurado o Banco da Bahia com grande importância para que pequenos produtores e comerciantes expandissem seus negócios através de empréstimos

---

<sup>80</sup> Ata do legislativo de 7 de Abril de 1960. Discurso proferido por João Queiroz, relatando sua preocupação com o desenvolvimento econômico do município [...] É necessário terminar a construção da estrada Una-Canavieiras, e dos ramais que ligam nossa cidade. O progresso tem que chegar a todos os cantos do município e a construção destas estradas são essenciais.

<sup>81</sup>FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro. “Eu vou para a Bahia”: a construção da regionalidade contemporânea. Bahia: *Análises & Dados*. Salvador: SEI, Volume 9, número 4, Março, 2000, p.31. O autor trata da construção de uma nova identidade e de uma nova regionalidade tanto na capital como no interior.

junto à nova instituição financeira, de maneira que o dinheiro já não era mais emprestado pela empresa *Polycultora* cujos sócios pertenciam à família Almeida, o que colaborou para a diminuição da influência econômica e política da família Almeida e dos seus correligionários.<sup>82</sup> Percebe-se isto através da propaganda do Banco da Bahia, incentivando a tomada de empréstimos objetivando a compra de terras no município para fomento da cultura da seringueira.



**Figura 5:** Propaganda do Banco da Bahia na Capital da Borracha

**Fonte:** Jornal o Democrata de 10 de maio de 1963

<sup>82</sup> A empresa Polycultora foi fundada em 1924 por Manuel Pereira de Almeida na cidade de Una, mas teve filial em Salvador. Detinha o monopólio da venda de produtos agrícolas para exportação, funcionou até 1966, quando foi levada a falência.

Outro aspecto que propiciou o aumento populacional e o início de novos empreendimentos no município foi a política de imigração. O Estado doou terras devolutas para que imigrantes belgas e japoneses pudessem plantar, colher e comercializar produtos agrícolas. Em vista desta política de concessão de terras e incentivo à imigração, levas de estrangeiros chegaram a Una, perfazendo um contingente de mais de quarenta famílias. O investimento destas famílias, ao produzir e exportar diversos produtos agrícolas, principalmente a seringa, quebrou o monopólio que a empresa *Polycultora* realizava até o momento, o que conseqüentemente contribuiu para a perda de influência da família Almeida.<sup>83</sup>

A inauguração da Estação Experimental, órgão implantado pelo Governo do Estado para desenvolver a cultura da seringa, foi outra importante iniciativa que fez os governantes voltarem os olhos para o município. Como havia grande produção da haveacultura na Bahia, o governo sentiu necessidade de realizar estudos para aprimorar e desenvolver a cultura da seringa. O município de Una foi escolhido como o principal modelo de produção na Bahia, ganhando destaque no livro de Djalma Bahia, que foi lançado em 1960. Djalma Bahia era engenheiro-agrônomo e especialista na área de produção seringalista, teve importante atuação anos mais tarde na Frente de Mobilização Popular, sendo eleito vereador para o pleito de 1963-1967.<sup>84</sup>

A chegada de novos empresários e comerciantes para a cidade significa a oportunidade de novos empregos e novos elos políticos, já que antes como havia apenas a possibilidade de trabalhar para Manuel Almeida, criava-se, *a priori*, um vínculo econômico e certa “fidelidade política”, o que implicava numa rede clientelista de apaniguados e correligionários. Novas pessoas, novas empresas e novos órgãos administrativos representam a chegada de poderes paralelos aos dos políticos tradicionais, de forma que o poder de decisão passa a sofrer cada vez mais a

---

<sup>83</sup> Cf. RUSCIOLELLI, Alexandre. *Os belgas na cidade de Una*. Ilhéus: UESC, 2002. TCC em História, 130 f. O autor diz que “[...] Apesar da pouca expressividade numérica da imigração belga, foi na agricultura que sua presença se fez sentir com maior força, especialmente na cultura da seringa. A partir da segunda metade da década de 1960, o plantio da seringueira foi intensificado no município, isso se deu principalmente devido à contratação de Jean Genot para a direção do projeto de plantio da empresa agrícola Calanda.

<sup>84</sup> Foi organizador do livro - *A seringueira na Bahia: Aspectos técnicos econômicos*. Salvador: Governo da Bahia, outubro de 1960. Aqui Juracy Magalhães agradece a Djalma Bahia pelos estudos e enaltece a figura de Manoel Almeida “seringalista pioneiro e incansável batalhador em prol da intensificação da atividade seringueira na Bahia”. p.1

interferência de homens que agora podem tomar decisões em nome de autoridades pública estadual e federal.

No início da década, a partir deste novo aglomerado de indivíduos heterogêneos, vindos de cidades diferentes, percebemos a chegada de pessoas que conheciam e discutiam as reformas de base que estavam sendo propostas para o país. No município de Una, trabalhadores urbanos e rurais, camponeses e estudantes passam a compor encontros com as discussões que começavam a ganhar o Brasil.

O debate sobre reformas políticas, agrária, educacional e as reivindicações por mais democracia e transparência no jogo partidário e eleitoral eram pontos de pauta constantes dos encontros.<sup>85</sup> Perfis diferentes de jovens e adultos passaram a questionar, a partir da realidade local, a falta de componentes democráticos na política municipal. E organizando-se politicamente, aquilo que antes era uma massa amorfa, passa a reivindicar mudanças a partir da cidade, não deixando de fazer críticas e sugestões a aspectos políticos, sociais e econômicos no âmbito da Bahia e do Brasil. A esta organização foi dado o nome de Frente de Mobilização Popular, formada por diversos articuladores unenses e simpatizantes que estavam de passagem e que terminaram por contribuir para que mudanças viessem a ocorrer, sendo decisivas na configuração de alternativas para a constituição de novas formas de exercício do poder.

### **2.3- Os membros da FMP**

Em Una, as atividades da FMP possuíam densidade e singularidades notáveis se comparadas à FMP nacional. Ao nos debruçarmos sobre as particularidades das ações dos membros da organização e a peculiaridade do lugar em que ela se desenvolveu, perceberemos que a organização pensou e realizou atividades que podem ser consideradas radicais para o lugar, tal como a criação da escola João XXIII, formada para alfabetização de adultos baseando-se no método Paulo Freire, e a distribuição na

---

<sup>85</sup> LEONARDI, Victor Paes de Barros. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 08 de DEZ. de 2008. Assim como Victor Paes, a informação também foi confirmada nos depoimentos de Lino Fontes, Adayrton Leite e José Carlos da Silva.

feira da Carta de princípios da FMP, onde as principais reivindicações eram: a) Controle do pauperismo e da sub-nutrição; b) atraso cultural; c) custo de vida; d) necessidade da reforma Constitucional quanto ao direito de propriedade; e) o latifúndio e o minifúndio; f) a propriedade improdutiva; g) necessidade da reforma agrária na proximidade dos grandes centros e h) combate a atual política econômico-financeira com o exterior.

No que se refere à composição social dos membros da FMP, identifica-se que parte dos seus componentes vieram de diferentes lugares e compunham distintas classes sociais. Havia aqueles que eram patrões, mas também os que eram empregados; havia quem quisesse reconhecimento político e também aqueles que lutavam por mudanças políticas, econômicas e sociais; havia quem pretendesse reformas profundas e aqueles para quem pequenas mudanças eram suficientes; havia os jovens, ciosos por novidades e os nem tão jovens, encantados pelas possibilidades de outro futuro; enfim, a FMP em Una, como de resto a organização nacional, era formada por uma diversidade de anseios, expectativas e origens sociais.

As discussões em Una sobre as propostas de reformas de base se iniciaram com a década de 1960 e a formação da FMP, ocorrida em junho de 1963, foi o coroamento dessa experiência e trajetória efetivada quando estas discussões já tinham certo nível de amadurecimento.

Mas que não se pense que tudo que dizia respeito à FMP era novidade. As pessoas já ouviam através da rádio os protestos de Leonel Brizola e dos grupos de esquerda. Victor Leonardi diz que “poucas pessoas tinham rádios naquela época, mas às oito da noite, boa parte deles, curiosos, iam para o bar de Bacelar escutar o Brizola falar”. Mas as pessoas se informavam não somente através da rádio, como também através da chegada de alguns números de periódicos como o jornal *Política Operária*, editado pela Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (POLOP). “A circulação se dava através de dois ou três jornais que nós, estudantes, levávamos pra Una, muitos não conseguiam, pois era difícil o acesso”, afirmou Leonardi.<sup>86</sup> Além do periódico da

---

<sup>86</sup> Victor Paes de Barros Leonardi, foi integrante da FMP de Una e estudante de Direito em Ilhéus. Depois do golpe civil-militar, Leonardi ingressou na POLOP, segundo seu depoimento “Fui membro da POLOP, e participei de suas atividades, envolvido mesmo com a minha esposa Nana, ela já era professora de Sociologia em São Paulo na época. Eu e a turma dela resistimos mesmo ao golpe”. Sobre a POLOP, Cf. MATTOS, Marcelo Badaró. *Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967)*.

POLOP, o jornal *Brasil Urgente*, publicado sob a liderança do dominicano Frei Carlos Josaphat também colaborou para despertar o debate em torno dos ideais nacionalistas que tiveram maior expressão na formação da FMP de Una.<sup>87</sup>

No lançamento do jornal em 10 de maio de 1963, a justificativa para sua criação estava estampada na primeira página, “Não podemos continuar indiferentes a este progresso, temos necessidade de expor nossas idéias, gritar por direitos, urgia que se fundasse um jornal em Una”.<sup>88</sup>

Antes mesmo que a FMP se tornasse oficial, seus futuros membros apelaram para a criação de um jornal chamado de *O democrata*, que veio a se constituir como importante instrumento de propagação das idéias da FMP, mais não o único. *O democrata* começou a ser confeccionado em 7 de abril de 1963, data da posse do prefeito Libberalino Barbosa Souto. “Empossado novo prefeito”, esta foi a matéria de capa do primeiro número organizado por aqueles que mais tarde comporiam a FMP de Una.

O veículo de comunicação é considerado por Victor Leonardi como o porta-voz da FMP. Segundo Leonardi “apesar da Frente ter sido organizada em ata somente no mês de junho de 1963”, o periódico trouxe antecipadamente as idéias nacionalistas. *O democrata* teve sete exemplares: do 1º ao 4º foi organizado quinzenalmente, do 5º ao 7º, teve sua periodicidade estendida para mensal, pois “começaram a ganhar um tom

---

RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS. Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007. O autor destaca que apesar da organização ter como sujeito político fundamental da revolução o operariado, o maior número de integrantes da organização eram intelectuais. Traz também um dado importante pesquisado por Marcelo Ridenti, citando que o maior número de processados da POLOP entre 1960 e 1970 foi de estudantes. Victor Leonardi tem mestrado em sociologia, é aposentado como professor da Universidade de Brasília e já escreveu treze livros, alguns deles são: HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: (das origens aos anos 20)*. São Paulo: Ática, 1991. LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre arvores e esquecimento: historia social nos sertões do Brasil*. São Paulo, Marco Zero, 2000. LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Violência de direitos humanos nas fronteiras do Brasil: história social da AIDS, das drogas e de sua preservação*. Brasília, DF: paralelo 15, 2007. *Atlântico Negro: na rota dos Orixás*, filmado em aldeias africanas do Benin ( sobre as origens do candomblé e do Vodú), foi selecionado e exibido no festival internacional de cinema de Cannes, em 1999. LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios: natureza e reina na Amazônia Brasileira*. Brasília: paralelo 15, 1999.271p.

<sup>87</sup>*Brasil Urgente* foi um jornal lançado em 17 de março de 1963, editado em São Paulo por freis dominicanos com ideais de esquerda que provocaram mudanças progressistas dentro da igreja católica.

<sup>88</sup> Jornal *O democrata* de 10 de maio de 1963, P.2.

mais radical e assim foi faltando patrocínios”.<sup>89</sup> Cada exemplar tinha quatro páginas e custavam Cr\$15.00 (quinze cruzeiros). Os editores recebiam patrocínio de comerciantes, mas se mantinha em maior parte do apoio dos próprios integrantes da Frente. As propagandas eram muitas vezes sobre os próprios negócios dos integrantes e simpatizantes que colaboravam com a FMP.

Alguns dos exemplares eram deixados com colegas da faculdade de Leonardi em Ilhéus, mas sua circulação principal era apenas no município e a distribuição era realizada pelos próprios editores. Victor Leonardi, presidente do periódico e estudante do curso de Direito em Ilhéus, era quem levava e trazia o jornal para ser impresso na gráfica. Fundada em 1944, “O ateneu”, foi uma das primeiras gráficas implantadas na região e tinha como proprietário na época Manoel Acidalio Mendonça.

As principais colunas do jornal eram: “Tribuna Livre”, “Nossa opinião”, “O mundo em comentários” e “Fatos e sociedade”. Nos dois primeiros exemplares, surgidos entre 10 e 25 de maio de 1963, as principais notícias veiculadas foram sobre os novos planos políticos, sociais e econômicos para Una e para a Bahia depois da posse dos novos dirigentes Libberalino B. Souto e Lomanto Júnior, respectivamente prefeito de Una e governador do Estado. Expõe-se também o problema do êxodo rural que Una vinha sofrendo, já que, segundo a matéria, “os trabalhadores estavam indo embora para o sul do país, porque vinham sofrendo com as péssimas condições de vida, habitação, saúde e instrução”. Diziam eles que “a solução só pode ser dada pelos fazendeiros, quando arrefecerem seu espírito de lucro e despenderem um pouco mais com seus trabalhadores”.<sup>90</sup>

Na primeira edição o diretor-presidente escreve uma carta ao povo, falando dos princípios do jornal e esclarece que “não pertencemos a nenhuma facção política e não temos outra ideologia que não a da ordem e do progresso”.<sup>91</sup> Percebe-se neste discurso a intenção do jornal em não se alinhar a nenhum grupo político em Una. No entanto, as aspirações sociais sobre as quais escreviam, os afastavam dos partidários do grupo que

---

<sup>89</sup> LEONARDI, Victor Paes de Barros. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 08 de DEZ. de 2008.

<sup>90</sup> Jornal *O democrata* de 10 de maio de 1963, P.3.

<sup>91</sup> Texto de Victor Leonardi escrito para o jornal *O democrata*.

até então faziam a grande política no município. Não obstante, em nenhum momento, as matérias agrediram moral ou verbalmente os correligionários destes.

A Frente, quando da eleição de Libberalino Barbosa em 15 de novembro de 1962, não apoiou nenhum candidato oficialmente, até porque a FMP ainda não existia. Ainda assim, percebemos que apesar de não ter havido apoio oficial dos integrantes da futura Frente a Libberalino, a maioria o apoiou e confiou em sua política, conforme se pode observar pelas notícias veiculadas no jornal e pela matéria sobre a posse de Libberalino.

Na segunda edição de *O democrata*, de 25 de maio de 1963, destaca-se a notícia sobre o plano de Libberalino Barbosa na construção de uma rede de água e esgotos para os distritos de Arataca, Itatingui e da sede. Além desta matéria, também chama atenção um artigo sobre a “política municipalista em ação” à qual o prefeito demonstrou “espírito democrático” ao convocar a população para fazer um relatório dos principais problemas do município na área de saúde, educação, transporte, justiça e investimento, para enviar ao Governo do Estado.

No setor da saúde descreveu-se a precariedade das instalações médicas quanto a prédio, material e pessoal. No setor educação, verificou-se a situação calamitosa do ensino. Havia apenas 12 escolas, nas quais dos 22 professores, dois são formados e 20 são leigos. A justiça reivindicou a construção de um fórum que atualmente funciona num lugar impróprio, além da construção de um quartel e uma cadeia pública. No setor rodoviário solicitou-se a restauração das estradas Una-Canavieiras, Una-Ilhéus e Una-São José e no setor crédito reivindicou-se a instalação de um Banco do Brasil para Una.<sup>92</sup>

As notícias destaques foram estas, mas não se deixou de informar alguns problemas que vinham ocorrendo na área da política, da justiça e da economia no plano nacional.

A FMP de Una foi organizada oficialmente em 06 de junho de 1963, então somente a partir da terceira edição de *O democrata*, lançada em 15 de junho, foi que trouxeram notícias relacionadas com o principal objetivo da FMP: a realização das reformas de base. A reportagem em destaque neste número foi “Goulart presencia discussão em Vitória da Conquista: egoísmo dos cacauicultores e elogio às classes trabalhadoras”. A

---

<sup>92</sup> Jornal *O democrata* de 25 de maio de 1963, P.2.

notícia dizia sobre a ida de João Goulart no dia 30 de maio a Vitória da Conquista para inaugurar a BR-4, Rio-Bahia, a principal crítica foi sobre o posicionamento da comitiva da região cacauera que “foram apenas defender seus exorbitantes lucros”. Para a Redação do jornal, “os únicos dignos de elogios foram os trabalhadores que entregaram memorial ao presidente reivindicando obras de interesse coletivo, ao contrário da classe produtora”.<sup>93</sup>

A defesa por melhores condições de vida e trabalho para os trabalhadores de diversas categorias ganha destaque nas páginas do jornal, assemelhando-se com as reivindicações que a FMP expressa na Carta de Princípios da organização.<sup>94</sup> Outra reportagem que nos demonstra isto teve o título “Amazônia: seringalistas andam de Impala - Seringueiros explorados morrem de fome”. Na matéria Djalma Bahia faz revelações acerca da sua viagem ao estado do Amazonas, onde foi realizar conferências sobre a produção de seringa. Notícias outras também foram veiculadas colaborando para demonstrar o posicionamento político da FMP afinado com o discurso das reformas reivindicadas nacionalmente.

Da mesma forma, através das páginas de *O democrata*, os integrantes da FMP buscam demarcar espaço com os seus adversários políticos mais diretos. Assim explicitava-se que para eles os partidários da UDN, eram “corvos agoureiros” como na matéria “Queixa contra Carlos Lacerda: governo de orgia”. Aqui a crítica à política conservadora do governador do Rio de Janeiro, um dos principais representantes da direita no Brasil naquele momento, nos ajuda a entender e ao mesmo tempo esclarece a posição política da Frente.

Na quarta edição do jornal, de 6 de julho, inicia-se com mais frequência a divulgação das atividades da FMP. Neste número, destacam-se dois discursos de tons nacionalistas que haviam sido lidos no serviço de auto-falantes de Una por membros do grupo.

Exmo. Sr. Presidente da Frente de Mobilização Popular, colegas nacionalistas, povo de Una! O Brasil abriga em seu território num mesmo momento histórico as mais absurdas, incongruentes e revoltantes diferenças entre o nível de vida das classes trabalhadoras e das classes produtoras; diferenças injustas e inexplicáveis entre o homem que trabalha e o homem que explora, entre o que dá o suor e o

---

<sup>93</sup> Jornal *O democrata* de 15 de Junho de 1963, P.1.

<sup>94</sup> Carta de Princípios da Frente de Mobilização Popular de Una. 15 de Junho de 1963.

que dá o capital, entre o que tem a fome e o que recebe o prazer, entre o que vive na miséria e o que desfruta do luxo, o que não frequenta escolas e o que é doutor. Acabemos com os privilégios internacionais [...]. Dêem ao camponês, ao assalariado rural, ao operário os direitos que eles têm e estarão sanadas estas diferenças. Não podemos mais continuar de braços cruzados, conservadores, anônimos indiferentes e acovardados, usufruindo de nossos privilégios. Porque nós também somos privilegiados, por um acidente biológico nascemos num meio que nos permitiu adquirir conhecimento e cultura, para que hoje chegássemos a uma posição melhor. A esta mesma hora, outros milhares de brasileiros levantam as suas vozes contra a injustiça social em nossa pátria. As Frentes Nacionalistas de todo o país, estão unidas, aliadas e irmanadas a esta Frente Nacionalista de Una, e numa só voz ergueram o seu grito de revolta, clamando em tom uníssono pelas reformas de base que urge sejam feitas em nossa terra.<sup>95</sup>

Percebemos no discurso acima que existia o conhecimento da organização de outras frentes no Brasil, pois a frase: “a esta mesma hora, milhares de brasileiros levantam as suas vozes”, supõe que havia comunicação e conhecimento das formas de declaração dos ideais da Frente pelo país.

Ganhando um tom cada vez mais persuasivo sobre a necessidade das reformas de base, a quinta e última edição de *O democrata* à qual tivemos a oportunidade de ter acesso, estampou em primeira página uma crítica a Carlos Lacerda com o título “O ‘corvo’ agoureiro”, dizendo que ele dispensa apresentações, por suas inúmeras traições, e sua representação na vanguarda da extrema direita” da política no Brasil daquele momento. Carlos Lacerda era o pior inimigo da nação para aqueles que se consideravam herdeiros de Getúlio Vargas, tais como Brizola e João Goulart.<sup>96</sup>

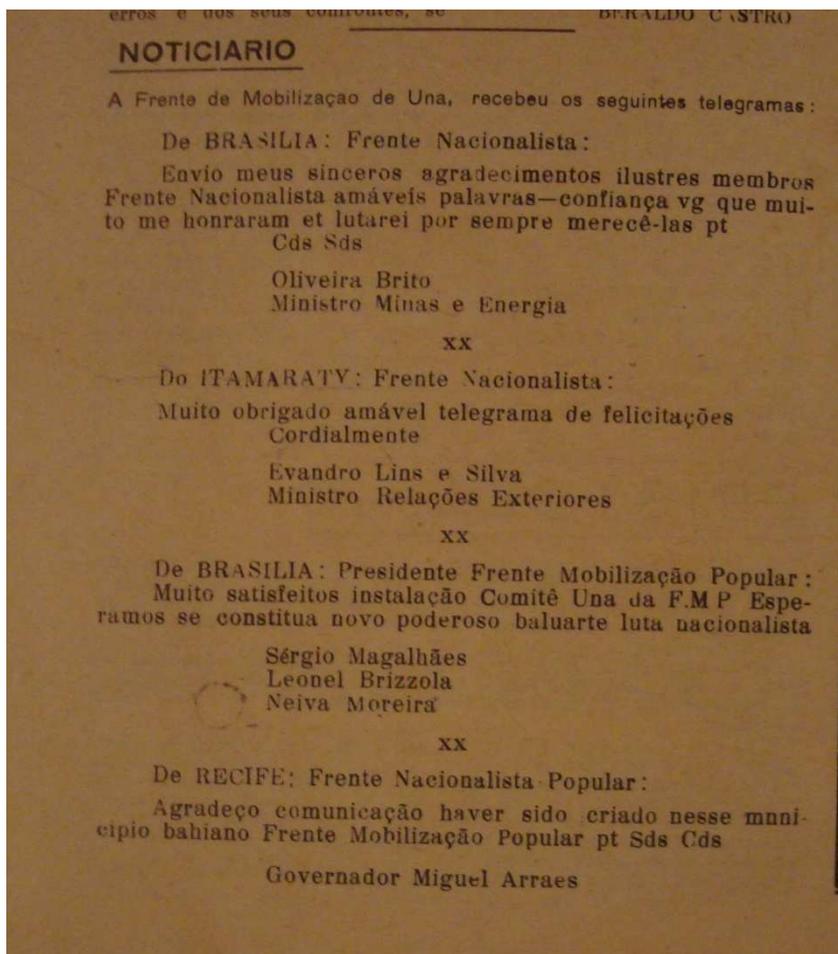
Nesta edição a posição nacionalista estabelecida a favor dos grupos que defendiam as reformas de base e a aliança com políticos que eram tidos como líderes desta luta, como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Sergio Magalhães, foram expostos através da reprodução de três telegramas recebidos pela Frente.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> O primeiro discurso proferido no dia 18 de junho está transcrito no Jornal *O democrata* na página 2. E o segundo discurso foi realizado no dia 25 de Junho às 20:30 no serviço de auto-falantes e encontra-se na pág.3.

<sup>96</sup> SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder...* P.15

<sup>97</sup> Sergio Magalhães foi eleito deputado federal na legenda do PTB em 1954. Foi componente 1956 da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), organização interpartidária criada na Câmara federal em torno das idéias nacionalistas. Em maio de 1957 assumiu a vice-liderança do PTB na Câmara tornando-se, em julho seguinte, vice-líder da maioria. [...] integrou o chamado “grupo compacto” do PTB, reunindo os parlamentares mais radicais do partido, defensores da reforma agrária e da estatização de diversos setores



**Figura 6:** Telegramas enviados por políticos nacionais à FMP de Una.  
**Fonte:** Jornal o Democrata de 10 de maio de 1963

O anúncio sobre a estreita relação que a FMP de Una mantinha com a FMP nacional começa a “assustar” simpatizantes das idéias daquele grupo de homens que eram inicialmente “progressistas”, depois como descreve o senhor Mauro Marcolino “viram tudo comunista”.<sup>98</sup>

A partir do sexto número, o jornal teve sua quantidade diminuída, “por causa do tom insistente e mais radical das propostas da FMP”. Sobre o sétimo número não se tem

---

da economia, Sérgio Magalhães ligou-se a Frente de Mobilização Popular em 1963 foi presidente da FPN. [...] ao lado de diversas lideranças das principais entidades sindicais e associações profissionais e estudantis, da convocação para o comício das reformas, ou comício da Central, onde foi assinado o decreto de nacionalização das refinarias de petróleo particulares e outro voltado para reforma agrária. Diante disso, os setores descontentes com a política implementada por Goulart intensificaram a conspiração para destituí-lo, o que afinal ocorreu em 31 de março de 1964. FONTE:[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jk/htm/biografias/Sergio\\_Magalhaes.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/biografias/Sergio_Magalhaes.asp)

<sup>98</sup> MARCOLINO, Mauro. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 10 de abril de 2009.

notícias, “aquele foi o pior, produzimos discursos bem inflamados a favor das reformas”.<sup>99</sup> Vale lembrar que em nenhum dos cinco jornais analisados, Leonel Brizola, o qual era tido como o mais radical dentro dos grupos da esquerda, é citado como porta-voz da FMP em nível nacional, e nem João Goulart é visto como aliado na luta pelas reformas.

No Brasil o jornal *O Panfleto* e a rádio Mayrink Veiga foram os responsáveis pelo anúncio das propostas da FMP em Una, o periódico *O democrata* e o programa de rádio chamado *a Voz da Frente* cumpriram papéis semelhantes. A programação na rádio em Una era realizada todas às noites, durante trinta minutos. Isto aconteceu até o mês de outubro de 1963, quando o programa foi impedido de ir ao ar. Como o serviço pertencia a Prefeitura de Una, o prefeito Libberalino “proibiu que o programa fosse levado a diante”.<sup>100</sup>

Libberalino que apoiou o início da programação, de repente a proíbe. Isto significa que o poder local neste momento, mesmo representando supostamente uma “nova” política no município, não perdeu o caráter conservador das gestões anteriores. A televisão mostrava os anseios da esquerda como modelo de um “projeto comunizante” para o Brasil, e assim tornavam cada vez mais difíceis as atividades das pessoas que defendiam as reformas no Brasil, tal como os problemas que a FMP de Una passou a enfrentar nos últimos meses de 1963, como a falta de apoio para o jornal *O Democrata* e o impedimento do funcionamento da *Voz da Frente*.<sup>101</sup>

Mas, além destas, houve outras iniciativas que a Frente criou para “conscientizar” a população de Una. A inovação foi agora na área educacional, pois criou-se a escola João XXIII, que tinha como principal objetivo alfabetizar adultos. Lino Fontes, professor de Português e integrante da FMP, descreve o que significou a formação da escola para ele.

A gente fundou logo a escola João XXIII e estava no auge as ligas camponesas e as encíclicas, não é? Eu estou agora lembrando da gente lá dando aula, era bom demais. Quando eles ficaram sabendo vieram

---

<sup>99</sup> LEONARDI, Victor Paes de Barros. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 08 de DEZ. de 2008.

<sup>100</sup> LEONARDI, Victor Paes de Barros. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida em 8 de dezembro de 2008.

<sup>101</sup> O termo “projetos comunizantes” encontram-se na ata da Câmara Municipal de Una de 04 de dezembro de 1964.

me perguntar. Um dia, Armil Almeida chegou para mim e disse: “que escola é essa aí que vocês estão dando aula, heim.?” Eu só respondi que era uma escola normal, e ele era o capitão dali. O Dr. Almeida estava velhinho demais, quase uns oitenta anos já. Era ele que mandava mesmo, os outros depois eram mais maleáveis [...] A escola era para os jovens, uns iam, outros não iam não, porque ainda tinham medo. Era uma escola pra orientar politicamente. A gente conseguiu promover uma abertura política. [...] Porque antes tudo gravitava em torno dos Almeida, a prefeitura era uma extensão dos negócios da família. A população era sufocada [...] existia ali uma dominação plena e absoluta.<sup>102</sup>

As aulas na escola eram noturnas, pois a maioria dos alunos trabalhava na área rural. O espaço utilizado pertencia a Estação Experimental da qual era diretor Djalma Bahia e o material para estudo era doado. O nome do Papa João XXIII, com que foi batizada a escola, dá-nos uma indicação com os novos ideais religiosos surgidos dentro da Igreja Católica, o chamado “clero progressista”, do qual João XXIII foi considerado um dos precursores.<sup>103</sup>

No início da década de 1960 há o fenômeno da aproximação de setores católicos com o marxismo. A organização de grupos como a Juventude Universitária Católica (JUC), e Ação Popular (AP) dentro da tradição católica, aproximam religião e política neste momento no Brasil.<sup>104</sup> O jornal *O democrata* nos mostra esta relação ao comunicar a indignação dos membros da FMP quanto ao aprisionamento do Padre Alípio, padre vindo de Portugal e que no Brasil colaborou com as atividades da Ação Popular. A matéria intitulada “Preso e incomunicável o padre Alípio”, dizia:

---

<sup>102</sup> SILVA, José Carlos. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 21/11/2007.

<sup>103</sup> João XXIII foi considerado um papa de transição (1958-1963), pois durante seu pontificado, ele convocou o Concílio Vaticano II, que visava algumas renovações dentro da igreja, além disto publicou duas encíclicas que tratavam de uma nova doutrina social da Igreja Católica., a primeira lançada em 1961, *Mater et magistra (mãe e mestra)*, trata de alguns problemas sociais exortando inclusive as nações mais ricas a ajudar as mais pobres, além de defender a participação dos trabalhadores na posse, gestão e lucro das empresas. Esta encíclica pediu paz diante da II Guerra Mundial e da corrida armamentista que estava em curso. A outra encíclica, publicada em 1963, foi chamada de *Pacem in terris* (paz na terra) e completou o discurso em defesa da paz.

<sup>104</sup> A Juventude Universitária Católica (JUC) passa a questionar aspectos das idéias dominantes na igreja, como a passividade política diante da ordem estabelecida. Sendo influenciados por discussões teóricas dentro da própria igreja. Cf. Ridenti, Marcelo. “Ação Popular: cristianismo e Marxismo”. In: RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS, Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Vol. V. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007. Quanto a Ação Popular, vale destacar que foi formada a partir dos quadros da JUC, constituindo-se em fevereiro de 1963 em Salvador a realização do seu primeiro congresso e a publicação de seu documento base, que traz as propostas políticas do grupo. Cf. REIS FILHO, Daniel Aarão. SÁ, J.F. de. *Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda de 1961-1971*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Tendo em vista a recente prisão e expulsão do país do padre Alípio de Freitas, líder católico nacionalista e progressista, que no nordeste batalhava pelos direitos do povo, seguindo as próprias normas e diretrizes da igreja católica promulgada pelo papa, os estudantes baianos, através do seu órgão Máximo, UEB, enviaram material ao Presidente João Goulart. Nele expressam sua repulsa pela medida tomada pelo ministro da guerra, Amauri Krueel, causador do aprisionamento dos valores do povo, num flagrante desrespeito às liberdades democráticas. Os estudantes baianos unem-se ao povo e exigem a imediata restituição da liberdade do sacerdote e sob nenhuma hipótese permitirão a sua expulsão do país. Os estudantes estão alertas, unidos aos operários, camponeses e católicos, face às tentativas golpistas das forças reacionárias e entreguistas do país, e exigem sua total liberdade de pensamento, garantias de nossa constituição.

A união entre operários, camponeses e católicos é destaque nos textos escritos para o jornal sobre a situação política do Brasil.

A proposta de um engajamento cultural é também destaque quando se trata do Centro Popular de Cultura (CPC), que “teve em Ilhéus e Itabuna, dando seqüência a maratona de esclarecimento popular que ora promove”.<sup>105</sup> Na área educacional, entre junho de 1963 e março de 1964, o governo Jango empreendeu uma vasta campanha de educação no Brasil, fundamentada no método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire<sup>106</sup>. A experiência realizada por este educador social na cidade de Angicos, interior do Rio Grande do Norte, apresentou o resultado de 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias, impressionando profundamente a opinião pública e despertando o interesse do Governo Federal. O plano de 1964 previa a instalação de 20

---

<sup>105</sup> O Centro Popular de Cultura (CPC) é criado em 1961, no Rio de Janeiro. Ligado à União Nacional de Estudantes (UNE), o CPC reúne artistas de distintas procedências: teatro, música, cinema, literatura, artes plásticas etc. O eixo do projeto do CPC se define pela tentativa de construção de uma "cultura nacional, popular e democrática", por meio da conscientização das classes populares. A idéia norteadora do projeto diz respeito à noção de "arte popular revolucionária", concebida como instrumento privilegiado da revolução social. A defesa do caráter coletivo e didático da obra de arte, e do papel engajado e militante do artista, impulsiona uma série de iniciativas: a encenação de peças de teatro em portas de fábricas, favelas e sindicatos; a publicação de cadernos de poesia vendidos a preços populares; a realização pioneira de filmes auto-financiados. O engajamento cepecista encontra-se sistematizado no Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura, de autoria do sociólogo Carlos Estevam Martins (1962), primeiro diretor do CPC. O documento postula o engajamento do artista frente ao quadro político e cultural do país no período e faz o diagnóstico da impossibilidade de uma arte popular fora da política. De acordo com o Anteprojeto, a arte do povo é "de ingênua consciência", "desprovida de qualidade artística e de pretensões culturais", não tem outra função, senão "a de satisfazer necessidades lúdicas e de ornamento". Ao definir a arte como um dos instrumentos para a tomada do poder e o artista como aquele que assume um compromisso, ao lado do povo, o CPC defende um "laborioso esforço de adestramento à sintaxe das massas", mas de modo a tirá-las de seu lugar de alienação e submissão.

<sup>106</sup> FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

mil “círculos de cultura” que atenderiam a capacitação de aproximadamente 2 milhões de alfabetizados (30 por círculo, com duração de 3 meses cada curso). Assim, iniciava-se uma campanha de alfabetização em escala nacional que envolvia, nas primeiras etapas, os setores urbanos, e deveria estender-se, imediatamente, aos setores do campo, implicando em uma efetiva democratização da política educacional. As projeções mais otimistas sobre os resultados da aplicação do método Paulo Freire em escala nacional era a efetiva conscientização política do povo brasileiro.

Em Una, além da escola João XXIII, foi criado também um Curso técnico para formação de seringueiros, cujos objetivos se encontram na matéria publicada no jornal *O democrata*. A população e a Câmara Municipal foram convidadas formalmente para a aula inaugural.



**Figura 7:** Recorte de Jornal sobre curso técnico para formação de seringueiros  
**Fonte:** Jornal O democrata de 25 de junho de 1963.

Outra forma de esclarecimento pensada pela FMP foi a produção da “Carta de princípios da FMP de Una”. Nela, estava exposta a compreensão da Frente em torno dos seguintes aspectos: povo, inflação, desenvolvimento econômico, defesa do monopólio estatal, defesa das garantias do homem do campo, reforma agrária, remessa de lucros ao

exterior e as opiniões sobre o capitalismo e a imprensa. A Carta foi assinada por oito membros e distribuída em forma de panfleto para a população, no dia 6 de junho de 1963, quando foi formalizada a organização da FMP de Una.<sup>107</sup>

## 2.4- A FMP de Una: composição e funcionamento

Chegado a Una em 1957, como presidente da Coletoria Federal, responsável pela arrecadação de impostos que antes eram cobrados por funcionários públicos municipais, Beroaldo Dalto de Castro foi o presidente da FMP em Una, cidade em que morou até 1964. Durante o tempo de atuação da FMP, Castro foi o único presidente da organização, sendo o responsável para realizar a parte burocrática do grupo, por organizar as atas, enviar telegramas, solicitações e convites à Câmara Municipal e à população em geral.

Os cargos de presidente e secretário eram os únicos que existiam na composição da Frente. Luis Neto, estudante secundarista, foi o secretário da FMP em 1963, quando tinha 19 anos. Colaborador do jornal *O democrata*, escreveu artigos falando da força dos estudantes e sua importância política. Da pena do jovem Luis Neto surge o texto abaixo:

A mocidade estudantil nesta época já não se preocupa mais em ir para os seus cantinhos tradicionais cantar, prosar e na boemia mansa dos cafés poetizar as dores da nação. Hoje se preocupa firmemente, a ética, como a conquista do bem estar social. Veja-se, por exemplo, a situação política atual da nossa pátria: necessitamos de reformas, principalmente a agrária. [...] é por isso que mesmo que não agrade aos senhores da reação, a mocidade estudantil participa da vida pública. Ela é uma força a mais ao que está errado, ela não pode cruzar os braços e assistir ao enterro das últimas esperanças.<sup>108</sup>

Atualmente, Luís Neto reside no Estado da Paraíba e diz não se lembrar muito das coisas que escrevia. Saiu de Una junto com Victor Leonardi, em março de 1964 e foi trabalhar em uma agência bancária, em São Paulo. Depois de 1965, resolveu ir também com o amigo Victor Leonardi para Anápolis em Goiás, onde começou a participar das

---

<sup>107</sup> A Carta de Princípios da Frente de Mobilização Popular de Una foi encontrada em arquivo pessoal de Victor Pães de Barros Leonardi. A carta encontra-se em anexo.

<sup>108</sup> Jornal o Democrata. Nº 5 de 10 de agosto de 1963.

atividades da Ação Popular - AP. Em 1967 é preso por vinte e sete dias acusado de pichar muros com frase de tipo “abaixo a repressão” nos muros da cidade.

Depois que saiu da prisão, Luís Neto foi levado por Graciano Arantes, irmão de Aldo Arantes para Minas Gerais, passou uma temporada no Estado em diversas casas de parentes e amigos, pois sabia que estavam procurando por ele. No início da década de 1970, voltou à região para trabalhar no Banco do Amazonas na cidade de Itabuna, sendo surpreendido no ano seguinte por uma demissão do Banco. “Quando procurei saber era a Assessoria de Segurança e Informação – ASI, que havia mandado me demitir, porque eles ficaram sabendo das acusações contra mim em Goiás”.<sup>109</sup>

A atuação de estudantes de nível secundário e superior nas atividades da FMP unense foi constante, denotando que as discussões sobre as reformas sociais eram latentes em diversos espaços da sociedade. Ainda em 1963, há o anúncio sobre a organização do primeiro grêmio estudantil do Colégio Municipal Alice Fuchs de Almeida (CMAFA).<sup>110</sup>

Encontra-se em franca atividade o grêmio de nosso ginásio sob a orientação ativa e eficaz do estudante José Carlos da Silva, aluno da quarta série daquele estabelecimento de ensino. Segundo entrevista com o líder estudantil José Carlos, sabemos de sua idéia de promover reuniões e debates com os estudantes, aumentando-lhes assim o espírito de grupo e incentivando-os ao estudo e a cultura. Pretendem fazer conferências de caráter cultural, de divulgação e inclusive visitas a outras cidades. Os estudantes licenciados este ano irão em caravana no mês de Julho para Minas Gerais e Rio de Janeiro<sup>111</sup>.

José Carlos da Silva chegou a Una em 1960, vindo de Ilhéus, para trabalhar no caixa do Banco da Bahia. Atuou na Frente até o ano início do ano de 1964, quando resolveu voltar a sua terra natal para graduar-se pela Faculdade de Direito de Ilhéus (FDI). Durante o tempo que morou em Una, participou da confecção do jornal *O democrata*, foi seu redator-chefe e um dos fundadores do periódico. O estudante além de líder estudantil e funcionário do Banco da Bahia, também era militante da Frente. Ele descreve assim sua atuação:

---

<sup>109</sup> Luis Neto. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 07 de Junho de 2010.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Magali. O Colégio Municipal Alice Fuchs de Almeida. Ilhéus: UESC, 2006. TCC em História. 70p.

<sup>111</sup> GRÊMIO do ginásio em plena atividade. *Jornal o democrata*. N.º2 de 25 de maio de 1963. P.2

Ah, era um tempo bom, a gente menino ainda, estudante. Aquele clima no Brasil. Pense ai eu saindo de Ilhéus e chegando a Una. *Risos*. (Grifos Meus) Tomei um susto. Era algo inacreditável aquela política. Era um feudalismo o que viviam ali. Mas, nós tínhamos consciência do que acontecia em Una. A gente só queria provocar um pouquinho de mudanças. O jornal era a nossa distração naquele lugar. Quando cheguei lá, ainda bem que encontrei gente como o Victor Leonardi, o “cabeção”. Lembro-me de Victor dizendo: vamos colocar um lema no jornal, algo que deixem eles (os Almeida), bravos, por isso ele escolheu, “no homem do campo estão as esperanças do povo”. [...] Eu vim embora em 1964, Victor ainda ficou lá, ele agitava as massas, mas com o golpe militar tudo mudou, mas eu não me lembro de muita coisa não.<sup>112</sup>

Victor Paes de Barros Leonardi, a quem José Carlos Dias refere-se como o “cabeção”, foi o presidente do jornal *O democrata*. Chegou a Una em 1960, incentivado por seu pai que tinha ouvido falar que em “Una tudo o que se planta dá”. Seu pai fora colega de Acyr Almeida (filho de Manuel Almeida) na Faculdade de Medicina da Bahia. Leonardi então, obedecendo aos conselhos do pai, comprou uma fazenda em Una para plantar seringa. No entanto, a fazenda “não prosperou”, pois Leonardi “não tinha jeito para ser fazendeiro”. Gostava mesmo era da área jurídica. Em Una, o jovem Leonardi resolveu cursar Direito na Faculdade de Direito de Ilhéus. Ia e vinha para Una sempre aos finais de semana. Na faculdade, participou do Diretório Acadêmico do curso e foi a diversas reuniões da UNE pelo Brasil. Desde o tempo da faculdade fazia parte das reuniões da POLOP, mas apenas no início de 1964, já em São Paulo, tornou-se membro oficial da organização.

Leonardi saiu de Una entre fevereiro e março de 1964. Na ocasião, Leonardi desistiu das atividades na fazenda, vindo a exilar-se em dezembro de 1964 no Uruguai, passando por diversos países da América Latina até chegar à França, onde trabalhou como intérprete do movimento estudantil daquele país.<sup>113</sup>

Apesar de ter sido recebido em Una por um membro da família Almeida, Victor Leonardi não se curvou diante da “grande política” representada pelos componentes dessa família, com tradição de mando na política local. Não obstante, suas origens e o

---

<sup>112</sup> SILVA, José Carlos. Entrevista realizada em 21 de novembro de 2007.

<sup>113</sup> Victor Paes de Barros Leonardi voltou ao Brasil em 1979 com a lei da anistia e passou a lecionar no curso de História da Universidade de Brasília (UNB). Escreveu 14 livros no Brasil, muitos deles publicados no exterior.

fato de ser fazendeiro colaborem para que a repressão não lhe atingisse de maneira tão intensa, mesmo tomando posição em favor das reformas de base e dos trabalhadores.

O perfil de Themir Batista nos proporciona observar como as relações políticas em Una tornavam-se mais tênues. Foi advogado da Prefeitura de Una ainda na gestão de Carlos Cincurá (1959-1962), e mesmo após ter trabalhado em prol também das iniciativas da FMP, colaborou principalmente nos trâmites legais de organização do Sindicato dos Trabalhadores do Campo e do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Una.

Integrantes da FMP como Celso da Conceição, funcionário concursado da agência dos Correios, e Paulo Fontes, nomeado Coletor Estadual, nos faz perceber como colaboram para a heterogeneidade da Frente. Estes homens, mesmo em funções diferentes, se unem em prol de um projeto de nação e de cidade. Em março de 1964, tiveram suas atividades políticas paralisadas e cerceadas pelo golpe civil-militar daquele ano.

Algum tempo depois, em dezembro de 1965, alguns integrantes da FMP foram vítimas de acusações diversas por um grupo político, que apesar de ter perdido influência, ainda existia na política Unense. Um golpe foi tentado no governo de Libberalino Barbosa. O prefeito foi afastado por nove dias da Prefeitura, sendo acusado tanto de corrupção política, como por compactuar com um grupo de “comunistas baderneiros” na cidade em período anterior.

## Capítulo III

### A política pós- golpe civil-militar de 1964: A sucessão de Libberalino

#### 3.1- A recepção do Golpe Civil-militar de 1964 em Una e na região

Senadores americanos estão alertando seu governo para uma possível subversão comunista em vários países Sul-americanos. No Brasil estamos vendo a subversão. Há grande infiltração por parte dos intelectuais que se engolfam numa literatura comunista. Vemos nesta cidade livros comunistas serem vendidos em praças públicas, porque a célula nesta cidade trabalha muito. Eles trabalham e nós democratas cruzamos os braços...<sup>114</sup>

PERIGO Comunista. *Diário de Itabuna*, 19 de fevereiro de 1963, p.7

Pairava uma inquietude no ambiente político a partir do momento em que vai se aproximando o golpe civil-militar de 1964. Percebemos que os jornais da região e do estado passam a intensificar o discurso anticomunista, o que já fazia parte do clima internacional, arquitetando medo na população e principalmente para os grandes detentores de terras na região cacauzeira.

Neste momento, várias providências foram tomadas para impedir a organização das atividades dos grupos de esquerda ou com tendência de esquerda no sul da Bahia. Até porque, já se conheciam as atividades do Partido Comunista na região do cacau desde a década de 1930, quando o partido empreendeu uma luta anti-integralista e em defesa dos trabalhadores rurais, juntamente com o prefeito de Ilhéus, representante da aliança liberal Eusínio Lavigne.<sup>115</sup> Muitos dos militantes que dirigiram o PCB naquele

---

<sup>114</sup>PERIGO Comunista. *Diário de Itabuna*, 19 de fevereiro de 1963, p.7.

<sup>115</sup> LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no Sul da Bahia (1935-1936)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador. O autor, ao debruçar-se diante dos processos da repressão provenientes do Tribunal de Segurança Nacional referentes ao período posterior às sublevações ocorridas em novembro de 1935, que ficaram conhecidas como “Intentona Comunista”, constatou que, entre os que tratavam da atuação de baianos, existiam um total de onze. Destes, sete referiam-se às atividades comunistas nas cidades de Ilhéus e Itabuna. Ainda em 1932, Seu irmão Luís Schaum filho fundou o primeiro grupo marxista de Ilhéus.

momento ainda estavam vivos em 1964, tal como Nelson Schaun, articulador da Frente Única Popular de luta contra o integralismo em 1932, e depois dirigente estadual do PCB nos anos 1940 e nos anos 60, defensor das reformas de base.<sup>116</sup>

Em outubro de 1963, na Câmara Municipal de Ilhéus, fala o vereador Oswaldo Bernardes de Souza: - “[...] em nome do povo de Ilhéus peço que enviem ao *Diário de Itabuna* congratulações pela sua eficiente e patriota campanha de esclarecimento à opinião pública sobre os perigos que estão sujeitos a região Sul- Baiana de elementos das ligas camponesas, precedentes de Pernambuco”.<sup>117</sup>

Nota-se na fala do vereador o sentido pejorativo que a imprensa de Itabuna e Ilhéus atribuía à organização das Ligas Camponesas. O mesmo periódico ilheense *Diário da Tarde*, com matéria intitulada: “Boatos sobre ligas camponesas, versões de que tinham incendiado o Sul da Bahia”, noticia também, em tom atemorizante, a possível existência de indivíduos participantes ou que projetem a reforma social-agrária, tal como as Ligas Camponesas.<sup>118</sup>

A maioria dos detentores dos veículos de informação, tanto em nível de região como de estado, eram membros das elites herdeiras de latifundiários e, portanto, contra a reforma agrária preconizada por grupos do campo da esquerda. Em 4 de agosto de 1963 o mais comercializado jornal da capital baiana *A Tarde*, edita a seguinte matéria sobre o município de Mucuri, no Sul do Estado.

O Secretário de segurança pública, Francisco Cabral, deverá tomar conhecimento hoje de graves acontecimentos que se estão registrando no município de Mucuri, onde camponeses chefiados por indivíduos já identificados como comunistas estão invadindo fazenda, dizimando gado, estragando plantações além de ameaçando a vida dos proprietários das terras por eles visados. A situação se apresenta com bastante gravidade sendo constatada pelo delegado Almir Coelho dos Santos que ontem retornou daquela localidade. A associação dos posseiros de Lagoa a Berta tem como lema terra ou guerra. E de acordo com a reportagem policial de *A Tarde* este movimento vem

---

<sup>116</sup> SCHAUN, Maria. (org.) *Nelson Schaun, merece um livro...* Ilhéus: Editus, 2001. O livro reuniu material escrito por Nelson Schaun e alguns depoimentos de pessoas que o conheceram.

<sup>117</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Ilhéus-ACMI. Requerimento da Câmara Municipal de Ilhéus. 15/10/1963.

<sup>118</sup> BOATOS sobre ligas camponesas, versões de que tinham incendiado o Sul da Bahia “14.08.1963. Arquivo Público Municipal de Itabuna- José Dantas (APMIJD).

crescendo há quatro anos, principalmente no distrito de Poço da Mata. O clima é de insegurança na cidade, inclusive porque o Nilo, chefe da associação, conta com cerca de 150 homens armados. E farto material de propaganda subversiva está sendo distribuído pelos comunistas.

Percebemos um discurso reacionário por parte da Câmara de Vereadores de Ilhéus e região, mas concomitante a isto é notória também a presença da organização e a formação do Grupo dos onze em Ilhéus, dos camponeses em Mucuri, no sul da Bahia, e o progresso da experiência da “fazenda do povo” em Ipiaú, ou seja, apesar do apelo anticomunista dos meios de comunicação, as organizações que preconizam reformas sociais continuavam se organizando.

Ao entrevistar Hermano Penalva, atualmente morador do município de Camacan, natural da cidade de Una e ex-presidente do Grupo dos Onze em Ilhéus, perguntando-lhe sobre determinados acontecimentos políticos naquele momento da década de 1960, através do seu relato consegue-se perceber uma região onde as pessoas estavam com sede de justiça, de melhores salários, de direitos e garantias para o trabalhador, e por isto em plena organização.

Questionando sobre as atividades do Grupo dos onze em Ilhéus e na região, ele diz que “pouco tempo durou o grupo, logo veio o golpe e fui militar em Salvador, quanto aos nomes dos companheiros, usávamos apelidos e é uma estratégia da esquerda esquecer o nome dos companheiros”. Adayrton Leite diz que a FMP de Una era o Grupo dos onze, mas não foram encontrados documentos sobre a organização.<sup>119</sup> Penalva diz que sabia da existência de movimentos parecidos na região, mas não tiveram contatos diretos. E sobre sua disposição como militante de esquerda, diz dar continuidade ao sonho de Nelson Schaun, o homem que primeiro lhe apresentou a literatura sobre comunismo em Ilhéus.<sup>120</sup>

Nelson não era um comunista, era um marxista consciente. (...) Quando Jango virou presidente ele fez o seguinte comentário: - A sua previsão é a de que haveria uma tendência para a esquerda e que o Brasil entraria em uma Crise profunda, porque haveria disputa entre as elites, disputa pelo poder, mas que a identifica uma correlação de forças capaz de estabelecer um governo de esquerda no Brasil. Seria

---

<sup>119</sup> LEITE, Adayrton da Costa. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 02 de agosto 2007.

<sup>120</sup> PENALVA, Hermano. Nelson, um marxista consciente. In: SCHAUN, Maria. (org.) Nelson Schaun, merece um livro... Ilhéus: Editus, 2001.

só um embrião de um governo de esquerda, ele não esperava grandes coisas... É tanto que quando Jango se estabelece, Nelson se transforma num entusiasta pelas reformas.

Hermano Penalva diz que antes mesmo de ser presidente do Grupo dos onze em Ilhéus, ele e alguns colegas organizaram a Associação dos Trabalhadores de Camacan- ATAC, em 1960. A sigla parece ser um comando, mas, no entanto, não foi com esta intenção que foi pensada, segundo o entrevistado.<sup>121</sup> Muitas destas associações tinham como objetivo a luta em defesa dos trabalhadores, contudo a atuação destes, por se tratar de querer fazer cumprir as garantias aos trabalhadores rurais, era tida como subversiva, já que incomodava ao patronato da região.

Inclusive, algumas destas experiências de trabalhadores em busca de direitos e garantias acabaram em momentos de violência na região, como noticia o periódico *Diário da Tarde*, “Crime de mortes por questões trabalhistas”, “Fazendeiro queima casa e expulsa trabalhadores em Una”, “onda de dissídios trabalhistas na zona rural: empregados queixam-se dos patrões” e “Movimentam-se associações rurais para corrigir abusos na justiça trabalhista: visam reclamações para obter lucros ilícitos”.<sup>122</sup> Notícias deste tipo são tidas como algo inusitado na região dos “coronéis”, e assim eram justificadas pela presença de “subversivos” na região, tornando-se mais um motivo para que o discurso anticomunista avançasse. Como se pode perceber na nota abaixo veiculada pelo vespertino *A Tarde*, que acusa os “comunistas” de quererem tomar as fazendas dos patrões.

A Sete de setembro do ano passado de público e pelo serviço de auto-falantes *A voz da cidade* na sessão de instalação do núcleo fundado e presidido pelo próprio prefeito Walter de Oliveira Passos os impostores deixaram cair à máscara e derramaram-se em copiosas

---

<sup>121</sup> PENALVA. Hermano. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 21 de Maio de 2010. O entrevistado é natural do município de Una, iniciou sua militância na ATAC. Recebeu em 1960 treinamentos militares em Cuba, foi presidente do grupo dos onze em Ilhéus e depois do golpe civil-militar de 1964 militou junto a POLOP no Brasil, sendo exilado em diversos países da América Latina e Europa. Informações contidas no relatório da presidência da República-Gabinete de Segurança Institucional-Secretaria da Inteligência, que trata sobre os inquéritos policiais sofrido. Encontramos documento original em mãos do depoente.

<sup>122</sup> CRIME de morte por questões trabalhistas. *Diário da Tarde*. 3 de Maio de 1965, p.5. A notícia diz que o patrão Trajano Lavigne foi morto com cinco tiros em sua residência por uma questão trabalhista em Ibicarai. Além de outras notícias como o fato ocorrido em Una. *Diário da Tarde* 3/12/1963, p.2. Fazendeiro queima casas e expulsa trabalhadores em Una, p.6. Onda de dissídios trabalhistas. 23 de fevereiro de 196., p.2. Movimentam-se associações rurais. 8 de Abril de 1965, p.3

exaltações a revolução Cubana, a Fidel Castro, Arraes e Brizola. Sucedem-se os oradores e o tema é o mesmo. Subversão, corrupção e Comunismo. E os que lhes fazem oposição são taxados de “rendidos ao imperialismo americano”. Apreensiva a população passou a ver a continuação das reuniões do grupo da “cultura popular”, agora a portas fechadas e na própria residência do prefeito. Os frutos vieram depois, as edições do folheto do povo, órgão divulgador do núcleo, cuja fundação foi também noticiada pelo panfleto comunista de Ilhéus, “Frente Nacionalista Popular” e em seguida o pior trabalho de agitação promovido de fazenda em fazenda conclamando os trabalhadores a revolta contra os patrões, seduzindo-os pelas promessas de que, unindo-se a eles para a revolução comunista de 1º de maio, viriam a tornar-se os donos das fazendas onde trabalhavam.<sup>123</sup>

Com a promulgação do Estatuto dos Trabalhadores Rurais no início de 1963, o número de empregados denunciando os maus tratos dos patrões e buscando seus direitos cresce e contraria, assim, a lógica dos coronéis do cacau, sobre os quais alguns literatos, como Jorge Amado e Euclides Neto, descrevem um pouco sobre esta tradição.<sup>124</sup>

A formação de núcleos populares também se tornou alvo dos discursos anticomunistas. Em Ubaitaba, cidade próxima a Ilhéus e também pertencente à região cacauzeira, as atividades do Núcleo Popular de Cultura-NPC, iniciado em 1963, teve também, depois de março de 1964, suas atividades tidas como subversivas. O *Folheto do Povo* foi o jornal portador de suas idéias e o serviço de auto-falantes *A Voz da Cidade*, seu principal meio de conscientizar os trabalhadores rurais. Segundo *A Tarde*, seus aliados eram a Frente Nacionalista Popular de Ilhéus.<sup>125</sup>

A descrição dos aspectos de identidade da população Grapiúna parte da forma de agir e de se comportar dos coronéis que gozavam dos prazeres e benefícios que a sociedade ilheense lhes oferecia de maneira ilimitada.

---

<sup>123</sup> UBAITABA: Corrupção e subversão impunes. Flagrante da sessão da célula de subversão do Centro Popular de Cultura. *Jornal A Tarde* de 25 de junho de 1964, p.5.

<sup>124</sup> Em AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro: Record, 2005. O autor narra aspectos identitários da população regional. A forma de agir e de se comportar dos coronéis que gozavam dos prazeres e benefícios de sua autoridade. TEIXEIRA NETO, Euclides José. *64: Um Prefeito a Revolução e os Jumentos*. Salvador: Fator, 1983,. Em NETO, Euclides. *Machombongo*. Itabuna: cacau /Letras, 1986. O autor demonstra o quanto o coronel Rogaciano se indignava ao ver os trabalhadores se comportarem com autonomia, formando sindicatos e lutando por direitos e garantias na justiça.

<sup>125</sup> UBAITABA: Corrupção e subversão impunes. Flagrante da sessão da célula de subversão do Centro Popular de Cultura. 25.06.1964, P.5. *Jornal A Tarde*. Arquivo Público do Estado da Bahia- APEB. Setor periódico raros.

Outra atuação no interior baiano que chama a atenção para a receptividade das idéias da esquerda na região foi o fato da Ação Popular-AP, ter organizado grupos para atuar nesta área. A Ação Popular-AP foi formada em 1962 e seu documento base expressa a marca de um humanismo cristão. Após 1964, a AP promoveu a PAE- Pesquisa de Áreas Estratégicas para a escolha das bases de apoio, com o objetivo de integrar a massa e os militantes, e algumas cidades do sul do estado tal como Panelinha, Camacan, Eunápolis, Itabuna, Ilhéus e cidades da região da Chapada diamantina, foram bases de apoio.<sup>126</sup> A escolha destes lugares perpassou pelos critérios de “condição de massa, número de camponeses, grau de concentração, nível de luta, tradição de luta, organização de massa, condições físicas, presença do inimigo e importância econômica.”<sup>127</sup> Os militantes envolviam-se no cotidiano dos trabalhadores e iniciavam um trabalho de conscientização das massas, este dado é importante para compreendermos a disposição, e a necessidade da região no recebimento de tais idéias.<sup>128</sup>

Observamos também a experiência no município de Ubatã, com uma população de 2.503 habitantes, emancipado da cidade de Camamu em 1952, teve a experiência de formação do Grupo dos onze, conforme trata Jesélia Silva.<sup>129</sup>

O Sr. Lincon, morador da cidade e comerciante há quarenta e sete anos, presenciou a formação do grupo chamado “Clube dos onze” [Sic], formado pela ala brizolista e que tinha como líder em Ubatã o Sr. André Brito (falecido). O filho do Sr. André depõe dizendo que em sua casa havia um rádio, e vinham umas dez pessoas ouvir Brizola falar, provavelmente através da rádio Mayrink Veiga. Seu pai fora perseguido e ficou

---

<sup>126</sup> SANTANA, Cristiane Soares. *Notas sobre a história da Ação Popular na Bahia (1962-1973)*. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. (Org.) *Ditadura militar na Bahia: Novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.p. 165.

<sup>127</sup> Ação Popular. *Audácia nos objetivos e rigor nos métodos*. JUN. 1969.p.131

<sup>128</sup> No livro de Teixeira Neto, Euclides José. *Machombongo*. Itabuna: cacau /Letras, 1986. O autor narra, a luta dos coronéis do cacau para conter as atividades dos comunistas e dos sindicatos de trabalhadores no início da década de 1960, com foco na cidade de Ipiaú. Relata a história de intelectuais que iam disseminar conhecimento comunista na região. “Ouvia falar que estudantes e até formados médicos e advogados metiam-se pelas fazendas, passando por trabalhador rural para ensinar comunismo. Moças formadas metiam-se na casa de famílias, para observar, doutrinar, quando não iam as roças, misturar-se com as descaroadadeiras de cacau” p. 44. E ao se referir a saída de um engenheiro eletricitista que largou o emprego permanente na Coelba, diz que ele que “deixou uma esposa a esperar um filho e se meteu na subversão, na região pelas fábricas, pelas roças, no meio das lacraias... ou arrastando enxadas nos eitos das terras vermelhas do Una, semeando a palavra de uma revolução.

<sup>129</sup> Ver sobre o assunto em: SANTOS, Jesélia Silva Ramos. *Ditadura Militar: reflexos políticos e sociais em Ubatã (1964-1979)*. Ipiaú, monografia de graduação na Faculdade Santo Agostinho, 2008. O município de Ubatã se localiza na mesorregião Sul - Baiana limitando-se com os seguintes municípios de: Barra do Rocha, Gandu, Gongogi, Ibirapitanga, Ubaitaba e nova Ibiá.

fugido de Ubatã durante sessenta e nove dias. O prefeito da época, Hamilton Mota, sofreu represálias por várias denúncias e o exército foi à cidade para prender o prefeito, mas não houve provas para efetivar a prisão.<sup>130</sup>

A atuação de sindicatos dos trabalhadores na região, assim como a formação do Grupo dos onze em Ilhéus e Ubatã, a Frente de Mobilização Popular em Una, a Frente Nacionalista de Ilhéus, como também a relação entre o prefeito de Ubaitaba e o Núcleo de Cultura Popular teve implicações reveladas depois do golpe civil-militar de 1964. E a reportagem do jornal *A Tarde* traduz isto quando identifica as áreas de subversão nas cidades do interior onde se compuseram algumas destas organizações, como se pode perceber na ilustração abaixo.<sup>131</sup>



AS ÁREAS DE SUBVERSÃO NO ESTADO DA BAHIA — A ação subversiva era acompanhada cientificamente pelas Forças Armadas, conforme atesta este mapa onde se observa a existência de células comunistas, Ligas Camponesas e outras atividades comuno-peleguistas

<sup>130</sup> Ibidem, p.34

<sup>131</sup> AS ÁREAS de subversão na Bahia. *A Tarde*. 9.5.1964.p.8. Arquivo Público do Estado da Bahia-APEB.

Através do mapa, podemos perceber como a região cacauzeira está marcada com diversos pontos, demonstrando o quanto a região foi visada pela VI Região Militar na Bahia.

Estas organizações encontraram nestes municípios a oportunidade de clamar por demandas sociais reprimidas durante décadas, já que o que se percebe é uma política de cunho conservador nas cidades. A mobilização destes grupos sugere uma pressão no Congresso para realizar as reformas dentro das regras do jogo democrático. Estas frentes eram setores comprometidos com as lutas sociais e populares, sem, no entanto serem “comunistas”, segundo indica algumas fontes citadas anteriormente. Estes grupos acreditavam que a aproximação com o governo João Goulart resolveria a necessidade de investimentos na esfera pública de forma que os populares ganhariam novos espaços de poder.

Percebe-se, desta forma, como o interior baiano se tornou ponto estratégico para atuação do campo da esquerda, assim como após março de 1964 ele também se tornou alvo de intensa repressão política e militar por parte das autoridades.

### **3.2- Afastamento de Libberalino Barbosa: tentativa de impeachment ou golpe?**

A partir de 1964 percebe-se que a FMP de Una vai se desestruturando. O Jornal *O democrata* já não é mais editado, *A voz da Frente* havia sido fechada pelo prefeito Libberalino Barbosa Souto, alguns membros da organização já haviam ido embora, como: José Carlos Dias, Victor Paes de Barros Leonardi e Luís Neto, além disto, a organização passou a ser taxada como comunista por alguns integrantes da Câmara de vereadores, o que gerou discussões e rivalidades políticas.

Djalma Bahia, ex-integrante da FMP, vereador eleito para o mandato de 1963-1966, diante de acusações sobre o caráter subversivo da FMP, fez a seguinte defesa na Câmara, no dia 7 de abril de 1964, primeira sessão ordinária depois do golpe civil-militar de 1964.

(...) aqueles que neste município acompanhavam as diretrizes traçadas pelo governo federal destituído do poder pelas forças democráticas da nação, no campo político administrativo, econômico e social o faziam de boa fé, pelo engrandecimento do município, não adotando jamais a idéia **comunizante** do país. O que realmente desejavam e tudo faziam era no sentido de reivindicar para Una recursos e providencias capazes de acelerar o seu desenvolvimento, conseqüentemente a prosperidade do seu povo.

As suas atividades nada mais eram do que reivindicações justas e admissíveis em prol do município, como seja a criação de uma agência do Banco do Brasil na nossa cidade e outras semelhantes, de vital interesse para o município e para sua população laboriosa e ordeira, cuja preocupação constante é o trabalho. De maneira alguma refletiam nas suas atividades idéias **comunizantes**, pois, além de não rezar pela cartilha dos vermelhos, pertencia a outra sociedade que condena veemente o comunismo. E lança o seu protesto contra as insinuações capciosas naturalmente arquitetadas, por quem nada tem feito e nada quer fazer por este município e a tudo se opõe.<sup>132</sup>

Logo em seguida, João Queiroz, vereador e presidente do Partido Democrata Cristão, argumenta sua defesa em favor dos integrantes da FMP.

Há tempos atrás uns grupos de homens progressistas tiveram a idéia de fundar aqui, uma organização denominada Frente de Mobilização Popular. Dentro do espírito que orienta aquela organização desejavam tão somente reivindicar benefícios para esta terra, levando em consideração o que constantemente anunciavam o governo e os seus porta-vozes pelo rádio. Alheios, talvez aos verdadeiros propósitos que animavam as autoridades da república na sua maioria ou políticos altamente colocados na esfera política. Deste modo, eles reivindicavam para o município tudo que pudesse trazer beneficio para seu povo. Bateram-se na criação de uma agência Banco do Brasil nesta cidade para facilitar ao pequeno agricultor, bateram-se pela construção do nosso ginásio; movimentaram-se pela construção da nossa hidrelétrica etc. Acredito que nenhum deles tinha parte com os vermelhos. Tanto assim que após os acontecimentos que puseram nus, fatos contrários a nossa formação moral e cristã, satisfeitos ficaram por ver o Brasil livre de uma lepra: O comunismo. Agora o que devemos é trabalhar tranqüilos dentro da nova ordem, para prosperar e engrandecer o Brasil, a Bahia e a terra onde vivemos, hipotecando também irrestrita solidariedade aos governadores Ademar de Barros, Carlos Lacerda, Magalhães Pinto e Ney Braga, sobretudo as nossas gloriosas Forças armadas, que patrioticamente defenderam a Democracia brasileira”.<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> Ata da Câmara Municipal de Una. 07 de Abril de 1964. Livro nº 5, p. 27.

<sup>133</sup> Ata da Câmara Municipal de Una. 07 de Abril de 1964. Livro nº 5, p. 28.

Após o golpe de 1964 a situação alterou-se radicalmente com a instalação de um clima de perseguição que ao mesmo tempo em que reprimia constantemente as organizações de esquerda, proibia qualquer movimento de apoio e solidariedade às lutas e movimentos populares. Quem compartilhasse nessa direção era taxado de comunista. Uma verdadeira batalha discursiva de acusação e defesa estabeleceu-se entre vereadores da política tradicional e vereadores que compunham ou eram simpatizantes da FMP. Muitas destas acusações mais tarde serviram também para menosprezar o governo de Libberalino Barbosa Souto, sendo a Câmara lugar privilegiado dessa disputa.

E neste momento a retórica da ameaça do comunismo está associada à destruição de valores e práticas muito caros à sociedade, como a religião, por exemplo, já que se imagina que todo comunista é ateu; também a propriedade privada e a decadência da família, entre outros temas tidos por tabus entre os conservadores e defensores dos valores da “civilização cristã ocidental”. Nesse âmbito, analiso os discursos e as práticas produzidos por instituições e pela sociedade civil em que se semeia o sentimento de perigo e de medo.

Para poder avaliar a gravidade destas acusações no contexto de um regime autoritário e repressivo, ou mesmo para compreender o significado dos discursos e das práticas de um período, é necessário procurar situá-los no conjunto maior das redes sociais, políticas e culturais. Desta forma ocorre algumas vezes que uma declaração, uma expressão ou mesmo uma fala que se pretende favorável pode transformar-se em mais um argumento em defesa própria.

(...) levar a sério migalhas de informações e tentar compreender de que maneira este detalhe individual, aqueles retalhos de experiências dão acesso a lógicas sociais e simbólicas que são as lógicas do grupo, ou mesmo de conjuntos muito maiores.<sup>134</sup>

Cada acusação contra os integrantes da FMP, assim como aos seus simpatizantes, era além de tudo uma disputa pelo poder político que se evidenciava. O tom do governo Libberalino Barbosa, após março de 1964, foi de luta pela sucessão municipal. E essa

---

<sup>134</sup> REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.13.

rivalidade se revelava não apenas na Câmara, como também na concorrência pela ocupação da presidência de instituições filantrópicas no município.

Na eleição para ocupar a presidência do único hospital da cidade, duas chapas foram apresentadas: Armil Almeida e Celso da Conceição, respectivamente vereador e funcionário dos Correios e ex-membro da FMP. Na disputa, Armil Almeida foi reeleito, segundo a nota do jornal, “a competição de forças ficou bem evidenciada”.<sup>135</sup>

Não somente, para compor a presidência do hospital como também para administrar a Associação dos trabalhadores rurais, esta batalha se fez presente. Eleito Armil Almeida também para a associação, no primeiro aniversário da revolução houve comemoração. “A associação fez sessão cívica, a frente estava Armil Almeida, que sentiu falta das autoridades do município”. ABC de Freitas, ex-prefeito de Una por dois mandatos (1945-1948 e 1951-1955) representou as Forças Armadas e pediu que “todos se mantivessem atentos contra as manobras subversivas”.<sup>136</sup>

As acusações não cessam. O vereador Carlos Dias, primeiro secretário da Câmara, diz que recebeu ameaça de morte em um bilhete que foi apresentado na reunião. Em seu relato descreve: “Porque senhor presidente há intranquilidade no município de Una e as minhas palavras daqui representam um grito de protesto contra os abusos que se vem verificando no sentido de superar a liberdade de pensamento e até mesmo da liberdade pessoal”.<sup>137</sup>

Tudo parecia começar com acusações contra os “comunistas”, “baderneiros”, “destruidores da ordem”, mas tudo isto não ficou apenas em acusações, desembocou na solicitação de cassação do mandato de Libberalino Barbosa Souto. As seguintes queixas foram apresentadas sobre o seu governo, em 4 de dezembro de 1965.

Vimos apresentar denúncia contra o prefeito deste município, Libberalino Barbosa Souto, pelos motivos e fundamentos que passamos a esclarecer. Os fatos: Este município, sobremodo pacato,

---

<sup>135</sup>ELEIÇÃO da mesa administrativa da sociedade São Vicente de Paula em Una. *Diário da Tarde*. 25 de maio de 1965. Foi divulgada também outra nota em 28 de abril de 1965. O momento político na zona do cacau: Sucessão Municipal em Una-A sucessão de Libberalino Barbosa Souto poderá tornar vitoriosa a corrente tradicional na política de Una. Diversas outras notas aparecem durante o ano de 1965 no Jornal *Diário da Tarde* relatando o clima de sucessão municipal no município. *Diário da Tarde*. “Campanha sucessória começa cedo em Una”. 12 de Junho de 1965, p.7.

<sup>136</sup>UNA: Associação Rural tomou iniciativa de comemorar aniversário da revolução. *Diário da Tarde* de 1965. 8/4/1965, p.4.

<sup>137</sup>Ata da Câmara de 12/11/1964. p.115 do livro nº 5.

no tocante a sua vida social e política, de certo tempo se sente vítima das tentativas de *subversão*, justamente quando o país inteiro se viu abalado nas suas convicções cristãs e conservadoras da instituição democrática. Isto, porém, seria objeto de denúncia, são conhecimento dos poderes públicos interessados na contenção de tais desmandos políticos. Acontece que não satisfeitos com a alteração da ordem democrática, o executivo municipal tem-se comportado indiferente a lei e ao direito, relativamente aos atos da administração e é propósito seu manifestar seu desrespeito público às funções desta Câmara, buscando administrar o município como se fosse uma integração de seu patrimônio particular.<sup>138</sup>

Principalmente após março de 1964, houve sérias divergências entre os membros do Legislativo, antes não havia queixas ou o terreno político parecia não permitir tais acusações. Os integrantes da Câmara eram: Edgar Teixeira Coelho - Presidente da Câmara; João Gonçalves de Queiroz; Benedito Sá Souto, filho de Libberalino; João Barbosa dos Santos. Estes primeiros aparentemente aliados a Libberalino Barbosa Souto, e os demais compunham uma corrente tradicional na política de Una. Eram eles: Armil Almeida, Carlos de Almeida Dias, Olimpio Guilherme Martins, Acácio Índio e João Barreto Mota.<sup>139</sup>

Os vereadores que não apoiavam a administração enviavam constantes notas aos jornais denunciando práticas de improbidade administrativa da gestão de Libberalino Barbosa Souto, e isso causava discussões no plenário da Câmara. A primeira denúncia contra Libberalino Souto é de 17 de junho de 1964, quando o Major Comandante da Guarnição Federal de Ilhéus visita o município requerendo as prestações de contas do prefeito.<sup>140</sup>

Manoel grande proprietário e responsável pelo desenvolvimento de Una (...) todavia, Una não podia fugir as injunções e acontecimentos que envolveram o país e teve que ser palco de fatos e ocorrências também verificadas em território nacional. O vizinho foi avassalado daí se originaram delitos e contendas de toda espécie e desacato a pessoas gradas, e famílias tradicionais sem que fossem tomadas providências por parte das autoridades policiais. Como em todo o Brasil, Una teve seu *clube dos onze*[Sic] que funcionou e floresceu para difusão subversiva. Contou um jornal *O democrata*, editado

---

<sup>138</sup> Ata da Câmara Municipal de Una. 4 de dezembro de 1965. Livro de nº 6, página 28.

<sup>139</sup> Depois de 1963, houve algumas alterações na Câmara. Jaime Pereira de Santana, que substituiu Edgar Teixeira Coelho, morto em 9 de dezembro de 1965, e Djalma Bahia sucedendo a João Barbosa dos Santos, e depois a Acácio Índio.

<sup>140</sup> MAJOR da Guarnição Federal visita o município de Una. *Jornal Diário da Tarde*. 17 de junho de 1964, p. 8.

numa tipografia de Itabuna. Tudo isso impune num verdadeiro descaso a um povo que vive do seu labor.<sup>141</sup>

Acusações como esta do Jornal *Diário da Tarde*, permearam a administração de Libberalino, desde abril de 1964 até o fim do seu mandato.

Na ata da sessão ordinária, realizada em 29 de outubro do segundo período legislativo de 1965, se deu o momento crucial de mudanças e permanências no município de Una. Acácio Índio, aliado do grupo de Armil Fuchs, pediu a renúncia do seu cargo de vereador e seu pedido foi rejeitado pela maioria na Câmara. Não sendo atendidas as suas solicitações, em 30 de novembro, Índio traz ao plenário o juiz e advogados seus para deliberar sobre o pedido de renúncia, ficando esta solicitação atendida nesta data. Justificou o pedido de renúncia alegando que não desenvolveria seu trabalho em meio àquela bagunça administrativa<sup>142</sup>.

Afloraram-se as discussões em torno das manchetes de jornais publicadas no *Diário da Tarde*, além disto, durante o mês de novembro de 1965 constantes cartas foram enviadas ao Governo do Estado denunciando a administração municipal. Em carta datada de 20 de maio de 1965, em que o Sr. Carlos de Antônio Cincurá (ex-prefeito) e vereadores da oposição enviam ao Deputado Estadual Juthay Magalhães, foram solicitadas providências quanto a fatos policiais que estavam acontecendo no município. Também se registraram queixas contra o prefeito e o delegado Aurino Xavier Passinho. Na carta foram elencados sete aspectos para endossar o pedido: 1) Denunciavam o escrivão da policia, José Bacelar de Miranda, de ter cometido um crime na cidade de Muritiba e, desta forma, este não seria homem de moral para assumir tal cargo. 2) Diziam que não estava havendo inquérito policial nos crimes cometidos pelo prefeito, por amigos do prefeito e pela Frente de Mobilização Popular. 3) Contestam o fato de Acácio Índio, vereador da UDN, ter sido pego no final da festa do distrito de Arataca, levado para a delegacia e ficado lá por dez horas, onde teria sido espancado e teve sua arma apreendida sem que nenhum inquérito policial tivesse sido elaborado. 4) Denunciam a cilada que teria sido armada contra o vereador Armil Almeida, quando o delegado de policia tentou desmoralizar a ele e seu grupo em plena praça. 5) Acusam o delegado de proteger grupo que havia invadido a fazenda do plantador de seringa, Eloi

---

<sup>141</sup>UNA: largas perspectivas de desenvolvimento- Do maior parque de seringais da região- O reverso da medalha. *Jornal Diário da Tarde*. 14 de Junho de 1965.

<sup>142</sup> Discurso na ata da Câmara Municipal de Una em 03 de dezembro de 1965. Livro de nº 5.

Holzgrete, amigo da família Almeida, e protegido o homem que teria tentado tirar a vida do trabalhador da fazenda 6) Denunciam os casos de defloração feito por policiais da cadeia de Una. 7) Acusam o soldado Sinval Casemiro Damasceno que teria tentado matar o vereador Armil Almeida.<sup>143</sup>

Diante de todas estas acusações, os adversários políticos de Libberalino que se encontravam na Câmara Municipal naquele momento, aproveitaram que Edgar Coelho, presidente da Câmara, encontrava-se doente e afastado dos serviços e entregam a presidência a Armil Fuchs de Almeida. Este, no dia 4 de dezembro, juntamente com Carlos de Almeida Dias e Olimpio Guilherme Martins, solicita o afastamento do prefeito pelo prazo de 120 dias. Esse afastamento seria para a implantação de uma junta apuradora revolucionária, que deveria ser enviada pelo Governo Federal.

Nesta sessão estavam presentes apenas quatro vereadores, e mais Acácio Índio que, mesmo tendo renunciado em 30 de novembro, fez parte da votação. Benedito Sá Souto, não se encontrava. Este foi o momento escolhido pelos vereadores que queriam, nas palavras de João Queiroz, presidente do PDC na Câmara, “dar um golpe na democracia brasileira retomando a política coronelista empreendida pela família Almeida, durante décadas”.<sup>144</sup>

Os cinco vereadores aprovaram o pedido de *Impeachment*, assim foram enviadas comunicações para a Promotoria Pública, que imediatamente partiu em viagem para Ilhéus para informar ao Juiz substituto o fato ocorrido, para que fossem tomadas as providências devidas. O Tenente João Antonio dos Santos saiu da cidade para avisar à Secretaria de Segurança Pública (SSP) do estado e chamar um batalhão, o povo se amontoava em torno da Câmara Municipal, sendo instaurada sessão permanente, por 24 horas, até que fosse resolvido o caso. Libberalino quando recebeu o comunicado, disse que teria direito a dez dias para passar a prefeitura se fosse o caso. Antes de chegar as decisões da justiça, o Sr. Carlos Dias instituiu-se presidente da Câmara e deu posse de governo a Armil Fuchs.<sup>145</sup>

O governo provisório, então, solicitou as chaves da prefeitura, como não foi concedida, a Câmara representada pelos quatro vereadores e mais Acácio Índio, votou a favor do

---

<sup>143</sup> Carta a Juthay Magalhães de 20 de maio de 1965. Fonte: Acervo pessoal de Carlos Antônio Cincurá.

<sup>144</sup> Ata da Câmara Municipal de Una. Livro nº 6. P.58.

<sup>145</sup> Ata da Câmara Municipal de Una. 4 de dezembro de 1965. Livro de nº 6, página 28.

arrombamento do prédio. Enquanto isso, Libberalino Barbosa Souto governava também em sua casa, pois levou consigo alguns funcionários, e mesmo assim tomava decisões. Neste momento, o município teve durante uma semana dois governos. O afastamento de Libberalino se deu no dia 4 de dezembro de 1965. Como o Brasil vivia o golpe militar de 1964, diversos atos institucionais foram criados, inclusive aquele que previa cassar mandatos legislativos, suspender direitos políticos por dez anos e demitir, colocar em disponibilidade ou aposentar compulsoriamente qualquer pessoa que tivesse atentado contra a segurança do país, o regime democrático e a probidade da administração pública...

Mas, não foi apenas em Una que o poder executivo sofreu acusações de subversão e improbidade administrativa. Em Urucuça, cidade que fica a 80 Km de Una, em Junho de 1964, também o prefeito Walter Passos, por participar das reuniões do Núcleo Popular de Cultura-NPC, foi preso e acusado também de improbidade administrativa.

A 31 de março, sacudida a nação pela revolução democrática logo vitoriosa estabeleceu-se também em Ubaitaba, como no resto do país, a confusão dos arraiais da subversão. Correrias, queima de documentos, etc. Apenas com uma diferença, não tinha quem lhe embargasse os passos posto que a autoridade policial lhes obedecia. Frustrados os seus planos de domínio e apagada a última chama de esperança que lhes restava, pela fuga de BRIZOLA, em cuja resistência diziam confiar ainda para inverter o curso dos acontecimentos derramaram em seus últimos e melancólicos exteriores toda a sua peçonha, contra as Forças Armadas dizendo-as vendidas ao governo americano. Ao major Horton Olinda, primeira autoridade militar que em Ubaitaba procedeu às investigações, tiveram o desplante de tudo negar, até mesmo a fundação do núcleo. Finalmente a 20 de maio, ao comando das 12h, equipes de investigações sumárias foram apresentadas as provas da subversão promovidas pelo núcleo fundado pelo prefeito Walter Passos, tais como os jornais subversivos editados, fotografias e depoimentos. Um dos agitadores do núcleo Otoniel Almeida, que tinha a seu cargo a confecção dos jornais e tomava parte da subversão promovida junto aos trabalhadores rurais, foi imediatamente preso por determinação do comando da equipe.

E foi neste clima de acusações e censura que um grupo de vereadores em Una enviou ao Superior Tribunal Federal (STF) acusações contra o prefeito, solicitando seu *impeachment*.

Arnil Almeida, numa tentativa de voltar a ter a força política no município, tentou frustadamente a saída de Libberalino da prefeitura. Este chegou a sair do prédio, mas continuou governando em sua residência, para onde levou alguns funcionários públicos que permaneceram sob o seu comando; enquanto, na prefeitura, Arnil se encontrava dando ordens, posando de chefe do Executivo municipal, conforme testemunhou Adayrton Leite.

Quando Libberalino foi governar na casa dele, ele disse: vem comigo quem achar que eu sou o prefeito, porque eu é quem fui eleito. Ficou um clima ruim na cidade, porque ficava uns com os Almeida e outros com Libberalino. Nessa época, Janá era a secretária de Libberalino e eu era o secretário da fazenda (que corresponde à secretária de finanças, hoje). Foram mais ou menos um mês que ele ficou na casa dele.<sup>146</sup>

A Câmara esteve em sessão permanente do dia 4 a 6 de dezembro, até que viesse a resposta do Governo Estadual ou Federal. Libberalino, que fazia parte da UPB (União dos Prefeitos da Bahia), e que era amigo de infância de Lomanto Júnior, então Governador do Estado, solicitou ao Executivo baiano que resolvesse a questão. No dia 9 de dezembro, chega a Una as Forças do exército da Bahia para reempossar Libberalino, com a decisão judicial, cujo argumento exarava a ilegalidade do ato de *impeachment*, em virtude da votação na Câmara ter contado com o sufrágio de Acácio Índio, que já havia renunciado. Além do que, um *impeachment* apenas pode ser decretado quando solicitado pela maioria da população, o que não foi o caso. Libberalino foi, então, reempossado na Prefeitura Municipal de Una.

O Ministro da Justiça, senhor Juraci Magalhães, recomendou ao governador Lomanto Júnior, com o qual esteve ontem no Rio de Janeiro, que reintegre imediatamente o prefeito de Una, Sr. Libberalino, o qual foi destituído pela Câmara Municipal sob a influência de um grupo político do município que tenta readquirir a dominação que ali exerceu por muito tempo. Igual providência exerceu o ministro quanto ao município de queimadas na Bahia.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> LEITE, Adayrton da Costa. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 02 de agosto 2007.

<sup>147</sup> A SOLUÇÃO dos casos de Una e de queimadas. *A Tarde*. 16 de dezembro de 1965, p. 9.

Depois de Libberalino Barbosa Souto ser reempessado, o clima na Câmara muda, e os representantes da “grande política” parecem perceber que os tempos já não são os mesmos. A influência herdada de Manoel Pereira de Almeida, principal porta-voz da política tradicional, já não exercia a mesma influência diante do Governo do Estado. Paradoxalmente, o Governo Federal apesar do seu conservadorismo, reconheceu a ilegalidade do ato. Percebe-se que as relações políticas se redefiniram de forma que já não se davam mais como nos anos 30 e 40, pois havia agora novos grupos conservadores, mas que ainda assim reivindicavam para si um sistema “democrático”.

Algumas outras vezes foram feitas acusações contra o governo, mas não houve mais tentativa de *impeachment*, também a FMP já não mais atuava. Outros dos seus integrantes foram embora, a exemplo de Lino Fontes, que foi morar em Itabuna e vender livros. Djalma Bahia terminou seu mandato de vereador morando também na cidade de Itabuna. No entanto, Adayrton continuou sendo funcionário público na tesouraria da prefeitura. Beroaldo Dalto continuou até o fim de 1965 como Coletor Estadual, depois foi transferido para Coletoria do sertão. Paulo Fontes continuou exercendo sua profissão de Coletor Federal por mais alguns anos. Victor Paes de Barros Leonardi, tornou-se militante da POLOP em São Paulo e depois em Anápolis – Goiás, precisando, em seguida, se refugiar em diversos países da América Latina e da Europa por obra e graça da perseguição promovida pela repressão, sempre exercendo a militância política, o que pode ser percebido através dos escritos no jornal *O Trabalho*, onde passa a ter uma coluna semanal.<sup>148</sup>

Luís Neto se tornou militante da Ação Popular-AP, também em Anápolis, junto com Victor Leonardi. Luís Neto. Foi preso por 27 dias por pichação de muro contra a ditadura, depois de solto, seu companheiro Graciano Arantes, irmão de Aldo Arantes o levou até Minas Gerais onde ficou por uns anos e depois retornou ao trabalho na agência do Banco da Amazônia, em Itabuna. Em 1971, foi demitido por acusações do SNI. Logo depois de realizadas justificativas e entrevistas, foi readmitido.

---

<sup>148</sup> Jornal *O Trabalho*: a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. São Paulo: 7 a 20 de agosto de 1979. N.º 29

As atividades da FMP deixaram de acontecer, mas os simpatizantes da organização continuaram exercendo importantes papéis políticos em diversas partes do Brasil. Libberalino Souto não perdeu mais nenhuma eleição, indicou para sua sucessão João Queiroz, que foi vereador no mandato anterior e simpatizante da FMP, já que em muitos momentos defendeu as acusações contra a FMP na Câmara.

Disputaram como candidatos a prefeito para o exercício de (1967-1970), João Queiroz apoiado por Libberalino e Antonio Andrade com o apoio principal da família Almeida e correligionários. Nas palavras de Carlos Cincurá:

O que interessa a todos nós habitantes de Una é a superação deste ciclo de apreensões e inquietudes que poderiam ser justificados noutras épocas, clima a que estamos nós submetidos por um pugilo de insensatos que se acomodaram na Prefeitura Municipal. O momento é propício e mais do que oportuno para o povo do município se restabelecer da decepção sofrida na prefeitura e na Câmara de vereadores, havemos de devolver a tranquilidade perdida. Observando imparcialmente, vejo que entre estes homens residentes e domiciliados no município de Una, encontra-se o Sr. Antônio Andrade, cuja candidatura a prefeito de Una agora renovada, conta com a maioria da população do município. É o candidato da unificação e é o que melhor dispõe de condições para ser eleito prefeito municipal, por ter o mesmo trânsito fácil nas altas esferas político-administrativo estadual e federal. Simplesmente com o intuito de servir e cooperar para que o ódio, e o desentendimento desapareçam do nosso meio. Conclamo a todos os meus amigos e conhecidos para sufragarem nas urnas nas próximas eleições, o nome de Antônio Andrade para prefeito municipal de Una<sup>149</sup>.

Apesar de Armil Almeida, principal representante do poder pessoal e político de Manuel Almeida, preferir se dedicar às atividades nas suas fazendas, Carlos Antônio Cincurá, ex-prefeito de 1959-1962, lançou-se candidato a vereador e apoiou Antonio Andrade. No pleito seguinte para o mandato de 1971-1973, João Queiroz, elegeu também seu sucessor Joaquim da Silva Rocha para o mandato de 1971-1973.

Mesmo após as mudanças políticas ocorridas em 1964, com restrições no jogo de compromissos, o coronelismo sofre pressões de modificações econômicas, sociais e políticas, mas tenta sobreviver a estas, justamente através da persistência de elementos antigos junto a

---

<sup>149</sup> Carta de Carlos Antônio Cincurá ao povo de Una. 17 de setembro de 1966.

elementos de novos contextos, o que viria a acarretar as contradições nas quais se situa o sistema.<sup>150</sup>

Desta forma, pode-se perceber que o poderio de chefes da política tradicional depois de 1963 foi enfraquecido, e apesar de alguns aspectos conservadores que continuaram existindo, principalmente por existir um governo militar na presidência do Brasil, a política em Una foi permeada por mudanças, e deu lugar a novos atores políticos e conseqüentemente, a uma nova forma de fazer política, apesar da permanência de velhos elementos. Apesar da FMP não ter voltado a atuar ao menos de forma organizada, sabe-se que algumas atividades tidas como subversivas ocorreram na cidade. Segundo o processo da VI região Militar, Francisco de Sousa Santos, natural do Ceará, mais conhecido como Pedro e Doca, foi preso em 26 de maio de 1973, por ter admitido sua atuação em Una, Camacan, Salvador, Maceió, Delmiro Gouveia e no Recife. Em seu depoimento consta sua atuação no interior baiano distribuindo panfleto e arrecadando dinheiro para as atividades. Francisco Santos entrou no PC do B em 1966 e foi da Ação Popular Marxista-Leninista (APML).<sup>151</sup>

As arbitrariedades cometidas a nível municipal com os grupos da FMP de Una e da FMP de Ubaitaba são reflexos notados no contexto de 1964 e não apenas na política em nível municipal. Objetivar as reformas de base não era um projeto comunista para estes grupos, e sim um modelo de remover velhas estruturas e uma forma de viabilizar uma nova política, concedendo espaços a novos atores políticos.

---

<sup>150</sup> SÁ, Maria auxiliadora Ferraz. *Dos velhos aos novos coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife: Pimes, 1974. P. 121.

<sup>151</sup> Fonte: Arquivo Edgard Leoenroth, Unicamp. Fundo Brasil Nunca Mais. Processo 70/73 da 6º Região Militar-Supremo Tribunal Militar.

#### 4. Considerações finais

A renovação na área da História Política abriu espaço correspondente para uma “história vista de baixo”, dando destaque ora ao “indivíduo comum”, ora às grandes massas anônimas, o que oportunizou um maior número de estudos que abordam processos antes desconhecidos ou obscurecidos pela historiografia tradicional. Assim, focalizamos a importância da pesquisa em torno da Frente de Mobilização Popular de Una (FMP) e sua trajetória entre 1963-1965 como objeto para compreendermos aspectos da cultura política por qual passou o interior do país no período caracterizado internacionalmente pela ascensão de movimentos de libertação, e nacionalmente pela discussão sobre a necessidade das reformas de base e ascensão de movimentos populares.

Buscamos compreender como um grupo organizado no interior do país se posicionou em torno do projeto nacionalista num contexto social marcado por forte polarização da sociedade, que acarretou na ruptura da ordem democrática com o golpe de 1964. Mais do que isto, procuramos perceber os dilemas partidários da conjuntura do governo Goulart (1961-1964) em Una e na Bahia.

Então, estudar este contexto histórico é buscar entender como se davam as negociações políticas no interior dos partidos. Naquela experiência histórica, a FMP de Una significou o grupo de pessoas que mesmo não sendo dos mesmos partidos, lutaram juntas pelo ideal nacional-progressista e por isto a organização foi chamada de Frente, pois esta tática permite o agrupamento não apenas de diversos partidos como também de várias pessoas independente de partidos.

Destacamos aqui também as nuances entre a FMP de Una e a FMP nacional. Percebemos que uma *política de compromissos* em Una foi possível, importante e necessária, considerando-se as características da cidade e o predomínio político tradicional de suas classes dirigentes. Apesar da FMP de Una e a FMP nacional estarem em comum acordo quanto às iniciativas das reformas de base, elas destoavam ao tratar das propostas quanto às mudanças constitucionais.

Lembremo-nos também que, em Una, em momento algum, Leonel Brizola é citado como líder da FMP nacional, nem tão pouco como porta-voz da organização no Brasil. Tendo como referência os jornais, percebemos que a *Frente* em nível nacional era tida

apenas como o centro de forças para a qual todas as frentes do país deveriam se unir, sem exaltar nenhum tipo de líder, já que a esquerda agrupada na FMP era diversa.

As contribuições que a FMP veio a trazer, além de apoio para as esquerdas no Brasil, foram as discussões que engendraram a possibilidade de mudanças na prática política da cidade de Una. Depois dela, apesar de algumas continuidades observadas na cultura política local que repetia a velha forma de governar, houve muitas mudanças que a FMP influenciou para que ocorressem, apesar do reforço conservador promovido pelo golpe civil-militar de 1964.

O anticomunismo, que deu o tom do discurso no Congresso Nacional antes e após o golpe civil-militar de 1964, foi percebido também nas Câmaras de Vereadores no interior do Brasil, sendo utilizado muitas vezes para justificar as tentativas de golpes políticos tal como aconteceu com a experiência do afastamento de Libberalino Barbosa Souto, em Una. Assim como, serviu também para a cassação de título de cidadãos, tal como ocorreu em Ilhéus, quando Leonel Brizola, que havia sido acolhido como cidadão Ilheense, em setembro de 1961, teve seu título revogado após março de 1964.<sup>152</sup>

Percebemos ainda que depois de pertencer a FMP de Una, algumas pessoas, como Victor Paes de Barros Leonardi e Luís Neto tornaram-se militantes, respectivamente, da POLOP e da AP, grupos que compuseram a esquerda nacional. Tomando como base as expectativas destas organizações pós-golpe civil-militar, pode-se entender que aquele anseio inicial pelas reformas de base traduziu-se, depois, com o amadurecimento político, em um projeto revolucionário para o Brasil.

Finalizando, cumpre-nos reafirmar a importância da FMP de Una como mais uma expressão da cultura política de esquerda, que está para além do recorte centrado na experiência regional do eixo Rio-São Paulo. As atividades desenvolvidas pela Frente e seus posicionamentos políticos nacionais, servem como objeto capaz de complementar algumas lacunas da produção historiográfica, uma vez que proporciona, singularmente, compreender as diferenças de projetos nacionalistas no Brasil e suas dissonâncias quanto à “ordem democrática”.

---

<sup>152</sup> Resolução n.º 129 de 4 de Junho de 1964. Fica revogada a concessão do título de cidadão Ilheense a Leonel Brizola, concedido pela resolução 93/61 de 15 de setembro de 1961. Arquivo da Câmara Municipal de Ilhéus.

## 5. Referências

AARÃO REIS, Daniel. RIDENTI, Marcelo, SÁ, Rodrigo Patto. (org.) *O golpe e a ditadura Militar. 40 anos depois (1964-2004)*. SP: Bauru, EDUSC, 2004.

ABREU, Marta. Soihet, Rachel. Gontijo, Rebeca. Org. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 2000.

BAIARDI, Amílcar. *A perseguição política e a homofobia na antiga escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia durante a ditadura Militar*. In: *XI Seminário Nacional em História da Ciência e Tecnologia*. XISNHCT, 2008, Niterói. Anais do SNHCT. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História Ciência e Tecnologia, 2008.v.1.p.89-114

BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1979.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de história* IN: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas III*-São Paulo: Brasiliense, 1989. BOBBIO, N. et al. *Dicionário de política* - Brasília: UNB, 1995.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: editora UNESP, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRITO, Antonio Maurício Freitas. *Capítulos de uma história do movimento estudantil da UFBA*. 2003.133f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de A. *As metamorfoses do coronel*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, São Paulo, n° 11 (5), p. 173-191, 1991.

CHAUÌ, Marilena. *Conformismo e resistência*. 2° Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, Autocracia e Carisma. A política de Antonio Carlos Magalhães na Modernização da Bahia (1954-1974)*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: Do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista(1956-1964). In: Ferreira, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)*. Ed 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v.2.

DIAS, José Alves. “*Poder Local e Repressão na Conjuntura do Golpe Civil Militar de 1964*”. In: AGUIAR, Edinalva Padre (Org.). *Política: O Poder em Disputa – Vitória da Conquista e Região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999.

DIAS, José Alves. *A subversão da ordem: manifestações de rebeldia contra o regime militar na Bahia 1964-1968*. Dissertação de mestrado, Salvador, UFBA, 2001.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: Ensaio, Campinas: EDUNICAMP, 1992.

FALCON, Francisco. “História e Poder”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FALCON, Gustavo. *Os coronéis do cacau*. Salvador: Ianamá, 1995.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 16° ed. São Paulo: Globo, 2004, V.2.

FENELON, Déa R. “E. P. Thompson - história e política”. In: Projeto História. N.10. São Paulo: PUC, 1995.

FERREIRA, Jorge. Neves, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano. Vol. 4: O tempo da ditadura-regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERREIRA, Jorge (ORG.) *O Populismo e sua História. Debate e Crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_, Jorge. *A estratégia do confronto: A Frente de Mobilização Popular*. Revista Brasileira de História, Dossiê: Brasil, do ensaio ao golpe, 1954-1964, São Paulo: Associação nacional de História, ANPHU, n.47, 2004.

\_\_\_\_\_, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)*. Ed 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 2.

FERREIRA, M. G. *A História Política da Esquerda Baiana - uma História em construção*. In: II Encontro Regional de História, 2004, Feira de Santana. II Encontro de História Regional: historiador a que será que se destina? Feira de Santana: ANPUH - BA - UEFS, 2004. V. 1, p. 25-25

FERREIRA, Muniz. *O golpe de 1964 na Bahia*. Clio: Revista de pesquisa Histórica. Vol.1. N°22. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2004.p.85-101.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. SP: Record, 2004.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas á crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e terra, 1993.

FIORIN, José Luis. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.

FONTES, Oleone Coelho. *As aparições do demo (contos)*. Salvador: CIMAPE, 1969.

FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro. *“Eu vou para a Bahia”: a construção da regionalidade contemporânea*. Bahia: Análises & Dados. Salvador: SEI, Volume 9, número 4, Março, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. 2 °ed. Rio de janeiro: Relume Dumará,1994.

GOMES, Ângela de Castro. FERREIRA, Jorge. *Jango: as múltiplas faces*. Rio de janeiro: Editora FGV, 2007.

GOMES, Angela de Castro. *Questão social e Historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate*. Estudos históricos, Rio de janeiro, n°34, Jul-Dez, 2004.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HEINZ, Flávio. *Por uma história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito, realidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.
- JOSÉ, Emiliano. *Galeria F- Lembranças do mar cinzento* (2º parte) São Paulo: editora Casa Amarela, 2004.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: alfa-ômega, 1976.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Território do escritor*. Editora: Massao Ohno. São Paulo: Massao Ohno, 2000.
- LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. 2007.135 f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LOWY, Michel. Sayre, Robert. *Revolta e Melancolia. O romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis (RJ), Vozes, 326 páginas, 1995.
- NASCIMENTO, Márcio. *PRA-9 Rádio Mayrink Veiga: um lapso de memória na história do rádio brasileiro*. Rio de Janeiro: Litteris, 2002
- NEGRO, Antônio Luigi. *Paternalismo, Populismo e História Social*. Cadernos AEL, V.11, n.20/21, 2004.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: Araújo, Ângela M. C.(org.) *Trabalho, Cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997, pp.85-103.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. SÁ, J.F. de. *Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda de 1961-1971*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.472p
- RIBEIRO, André Luiz R. *Família, poder e mito: O município de São Jorge dos Ilhéus*. Ilhéus: Editus, 2001.
- RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS. Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo Brasileiro: Artistas da revolução - do CPC a era da TV*. Rio de Janeiro: editora Record, 2000.

- \_\_\_\_\_. *O fantasma da revolução Brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- RUSCIOLELLI, Alexandre. *Os belgas na cidade de Una*. Ilhéus: UESC, 2002. TCC em História, 130 f.
- SÁ, Maria auxiliadora Ferraz. *Dos velhos aos novos coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife: Pimes, 1974.
- SADER, Eder, *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e representação: o legislativo da Bahia na segunda república, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.
- SANTANA, Cristiane Soares. *Maoísmo na Bahia (1967-1970)*. 2009.135 f. Dissertação (Mestrado em História) Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SANTOS, Andréa Cristiana. “*Memórias da Resistência: perfil biográfico dos desaparecidos políticos baianos na Guerrilha do Araguaia*”. 2001.145 f. Dissertação. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.
- SCHAUN, Maria. (org.) *Nelson Schaun, merece um livro...* Ilhéus: Editus, 2001.
- SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder*. Vol.1. Os protagonistas. São Paulo, Global, 1979.
- SENA JR., Carlos Zacarias F. de, *Os Impasses da Estratégia: Os Comunistas e os Dilemas da União Nacional na Revolução (Im)possível (1936-1948)*. Recife, doutorado em História (UFPE), 2007.
- SILVA, José Otacílio. *A produção de discursos políticos na visão de Pierre Bourdieu*. Revista tempo da Ciência, n°12, 2005.
- SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em História, 45f
- SILVA, Albione Souza. *O caráter Socialista da gestão de Euclides Neto no município de Ipiaú (1963-1967)*. Ilhéus, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003.
- SILVA, Antônio Ozai. *História das tendências no Brasil (origens, cisões e propostas)*. 2° Ed. São Paulo: S/N.
- SOUSA, João Morais de. (1995), *Coronelismo em Malta: Práticas Utilizadas para o Controle do Poder Local - 1953-1992*. Dissertação de mestrado em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SZATKOSKI, Elenice. *O grupo dos onze: uma insurreição reprimida*. RGS: Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

\_\_\_\_\_, Elenice. *Os grupos dos onze: política, poder e repressão na região do médio alto Uruguai-RGS 1947/1968*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (mestrado em história) Universidade Passo Fundo, 2003.

\_\_\_\_\_, Elenice. *O Jornal o Panfleto e a construção do Brizolismo*. Porto Alegre: Tese de doutorado.PUC-RGS,2008.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10ª ed. São Paulo: Ed. UNESP / Salvador: EDUFBA, 2001. 542 p.

TEIXEIRA NETO, Euclides José. *64: Um Prefeito a Revolução e os Jumentos*. Salvador: Fator, 1983.

\_\_\_\_\_, Euclides José. *Machombongo*. Itabuna: cacu /Letras, 1986.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. (Org.) *Ditadura militar na Bahia: Novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009.p. 165.

## **Referências Hermerográficas**

Diário da Tarde (1922- 1965)

O Democrata (1963)

O Intransigente (1935-1960)

Diário de Itabuna (1957-1978)

Jornal A voz do Rio Pardo (1960-1963)

A Tarde (1912-1966)

## **Referência Documental**

Atas da Câmara Municipal de Una. (1940-1970)

Decretos da Prefeitura Municipal de Una ( 1940-1970)

Carta de princípios da Frente de Mobilização Popular.

Títulos de Aforamento (1910-1970).

Processos crimes de 1960-1966.

Cartas de Carlos Cincurá de Andrade a correligionários durante o período de 1956-1963.

BAHIA, Djalma (org). *A seringa na Bahia*. Governo do Estado da Bahia: Salvador: 1960.p.18

Decreto nº 23, de 30 de maio de 1963. Desapropria uma parte de terras do distrito de Pedras de Una. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Una.

## **Acervos Públicos**

Arquivo Público de Salvador

Arquivo Público de Itabuna

Arquivo Público de Una,

Arquivo Público de Canavieiras

Câmara Municipal de Una

Centro de Documentação e Memória Regional- CEDOC/UESC

## **Acervos Particulares**

Arquivo Pessoal de Victor Paes de Barros Leonardi

Arquivo Pessoal de Carlos Antônio Cincurá de Andrade

## **Referências Orais**

ANDRADE, Carlos Antonio Cincurá. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 22 de Maio de 2007.

DÍLSON Serra de Almeida. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 30/05/07.

FONTES, Lino da Silva. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 30/05/2007.

LEITE, Adayrton da Costa. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 02 de agosto 2007.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 08 de DEZ. de 2008.

LUÍS NETO. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 07 de Junho de 2010.

MARCOLINO, Mauro. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 10 de Abril de 2009.

PENALVA, Hermano. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 21 de Maio de 2010.

SANTOS, Adnaldo Cláudio. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 14 de novembro de 2007.

SILVA, José Carlos. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 21/11/07.

SOUSA, Natan Mendes. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 05 de maio de 2007.

## **6. Anexos**

## **Anexo I- Conselheiros, Intendentes e Prefeitos do município**

\*Vejam-se abaixo os graus de parentesco de Manuel Almeida com os prefeitos eleitos de Una.

Conselho de intendência da vila de Una

Intendente: **João David Fuchs** (1890- 1900) Sogro

\*1º Presidente: Antônio Diego Neto

1º secretário: Alexandre José Queiroz Guimarães

2º secretário: Pedro José Damásio

2º Presidente: João Clímaco Vieira (1900- 1909)

3º Presidente: João Ranulfo Gusmão (1912- 1916)

4º Presidente: Alferis João Batista do Rego (1917- 1918)

5º Presidente: **Manoel Pereira de Almeida** (1919-1926)

\* Como o município voltou a pertencer a Canavieiras, não foram nomeados intendentes, mas presidentes para os conselhos

*Intendente*

1926- 1930- **Manoel Pereira de Almeida**

*Prefeitos*

1931- Antonio de Melo-Imposto pelo golpe de 1930

1932- 1937- **Manoel Pereira de Almeida**

1937- 1944- Edgar da Mata Pires-*Genro*

1945- 1948- Antonio Boaventura Carvalho de Freitas- *Amigo íntimo*

1948-1951- Armil Fuchs de Almeida-*Filho*

1951-1955- Antonio Boaventura Carvalho de Freitas- *Amigo íntimo*

1955-1959- Armil Fuchs de Almeida-*Filho*

1959-1963- Carlos Antônio Cincurá de Andrade- *Sobrinho*

1963-1967- Liberalino Barbosa Souto- Rompe com a política de Manuel Almeida

1967-1971- João Gonçalves de Queiroz- Prefeito eleito com apoio de Libberalino B. Souto

# CARTA DE PRINCÍPIOS DA "FRENTE DE MOBILIZAÇÃO POPULAR"

(NÚCLEO DE UNA, Estado da Bahia)

Os signatários da presente, componentes da "FRENTE DE MOBILIZAÇÃO POPULAR", neste município de Una, cónscios das graves responsabilidades que têm perante o futuro, e porque entendem como suspeita a atitude do silêncio, covarde e da indiferença, e, criminosa a da omissão em face do movimento de opinião nacional pelas Reformas de Base, fazem sua profissão de fé nacionalista, comprometendo-se a iniciar e participar, ativamente, dessa Campanha de Esclarecimento e Politização Popular sôbre os inadiáveis problemas que afligem e conturbam a vida nacional denunciando as origens desses males, criticando-os, e apresentando soluções para corrigi-los, visando também contribuir para a radical transformação da estrutura econômica, política e social do país, a fim de que, após esta cruzada cívica, a sociedade brasileira esteja regulada pelas normas que caracterizam a verdadeira JUSTIÇA SOCIAL pregada por Cristo e sonhada pelo Papa da Paz, João XXIII.

Nos limites do programa abaixo, por todos os meios de divulgação e comunicação a nosso alcance, iremos esclarecer e debater sôbre as seguintes questões:

## 1 — POVO

a) Pauperismo e sub-nutrição; b) atraso cultural; c) custo de vida.

## 2 — INFLAÇÃO

a) Caracterização; b) razões de ordem interna; c) razões de ordem externa.

## 3 — DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

a) Conceito de livre iniciativa econômica; b) conceito de iniciativa estatal; c) equacionamento das áreas de ação de iniciativa estatal e da livre iniciativa econômica; d) comércio livre e não dominação econômica; e) nacionalismo e desenvolvimento.

## 4 — DEFESA DO MONOPÓLIO ESTATAL NAS SEGUINTEs ATIVIDADES:

a) Petróleo (fases da descoberta, entrega, mo e estatal); b) borracha (idem, idem); c) energia e força (idem, idem); d) siderurgia;

e) minerais atômicos; f) minerais não atômicos.

## 5 — O HOMEM DO CAMPO

I — O TRABALHADOR RURAL — a) Seus Estatutos e Consolidação das Leis do Trabalho; b) direitos e obrigações; c) Sindicalização; d) a importância do trabalhador rural na vida econômica e política do país; e) alfabetização e assistência social.

II — O CAMPONÊS — a) As Ligas Camponesas; b) necessidade de sua disseminação; c) sua história; d) Estatuto jurídico do camponês na luta contra o latifúndio; e) o camponês e o trabalhador rural.

## 6 — REFORMA AGRÁRIA

a) Necessidade da reforma constitucional quanto ao direito de propriedade; b) o latifúndio e o minifúndio; c) seus males; d) a propriedade improdutiva; e) necessidade da Reforma Agrária nas proximidades dos grandes centros de consumo; f) o que dizem as estatísticas; g) a Reforma Agrária nos Estados Unidos, México e Cuba; h) sua experiência no Japão, Itália, Israel e China Continental; i) consequências sociais, políticas e econômicas da Reforma Agrária no Brasil, j) a Reforma Agrária e a igreja.

## 7 — REMESSA DE LUCROS

a) Combate à atual política econômica-financeira com o exterior; b) suas consequências na vida pública interna.

## 8 — O CAPITALISMO E A IMPRENSA

a) O financiamento dos órgãos anti-nacionais; b) — a publicidade padronizada; c) a reação da imprensa nativa.

Una, Bahia, 6 de junho de 1963.

Beraldo Daltro de Castro, Luiz Netto, Celso da Conceição, Djalma Bahia, Themir Baptista, Vitor Barros Pais Leonardi, José Carlos da Silva, Paulo M. Fontes, e muitas outras assinaturas constantes da ata de fundação do núcleo.

rde

REDAÇÃO, GERENCIA E OFICINA  
 NAS - RUA PAPANAGUA, 9 -  
 TELG. DIATARDE - TELF.

GERENTE  
 CLOVIS DOREA

NUM. 10.922

*22 de dezembro  
 de 65  
 Diário do Nordeste*

nhaj  
 ara  
 a

## EM TORNO DO "IMPEACHMENT" DO prefeito de Una a reportagem colhe in- formes através do advogado da Câmara

...  
 dade".  
 de Ma-  
 leia de  
 a pou-  
 rto do  
 struido  
 não  
 atarias,  
 inver-  
 to te-  
 to ver-  
 sr. Al-  
 verbas,  
 do Ma-  
 e pro-  
 entou.  
 m fa-  
 , rati-  
 do sr.

**TAS  
 ICA**

nas da  
 r. de  
 pala-  
 es pa-  
 parti-  
 o co-  
 sub-  
 mente  
 santos.  
 o sr.  
 a pa-  
 ta de  
 servi-

...  
 respeito ao caso do município  
 de Una preocupamos com pes-  
 soas interessadas e que com-  
 pararam a reintegração do pre-  
 feito Licépio Barbosa Souto,  
 por ato do Major Americo Ven-  
 tura, Delegado Regional.

Comentário a publicação do  
 "Correio da Manhã", divulga-  
 da também, por este jornal, na  
 edição de sábado, que atirma-  
 ter sido a medida determinada  
 pelo ministro da Justiça ao Go-  
 vernador do Estado, manifesta-  
 ram sua estranheza, sobretudo  
 pela motivação, que se prende a  
 cassação de mandato ou suspen-  
 são de direitos políticos, quando  
 a realidade os fatos revelam que  
 houve impedimento do prefeito,  
 por 120 dias, tendo em vista a  
 denúncia recebida pela Câmara  
 Municipal, que acusa o titular  
 do executivo de malversação  
 das rendas públicas.

Afirmam, ainda, que há cer-  
 teza, na denúncia, com docu-  
 mentos comprobatórios de des-  
 vios e má aplicação do dinheiro  
 municipal, bem assim irregula-  
 ridades flagrantes da vida ad-  
 ministrativa do Município, que  
 incompatibilizam o prefeito e o  
 tornam enquadrado na lei que  
 define os crimes de responsabi-  
 lidade e autoriza seu processo e  
 punição.

Ainda a propósito das eluci-  
 dações do professor Francolino  
 Neto, divulgadas em edição an-  
 terior, podemos colher infor-  
 mes, através do advogado da  
 Câmara, professor Amilton da  
 Castro, que nos disse conside-  
 rar a Câmara legiti-

...  
 dera, quando presidente da Câ-  
 mara Municipal de Itajupe é  
 assumiu a direção dos negócios  
 municipais daquela Comuna. E o  
 professor Laiaiete Penque tora o  
 advogado que, perante o Tribunal  
 de Justiça, sustentara as razões  
 vitoriosas nesta Comarca, tam-  
 bem aceitas pelo Orgão Supe-  
 rior.

Quanto a participação do ve-  
 reador Acacio Inácio, integrante  
 na maioria absoluta, que decre-  
 tou o "impeachment", foi legal.  
 Por esquecimento, não foi men-  
 cionada a circunstância de que  
 o referido vereador, tendo re-  
 nunciado e logo após retratado  
 sua renúncia, não decidida pela  
 Câmara, obteve um mandado de  
 segurança liminar, acatado pe-  
 lo legislativo de Una e que lhe  
 deu acesso às deliberações ple-  
 nárias da Casa.

Assim sendo, admite o infor-  
 mante a competência da Justi-  
 ça, para conhecer da legalidade  
 ou ilegalidade do ato cameral,  
 ou reintegração executiva,  
 que aberra os princípios consti-  
 tucionais, no que tange a inter-  
 venção dos outros poderes, sem  
 as exceções legais dos atos revo-  
 lucionários, os quais procuram,  
 sempre, manter a nossa Consti-  
 tuição e nunca vulnerá-la, vio-  
 lentamente, como nos parece da  
 reintegração "manu militari" do  
 prefeito.

Não quer apreciar aspectos  
 políticos, que são da própria  
 natureza do ato. Tampouco, a  
 velha e desencantada expressão  
 da filosofia jurídica dos roma-  
 nos: jus abest ubi saepe poten-  
 tia regnat. Acha, porém, que há

## Anexo IV- Ata da Liquidação da empresa Polycultora S.A

### Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Empresá Polycultora S. A. em Liquidação — Realizada a 29 de Abril de 1966

Aos vinte e nove dias do mês de abril do ano de mil novecentos e sessenta e seis (29-4-1966), as dez horas, na sede social da Empresá Polycultora S.A. em Liquidação, nesta cidade de Una, Estado da Bahia, à Avenida David Fuchs, n. 108, reuniram-se em Assembléia Geral, os acionistas da referida Companhia, representando a totalidade do capital social, para deliberarem sobre assuntos de interesse da sociedade e constantes da ordem do dia, conforme edital de convocação adiante transcrito. Assinado o Livro de Presença com as indicações da Lei e constatada a presença de todos os acionistas, devidamente convocados por anúncios publicados no Diário Oficial do Estado da Bahia, nos dias 13, 14 e 15 de abril de 1966 e no Diário da Tarde, da cidade de Ilhéus, nos dias 14, 15 e 16 do mês e ano citados assumiu a presidência dos trabalhos, por aclamação unânime dos acionistas, o Dr. Mancel Pereira de Almeida, o qual convidou a mim, Lauro Astolfo Novaes de Araújo, para secretariá-lo, ficando dessa maneira constituída a mesa que dirigirá os trabalhos. Declarando instalada a Assembléia, determinou o Presidente que fosse lido o anúncio de convocação, o que foi feito por mim, o anúncio que é do teor seguinte: "Empresá Polycultora S.A., em Liquidação — Assembléia Geral Extraordinária — Convite — Ficam convidados os senhores acionistas da Empresá Polycultora S.A. em Liquidação para uma reunião de Assembléia Geral Extraordinária, a se realizar no dia 29 de abril de 1966, em sua sede social, à Avenida David Fuchs, 108, na cidade de Una, Estado da Bahia, as 10 horas a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: — a) Prestação das contas finais apresentadas pelo Liquidante, desde sua nomeação na Assembléia Geral Extraordinária, realizada em 8-10-1965, digo a) Prestação das contas finais apresentadas pelo Liquidante, em virtude da extinção da sociedade, com parecer favorável do Conselho Fiscal; b) — Ratificação de todos os atos praticados pelo Liquidante, desde sua nomeação na Assembléia Geral Extraordinária realizada em 8-10-1965; c) O que ocorrer; — Una (Ba), 9 de abril de 1966. Joaquim da Silva Rocha — Liquidante". Terminada a leitura do anúncio, o presidente declarou que a presente reunião de acionistas tinha por objetivo principal, como aliás consta da respectiva Ordem do Dia, tomar amplo conhecimento do estado de liquidação da Empresá, bem como apreciar todas as contas, atos e demais operações praticadas pelo Liquidante desde a sua nomeação, ocorrida em 8-10-1965, para o que preliminarmente, dava a palavra ao referido Liquidante, Sr. Joaquim da Silva Rocha, para exposição do seu Relatório e demais comunicações porventura necessárias ao plenário. Concedida a palavra ao Liquidante iniciou este a exposição com a leitura de minucioso relatório de 13 páginas datilografadas e respectivo balanço final, já devidamente acompanhados do Parecer favorável do Conselho Fiscal. Em seguida, pôs o sr. Presidente aludidos documentos em discussão tendo sido, nessa ocasião amplamente prestados os esclarecimentos solicitados pelos acionistas ao Sr. Liquidante. Por este foi ainda esclarecido ao plenário que sua missão foi grandemente facilitada pelo elevado espirito de colaboração e compreensão de todos os acionistas que, em 21.12.1965, receberam em pagamento de suas ações os bens que constituíam o patrimônio da Empresá Polycultora S.A. — Em Liquidação, tudo de conformidade com a escritura pública, naquela data lavrada, as fls. 80 vº a 106 vº do livro 125-C nas notas do Tabelião do Ofício de Ilhéus. Ressaltou mais o Sr. Liquidante que outro fator a facilitar a sua tarefa foi a boa situação econômico-financeira em que se encontrava a Empresá, a qual pode, com a venda de apenas alguns bens constantes do Relatório, atender a todos os compromissos existentes, sem maiores dificuldades, encontrando-se, por isso, a Empresá, a essa altura, já plenamente desonerada de quaisquer obrigações quer da natureza fiscal ou trabalhista, civil ou comercial. Finda a discussão, passou-se a deliberação, tendo o relatório do Liquidante, bem assim o Balanço final e as respectivas contas, unânime e aprovadas pela totalidade dos acionistas presentes e que representavam todo o capital social da Empresá, pelo que o Presidente proclamando esse resultado, deu por aprovado todos os atos e operações até o momento praticados pelo Liquidante e julgadas boas e bem prestadas as respectivas contas. Nada mais havendo a deliberar, o Presidente por fim declarou que, por se acharem totalmente ultimados os trabalhos de liquidação da Empresá com o julgamento das contas finais do Liquidante, dava por legalmente encerrada a liquidação e extinta a Empresá Polycultora S.A., na forma da lei, exonerados também os senhores Liquidante e Membros do Conselho Fiscal, dos encargos e tarifas que lhes foram com-

*Tercer fe  
20 de  
junho  
1967  
Estado  
de Bahia  
cidade de  
Salvador*

NO HOMEM DO CAMPO ESTÃO AS ESPERANÇAS DO BRASIL

# O DEMOCRATA

ESTA EDIÇÃO: A PAGINA  
Preço de exemplar: Cr\$ 0,50  
Lançada: Cr\$ 48,00

Onze - Fitas - Encerrou ANO I - Uma, 10 de Maio de 1963 - N.º 3 Editora-Chefe: José Carlos da Silva

## COM LOMANTO

### Inicia-se a Marcha para o Progresso

Foi empossado no dia 7 de abril no Palácio da Assembleia em Salvador, o Sr. Almirante Lomanto de Silva Jr., governador eleito na noite de 7 de outubro pela maioria da vontade popular no pleito de 7 de outubro último.

As formalidades transcorreram dentro de um clima de bastante simpaticidade, cumprindo-se apenas as formalidades exigidas por lei e transmissão do cargo.

Quem sabemos desde já estar rancioso de que as suas desfeitas não poderão ser o ponto de partida para o desenvolvimento do Brasil, o Sr. Lomanto Jr., em seu discurso de posse, afirmou que a política municipalista, que faz esquecer os problemas do Estado, não é a solução para o desenvolvimento do Brasil. Em nome destas considerações, não temerá nenhuma dificuldade de que a política do momento governar através do seu elemento secretariado, através do Sr. Lomanto Jr., no sentido de conduzir o Brasil a uma política nacional e desenvolvimento dos índices de progresso que lhe dá o melhor aspecto de uma terra e pela qualidade de seus homens.

Dentro desse pensamento, LINA espera que o governador Lomanto Jr., em sua primeira visita a este município trouxa aquela chave do sucesso que lhe seja entregue pela nossa população Dr. Almeida

## Empossado o novo Prefeito

Sob a Presidência do Dr. José Alfredo Neves da Rocha, Dr. Jui Eleitoral desta zona, tiveram início as formalidades de empossamento do prefeito e vereadores escolhidos pela maioria da vontade popular no pleito de 7 de outubro último.



Dr. Lomanto de Silva

Após a presente, o novo prefeito eleito, Dr. Liberalino Souto e os vereadores, Afonso Fuchs de Almeida, Benedito Souto, Carlos Dias, Olimpio Guilherme, Edgar Coelho e João Queiroz.

### TRANSMISSÃO DO CARGO

Minutos após, seguiram-se as formalidades de transmissão do cargo no gabinete da Prefeitura, tendo o então prefeito Carlos Lomanto em seu momento abençoado os atos de sua administração, seguindo-se a entrega da direção do município ao Prefeito eleito, Liberalino Souto, que também trouxe a tarefa com que estava encarado e que esperava seguir as mesmas diretrizes traçadas pelo pioneiro desta terra, Dr. Manoel Pereira de Almeida.

Inicia-se assim um novo período governamental em meio a intensa expectativa por parte da opinião pública.

São esperadas com ansiedade as primeiras realizações. Os cidadãos sempre confiam naquele que nasceu a maioria do sufrágio popular e sentem-se seguros ao reconhecerem os Acórdãos de sua terra. Notam-se por parte de todos uma boa vontade em apoiar as iniciativas do novo prefeito, que estamos certos caberá corresponder e aliara suas esperanças nele depositadas.

## TRIBUNA LIVRE

### OBJETIVO DESTA COLUNA

"O DEMOCRATA" publica brevemente os seus legítimos assuntos do povo. Não se trata de qualquer assunto, mas sim de uma lista de assuntos independentes, sem qualquer tipo de interferência de grupos. Será um veículo de informação e de opinião, que procurará sempre contribuir para um maior e melhor conhecimento do povo e das questões de todos os problemas que o atingem. Não se trata de assuntos de caráter pessoal, mas sim de assuntos de caráter geral. Não se trata de assuntos de caráter pessoal, mas sim de assuntos de caráter geral. Não se trata de assuntos de caráter pessoal, mas sim de assuntos de caráter geral.

## JURAMENTO

Prestaram juramento o prefeito eleito e os vereadores acima, tendo-se após o empossamento da câmara, seguido a eleição de quatro membros, ficando escolhido os arts. Edgar Coelho, para Presidente, Carlos Dias, para Vice-Presidente, Olimpio Guilherme, para 1.º Secretário e Benedito Souto, para 2.º Secretário.

Cumpridas as formalidades da Lei, o Excmo. Dr. Jui Eleitoral passou a palavra, usando a os vereadores, João Queiroz e Benedito Souto, concluindo a festa. Afirmou também que em gesto simpático agradeceu ao então Prefeito eleito, as honras que presta ao seu querido município.

## Política em 15 dias

### A Ultima Crise

O país acaba de atravessar uma fase de intensa instabilidade, em que a opinião pública mantém-se tensa por alguns dias, devido mais ao clima de agitação que certa parte da imprensa tem adotado em favor de que países que realmente tenham a sua. De início, a viagem do Sr. São Thiago Dantas aos Estados Unidos, onde terá negociações com o presidente de estado para a Brasil. No meio de negociações, surge a declaração do Embaixador Lívio Cordeiro, mais tarde, feita como sonda de Departamento de Estado, talvez para aliviar a referida situação americana de que o Brasil estaria voltado a elementos semelhantes em países como a França, e que teria graves consequências para o mundo. Nesta altura dos acontecimentos, promove-se a reunião de uma Comissão de 30

**Anexo VI-** Requerimento de Hermano Penalva a Subsecretaria de Inteligência da Casa Militar da Presidência da República.



Em conformidade com a portaria nº 008, de 16 de Janeiro de 1996, da Subsecretaria de Inteligência da Casa Militar da Presidência da República, e em atendimento ao requerimento de Hermano José Penalva da Silva, protocolado no dia 23 de setembro de 1998, informo que nos arquivos em poder desta secretaria há registros sobre fatos e situações com as seguintes indicações a respeito do requerente:

Hermano José Penalva da Silva, brasileiro, divorciado, pesquisador, filho de Arlindo Ferreira da Silva e Celina Penalva da Silva, nascido no dia 6 de Julho de 1940, em UNA/BA, portador da carteira de identidade nº xxxxxxxx-SSP/BA e Inscrito no CPF.xxxxxxx.

Em 1964 quando residia em Ilhéus/BA, recebia o Jornal “Política Operária”. Em data não precisa, realizava reuniões consideradas subversivas em sua residência, onde recebia visitas e hospedava elementos oriundos de outros estados; ocupava cargo de direção no Comitê Estadual do Partido Operário Comunista-POC, no estado da Bahia; instalou uma célula do POC em Periperi, subúrbio de Salvador /Bahia; fornecia material e apontamentos para doutrinação de estudantes e operários.

Em 9 de maio de 1969, foi indiciado no inquérito policial nº 14/69, instaurado pelo departamento de Polícia Federal, Delegacia Regional da Bahia( DPF/DR/BA), para apurar as atividades subversivas ligadas ao Partido Operário Comunista. O encarregado do inquérito concluiu que o requerente infringiu os arts. 21 e 23 do Decreto-Lei nº 314, de 13 de março de 1967, solicitou aos membros do Conselho de Justiça da 6ª região Militar a decretação da prisão preventiva do requerente e outros. Em Julho de 1969, teve a prisão preventiva decretada pela 6ª região militar.

Em 18 de Julho o Jornal O Globo publicou matéria sob o título”prisões em Salvador”, onde publicou que “ O CPJ do Exército decretou a prisão dos Universitários...Hermano José Penalva da Silva, todos enquadrados na Lei de Segurança Nacional, por terem tentado reorganizar uma célula Comunista na capital baiana e na localidade de Periperi.

Em novembro de 1970, esteve implicado em Inquérito Policial, efetuado pela DR/DPF/BA, que apurou atividades do Movimento de Organização e Luta (MOL),

organismo de frente do POC para o movimento estudantil; não foi indiciado. Não constam maiores dados sobre o assunto.

Em dezembro de 1972, encontra-se asilado no Chile, recebendo ajuda financeira da Associação Chileno-Brasileira de Solidariedade. Em 1973, seu nome figurou em relação de elementos pertencentes às organizações subversivas denominadas Organizações Revolucionária Marxista Política-Operária- (OCML-PO) e Fração Bolchevique (FBI).

Em 1978, seu nome constou de relação de brasileiros vivendo na França. Teve seu nome em relação de brasileiros que retornaram ao Brasil, tendo em 15 de março de 1979, desembarcado no RJ procedente da Suécia, e, no dia 20 do referido mês viajado para Salvador/BA.

Em 20 de março de 1979, prestou declarações por escrito acerca de suas atividades profissionais e de outras pessoas, ao departamento de Polícia Federal/ Superintendência Regional da Bahia.

Em 1 de outubro de 1979, seu nome figurou em relação de pessoas que tiveram sua punibilidade extinta, considerando os termos da lei nº 6.683 de 28 de agosto de 1979, por força do art. 123, inciso II do código Penal Militar (CPM)

Em 20 de Junho de 1980, quando em deslocamento para Argentina apresentou-se a agentes da Polícia Federal, na Receita Federal localizada na Fronteira de porto Mauá/RS, onde preencheu declarações de bagagem.

Ainda em 1980, teve seu nome em relação de pessoas anistiadas com processo sob° número 06/69, da 6° Circunscrição Judiciária Militar (6 CJM), em aditamento a nota publicada no Boletim Especial nº 12 de 28 de setembro de 1979 e nota nº 15/79-DJ, de 8 de outubro de 1979.

É o que se contém em nossos arquivos neste órgão até a presente data.

Brasília/DF, 23 de novembro de 1999.

## Anexo VII- Fotos

**Foto I-** Victor Paes de Barros Leonardi com Colegas na Faculdade de direito de Ilhéus



**Fonte:** Arquivo pessoal de Victor Pães de Barros Leonardi

**Foto II-** Congresso da UNE em Minas Gerais (1963)



Victor leonardi é primeiro da direita para esquerda -de camisa listrada.

**Fonte:** Arquivo Pessoal de Victor Paes de Barros Leonardi.

**Foto III-** Tyrone Perrucho, Presidente do Sindicato de Estivadores de Canavieiras no Congresso do Sindicato dos Estivadores no Rio de Janeiro em 31 de março de 1964.



**Fonte:** Arquivo Pessoal de Tyrone Perrucho

**Obs:** Tyrone Perrucho (terceiro da esquerda para direita- de paletó preto). Neste mesmo dia, foi preso durante 30 dias na internada de Olaria no Rio de Janeiro.

**Foto IV-** Alguns integrantes da FMP reunidos no Bar de Bacelar



Da esq. para direita, sentados- Lino Fontes, Celso Conceição, Victor Leonardi, Djalma Bahia e Luís Neto. Em pé, o terceiro da esq. para direita- José Bacelar de Miranda.

**Fonte:** Arquivo Pessoal de Victor Paes de Barros Leonardi

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)